



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



Fernanda Alves de Araújo

**Vivências Homoeróticas no Contemporâneo: a formação dos
vínculos afetivos e o processo-desconstrução de uma identidade
homossexual**

UBERLÂNDIA

2011



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



Fernanda Alves de Araújo

**Vivências Homoeróticas no Contemporâneo: a formação dos
vínculos afetivos e o processo-desconstrução de uma identidade
homossexual**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Psicologia Aplicada.

Área de Concentração: Psicologia Aplicada

Orientador(a): Prof. Dr. Caio César Souza Camargo Próchno

**UBERLÂNDIA
2011**

Universidade Federal de Uberlândia - Avenida Maranhão, s/nº, Bairro Jardim Umuarama - 38.408-144 - Uberlândia – MG

+55 – 34 – 3218-2701

pgpsi@fapsi.ufu.br

<http://www.pgpsi.ufu.br>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

A663v Araújo, Fernanda Alves de, 1980-
2011 Vivências homoeróticas no contemporâneo : a formação dos
vínculos afetivos e o processo-desconstrução de uma identidade
homossexual / Fernanda Alves de Araújo. -- 2011.
142 f. : il.

Orientador: Caio César Souza Camargo Próchno.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Psicologia.
Inclui bibliografia.

1. Psicologia - Teses. 2. Homossexualismo - Teses. I. Próchno,
Caio César Souza Camargo. II. Universidade Federal de Uberlân-
dia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

CDU: 159.9



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



Fernanda Alves de Araújo

**Vivências Homoeróticas no Contemporâneo: a formação dos
vínculos afetivos e o processo-desconstrução de uma identidade
homossexual**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Psicologia Aplicada.

Área de Concentração: Psicologia Aplicada

Orientador(a): Prof. Dr. Caio César Souza Camargo Próchno

Banca Examinadora
Uberlândia, 1 de março de 2011.

Prof. Dr. Caio César Souza Camargo Próchno
Orientador (UFU)

Prof. Dra. Maria Lúcia Castilho Romera
Examinador (UFU)

Prof. Dra. Maria Alves de Toledo Bruns
Examinador (USP)

Prof. Dr. Sérgio Kodato
Examinador Suplente (USP)

UBERLÂNDIA
2011

2011
IP/UFU

NOME DO ALUNO

PGPSI – Mestrado

MODELO DE LOMBADA

Cores:

CAPA: Modelo da UFU

TEXTO: Modelo da UFU

Dedico esta dissertação aos meus queridos pais e irmãos.

À minha família: meu porto seguro nas horas em que o cansaço não escolhia a hora de chegada nem a hora de saída... Fonte de amor, carinho e cuidado.

AGRADECIMENTOS

Às grandes conquistas estão sempre aliadas a presença afetiva e significativa de cada um que desde o início desta caminhada marcaram minha trajetória durante o mestrado. É assim que, de uma forma bastante singela, agradeço aqueles que fizeram parte e contribuíram com este trabalho, seja intelectualmente ou afetuosamente.

Agradeço:

Aos meus queridos pais, que tanto me incentivaram em mais uma nova e significativa etapa de minha vida. Agradeço pela confiança que depositaram em mim para finalização deste trabalho, pelos conselhos, por suas preocupações nas minhas madrugadas intensas de leitura, pelo cuidado com minha saúde e bem-estar, pelo afeto e carinho grandiosos que me proporcionaram principalmente neste momento em que os dias pareciam pesados demais. E não menos também, pelas risadas e pela forma tão descontraída de viver os dias. Sem vocês este trabalho não faria nenhum sentido. Enfim, obrigada por este amor e apoio incondicionais, meus ourives!

Aos meus amigos, pelo reconhecimento de minha trajetória e pelos poucos, mas significativos encontros nos dias de diversão. Pelo carinho e atenção, nas noites de conversas regadas de reflexões constantes – quando precisei de um ombro amigo – especialmente ao Leandro. Assim, agradeço pela forma como depositaram tantas alegrias em minha vida, sem as quais meus dias poderiam ter sido pesados demais. Vocês são obra-prima de Deus!

Aos meus tios, especialmente à minha tia Margareth e ao meu tio Kélvio, queridos e especiais, que me abrigaram, de forma tão fraterna e carinhosa, num momento tão intenso e frágil ao qual eu me encontrava. O apoio e carinho que recebi de vocês para sempre serei grata. Vocês são incríveis!

À minha querida avozinha pela presença constante de amor, fé, carinho afetuoso e pela admiração que é verdadeiramente recíproca. Foram através de suas nostálgicas lembranças, daquele velho tempo que não se encontra mais, que pude me fazer lembrar tão íntima e detalhadamente a memória de meu querido e amado avô. À memória de meu avô. Proporcionou-me detalhes consideráveis de como era criada uma mulher naqueles tempos antigos; os livros que lia, às missas que compareciam, aos terços rezados e a infalível fé tão incomum nos dias de hoje.

Aos professores de minha Banca de Qualificação, Maria Lúcia e Luíz Avelino pelas sugestões oferecidas ao meu problema de pesquisa. Em especial, à Maria Lúcia, por acreditar no meu trabalho.

À Marineide pela incansável dedicação na secretaria do Programa de Pós-Graduação de Psicologia Aplicada da UFU.

Ao meu querido orientador, Caio, fonte de tamanho e notório conhecimento acadêmico. Agradeço também pela compreensão nos dias difíceis.

E finalmente meu agradecimento a **Deus**, sem o qual eu jamais existiria. Agradeço por me proporcionar a vida, pelas lições que dela eu tiro proveito e por me proporcionar momentos tão especiais nos quais tive a oportunidade de conviver, felizmente, com as pessoas acima! Obrigada por ser o grande impulso da minha vida e por ter me proporcionado pais tão maravilhosos!

“Na adolescência eu sentia uma certa atração que eu temia loucamente. O que eu via sobre isso na minha cidade, Bela Vista, em Mato Grosso do Sul, a única informação que eu tinha era a imagem de um camarada homossexual que passava pela rua e a rua toda vaiava. Isso era a única coisa que eu sabia sobre esse assunto. E vim para o Rio de Janeiro aos 17 anos com uma turma de 40 adolescentes como eu, hormônios voando pelas orelhas, e claro que... Eu não realizei não, mas entre eu e um colega houve algo que nos deixou ligados”. (Ney Matogrosso- em entrevista ao *Jornal O Estado de São Paulo* – sábado, 29 de janeiro de 2011)

O fim dos olhos

A cortina de meus olhos
É a alma e ninguém vê
Meu amor, estes olhos
São só seus e pra você

Não me olhe assim
Deste jeito não tem fim
Qualquer um que me olhar
É menos forte ou ruim

Quantas vezes falarei
Pra você olhar pra mim
Essa dor que me causaste
Não tem preço
E não tem fim.

*Fernanda A. de Araújo
(Dezembro de 2010)*

RESUMO

Em um cenário onde as manifestações político-ideológicas ganham notoriedade no tocante das idealizações GLBTs, objetivou-se nesta pesquisa analisar, na repercussão de tais idealizações, a construção e formação das identidades dos sujeitos que, direta ou indiretamente, nelas estão inseridos. Assim, a partir da problemática “liberdade de expressão” alegada por tais sujeitos, tanto no âmbito da vida pública quanto no da privada, buscou-se também questionar a legitimidade de tal termo na medida que ele dicotomiza a dimensão subjetiva dos mesmos da dimensão do reconhecimento de tais ideais de liberdade. O método interpretativo por ruptura de campo foi eleito para sistematizar as análises, de forma que possibilitou-me estabelecer uma analítica entre os diferentes campos que habitam tal fenômeno. Desta forma, discorro sobre como se deu a construção da diferença sexual na modernidade e sobre como as ideologias médico-científicas contribuíram para a crença na existência de uma única identidade homossexual. A partir de uma perspectiva filosófica, faço referência à questão da representatividade política, necessária para a legitimação e reconhecimento das manifestações GLBTs e, por fim, cujo foco se dá neste trabalho, discorro sobre a formação dos vínculos afetivos no contemporâneo a partir da crítica socio-analítica que Bauman faz aos relacionamentos humanos nos dias atuais. A pesquisa foi possível a partir da análise de quatro sujeitos de forma que, o percurso de análise abrangeu como estes sujeitos se qualificam diante dos relacionamentos por eles estabelecidos ao longo de suas trajetórias de vida; como podem ser descritos ou qualificados estes sujeitos no que diz respeito às suas parcerias homoeróticas e, por fim, como se dá a gestão destas individualidades no cenário contemporâneo. Faço uma análise reflexiva sobre como se dá a imersão destes corpos num meio onde a concorrência imagética é suscitada pela utilização de equipamentos extracorpóreos cada vez mais sutis e que, aos olhos do sujeito, criam uma falsa ilusão de identidade. Finalmente, faço uma análise sobre como a competitividade e, ao mesmo tempo, a luta pela estabilidade no relacionamento com o outro contribuem para um quadro de ansiedade generalizada, no qual os sujeitos, cada vez mais, demandam suportar o vazio na medida em que a liquidez das transformações corpóreas perfazem o cenário das relações humanas.

Palavras-chave: Movimentos GLBTs, Representação, Gênero, Identidade, Vínculo.

SUMMARY

In a scenario where the ideological political manifestations gain notoriety in her idealization of GLBTs, purpose in this research study, in effect of such hamiltonian idealizations, construction and formation of identities of subjects who, directly or indirectly, they are inserted. Thus, from the problematic "freedom of expression" alleged by such subject, both in public life and the private, also sought to question the legitimacy of such term as he dichotomized the subjective dimension of the scale of recognition of such ideals of freedom. The interpretive method for breach of field was elected to systematize the analysis, so that allowed me to establish an analytical between different fields that inhabit this phenomenon. In this way, write on how to get sexual difference building gave on modernity and about how medical-scientific ideologies have contributed to the belief in the existence of a single homosexual identity. From A philosophical perspective, I am referring to the issue of political representativeness, legitimization and recognition necessary for GLBTs demonstrations and, finally, whose focus is given in this paper, discorro on the formation of affective links from criticism in the contemporary socio-analytical Bauman makes the human relationships in the present day. The search was possible based on the analysis of four subjects so that the analysis covered as these subjects qualify on the relationships established by them along their life trajectories; How can they be described or qualified these subject in respect of their homoerotics partnerships and, finally, How is the management of these figures in the contemporary setting. Do a reflective analysis about how these bodies on a medium immersion where imagery competition is raised by the use of extracorporeal equipment increasingly subtle and that, in the eyes of the subject, they create a false illusion of identity. Finally, I an analysis about the competitiveness and, at the same time, the struggle for stability in the relationship with the other contributing to a framework of generalized anxiety, in which increasingly demand support the void to the extent that the liquidity of bodily transformations make up the scenario of human relations.

Keywords: GLBTs Movements, Representation, Gender, Identity, Link.

SUMÁRIO

Introdução.	12
Capítulo 1 - As Nuances do Sexo: Mundo Antigo e Discursos Médico-Científicos. ...	20
1.1. O sexo na Antiguidade.	20
1.2. Os discursos médico-científicos no <i>one-sex model</i> e no <i>two-sex model</i>	26
1.3. <i>A lei da evolução</i> de Darwin e o surgimento do “homossexual”.	29
1.4. Alguns referentes importantes sobre a sexualidade em Freud.	31
1.5. A desconstrução binária: sexo e gênero.	36
Capítulo 2 - Contornos do Homoerotismo no Brasil.	48
Capítulo 3 - As Concepções Freudianas Sobre a Homossexualidade.	51
Capítulo 4 - Percurso Realizado para Encontrar os Sujeitos.	62
Capítulo 5 - Sobre Ditos e Não Ditos.	67
5.1. Estética urgente de uma mercadoria ambulante.	71
5.2. Alguns folêgos: o bailarino que bailava sobre a sapatilha cor-de-rosa.	83
5.3. A face do “Bozo” e o reverso de uma solidão.	96
5.4. Assim eu me sustento: no clichê dos meus dias.	112
Capítulo 6 - Uma análise teórico-reflexiva dos sujeitos e suas “ansiedades nos dias de hoje”: a plasticidade corporal.	115
Capítulo 7 - Considerações Finais.	131
8. Referências Bibliográficas.	138
9. Anexos.	140

INTRODUÇÃO

“Compreendi o perigo das renúncias muito drásticas e deixei de acreditar que a perfeição se encontra no outro lado de uma promessa.” (Marguerite Yourcenar, 1981, p.74).

As contingências que o termo homoerotismo abarca atualmente podem ser vizlumbradas desde os movimentos GLBTs, os quais tem sido palco de diversas manifestações políticas (dentre as quais se destacam o casamento gay e a homoparentalidade) até os contatos e/ou parcerias homoeróticos responsáveis pela formação, duradoura ou não, dos vínculos afetivos estabelecidos nos mesmos.

Com relação aos movimentos GLBTs, os temas ou reivindicações abordados pelos mesmos, os quais tem tido maior recorrência, principalmente através dos destaques midiáticos, estão o casamento gay e a homoparentalidade. À visibilidade destes movimentos podem ser atribuídos aos fatores políticos relativos aos mesmos e que tem como fundamento principal a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Esta Declaração tem como princípios norteadores a afirmação de que toda pessoa tem direito à liberdade de opinião e expressão, tal que este direito inclui a liberdade de ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e idéias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras.

Tais princípios norteadores estão presentes no Guia de Direitos- Direitos Humanos GLBT realizado pelo Ministério Público do Estado de Minas Gerais, Centro de Apoio Operacional das Promotorias de Justiça de Direitos Humanos e Apoio Comunitário e o Fundo Especial do Ministério Público (FUNEMP).

Atualmente, uma das pautas que tem sido alvo de recorrentes discussões e cuja notoriedade se faz diante um contexto prévio, no qual somente configura-se família a união civil entre

pessoas de sexos distintos, é a adoção de crianças por casais gays, ou seja, a homoparentalidade, decorrente do reconhecimento legal do casamento gay. No Brasil, o processo de adoção de crianças por casais gays tem-se efetivado, o que demonstra uma conquista obtida através dos movimentos políticos. No entanto, em alguns países europeus como a França, esta prática ainda tem sido fonte de grandes resistências.

Outro contexto já bastante utilizado para descrever o homoerotismo se dá no âmbito literário. Algumas obras merecem destaque, tais como “Memórias de Adriano”, “O Pombo-Torcaz”, “O Retrato de Dorian Gray”. Nestas obras, o enfoque principal se dava tanto na qualificação dos contatos homoeróticos estabelecidos, quanto nas diversas formas as quais os personagens se descreviam ou se auto-qualificavam.

Neste mesmo sentido outro romance europeu, bastante polêmico para a época, foi lançado. “Alexis ou O Tratado do Vão Combate”, foi escrito por Marguerite Yourcenar, que começou a escrever o livro em 1928, porém só foi lançado em 1963, numa época em que o homoerotismo era associado ao crime e considerado doença. A obra retrata a problemática de Alexis, quando este resolve escrever uma carta para Mônica, sua esposa, no momento em que resolvera abandoná-la.

No decorrer da carta Alexis retrata alguns de seus conflitos existenciais, especialmente, sua atração por homens. Publicado em 1929, Yourcenar já nos aponta, como um assunto tão polêmico e marcado pela interdição, vai ganhando contornos: “Talvez não se tenha observado suficientemente que o problema da liberdade sexual, sob todos os seus aspectos, seja em grande parte um problema da liberdade de expressão. Parece-me, que, de geração em geração, as tendências e os atos variam muito pouco. Ao contrário, o que muda- em torno dele- é a extensão da zona de silêncio ou a espessura das camadas de mentiras. Isso não é verdade apenas nas aventuras proibidas: é no interior do próprio casamento, nos contatos sexuais entre esposos, que a superstição verbal é imposta mais tiranicamente” (Yourcenar, 1981, p. 7).

Já no início de sua carta para Mônica, Alexis ressalta: “A única coisa que me faz prosseguir é a certeza de que não és feliz. Temos mentido tanto, e tanto sofrido por mentir, que não há grande risco em tentar a cura através da sinceridade” (Yourcenar, 1981, p. 19).

Em algumas passagens da carta, Alexis deixa claro seu preconceito contra sua própria condição, chegando até mesmo a denominá-las de vício, inclinações proibidas, transgressões e crises. Já com relação ao preconceito de sua época, este pode ser retratado na passagem da carta quando Alexis declara: “Não tinha ninguém a quem pedir conselho. A primeira consequência das inclinações proibidas é de nos emparedar em nós mesmos: é preciso calar, ou só falar sobre o assunto com nossos cúmplices. Sofri demasiado nos meus esforços para me vencer, por não poder esperar nem encorajamento, nem piedade, nem mesmo um pouco de estima que toda boa vontade merece. Jamais tive intimidade com meus irmãos (...) Se tivesse ousado confessar-me aos meus parentes, o que eles dificilmente me perdoariam seria a própria confissão ” (Yourcenar, 1981, p. 58).

Assim, de forma bastante sutil, Alexis declara à Mônica, já então abatida, a atração que sente por homens: “Pela primeira vez, experimentava um prazer perverso em me sentir diferente dos outros. É difícil não nos acreditarmos superiores quando sofremos muito mais e quando a visão de pessoas felizes nos transmite apenas uma sensação de náusea da felicidade” (Yourcenar, 1981, p. 67).

Em alguns livros médicos datados da mesma época em que o livro foi editado, constam alguns relatos de pacientes homossexuais que se submeteram a tratamentos médicos e relataram estarem curados. Os relatos eram em formas de cartas que, direcionadas aos médicos, tinham o intuito de descrever as mudanças ocorridas na vida do paciente depois do tratamento. (Costa, 1995, pp. 180-181)

Interessante de se notar é a semelhança entre as medidas de tratamento adotadas pelos médicos e os relatos de Alexis, quando tentava resistir ao que ele chamava de recaídas.

O tratamento proposto por Schrenck- Notzing consistia nas seguintes etapas: combater sentimentos homossexuais; induzir sentimentos heterossexuais; obter uma relação heterossexual sistemática e duradoura; obter um noivado e um casamento, isto é, assegurá-lo contra recaídas, colocando-o em condições externas apropriadas. (Costa, 1995, p. 181)

Alexis escreve num determinado momento: “Continuei a lutar. Se a virtude consiste numa **série de esforços**, posso afirmar que fui irrepreensível. Compreendi o **perigo das renúncias muito drásticas** e deixei de acreditar que a perfeição se encontra no outro lado de uma promessa (...) Experimentava espaçar as **crises** e cheguei a um **cálculo maníaco de meses, semanas, dias**. Sem confessá-lo a mim mesmo, vivia, durante os **períodos de austera disciplina**, sustentado apenas pela expectativa do momento em que **me permitia recair**. Terminava, em geral, por ceder à primeira tentação que aparecesse, simplesmente porque me privara do prazer por tempo excessivamente longo. Fixava, por antecipação, a data de minha próxima queda, mas cedia rápido demais”. (Yourcenar, 1981, p. 74)

Em alguns trechos da carta Alexis detalha passagens de sua vida familiar, as circunstâncias de seus contatos homoeróticos, especialmente a forma como descrevia tais contatos. Assim, no decorrer da carta, Alexis qualificava tais contatos desde suas expectativas até as frustrações decorrente deles.

Visto e analisado por um outro espectro, o homoerotismo pode ser qualificado também através das parcerias homoeróticas, as quais estão bastante evidentes nos dias de hoje, e que se referem, aqui, aos relacionamentos, duradouros ou não, os quais os sujeitos homens estabelecem ao longo de suas vidas. Bauman (2004), fazendo referência a modernidade líquida, já nos aponta sobre a fragilidade dos vínculos humanos na contemporaneidade, o sentimento de insegurança que deles sucita bem como os desejos conflitantes que, ora se nutrem do desejo de fortalecer tais laços e ora se tenta afrouxá-los, como que numa tentativa frustrada de prever sua dissolução. Assim, afirmará então que, se as atenções humanas se

concentram nos vínculos afetivos que os laços humanos proporcionam ao sujeito é porque estes laços não estão sendo considerados plenos e verdadeiramente satisfatórios (Bauman, 2004, p. 9)

Bauman (2004) considera os laços humanos, na atualidade, sob a ótica da oferta de sedução dos objetos. Faz referência ao conceito de sublimação de Freud e afirma que, o processo sublimatório, agora difuso e disperso, promove a eleição dos objetos de forma que estes mesmos são escolhidos ou selecionados tendo em vista o grau de satisfação que deles poderão emanar. Assim, o vínculo afetivo é atualizado o tempo todo de forma que, se as necessidades dos sujeitos não são satisfeitas por um dos parceiros, o laço é rompido, estendido ou investido a outrém continuamente (Bauman, 2004, pp. 76-77).

Assim, num momento em que a liberdade de expressão, decorrente da oferta de possibilidade de parcerias ou contatos homoeróticos, proporcionados também pelo surgimento de boates GLS, é evidente, surgiram em mim algumas indagações, as quais: como estes sujeitos se qualificam diante os relacionamentos por eles estabelecidos ao longo de suas trajetórias de vida; como podem ser descritos ou qualificados estes sujeitos no que diz respeito às suas parcerias homoeróticas e, por fim, como se dá a gestão destas individualidades no cenário contemporâneo?

No primeiro capítulo faço uma breve contextualização histórica na qual, entre outros fatores, a diferença entre os sexos foi sendo estabelecida e moldada de acordo com as demandas da cultura. Para tanto faço menção ao conceito de sexualidade a partir de Costa (1995) e, a partir de tal conceito, pretendo mostrar ao leitor, através da própria história, o quanto o conceito de sexualidade é contingente e fruto de uma série de interpretações que se tem sobre o corpo, numa data época em que tais demandas são aceitas. Narro alguns entraves presentes no discurso literário médico, a partir de Laqueur (2001), os modelos *one-sex model* e *two-sex model*, inventados para explicar as diferenças entre os sexos. Neste mesmo

momento faço uma breve análise sobre a repercussão deste modelos na questão da representatividade política notoriamente masculina e que consiste num ponto culminante dentre as análises que a filósofa Butler (2008) faz a partir da diferenciação e dos limites circunscritos aos termos sexo e gênero.

Em seguida, via Costa (1995), cito alguns conceitos referentes à *lei da evolução* de Darwin, especialmente os instintos de sobrevivência e o instinto sexual, este último ligado à preservação da espécie e que une os instintos sexuais aos instintos sociais. Esta análise é feita para demonstrar ao leitor como Freud, anteriormente à obra “Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade”, incorporou tais conceitos na tentativa de delinear uma possível identidade homossexual. Posteriormente faço referência aos principais conceitos psicanalíticos adotados por Freud (conceitos referentes à sexualidade que terão repercussão nas teorizações freudianas sobre a HOMOssexualidade) e que rompem diretamente com os discursos médico-psiquiátricos – provindos da medicina oitocentista – mas que ainda assim, em alguns olhares de certos psicanalistas causam certo estranhamento.

No segundo capítulo discorro sobre os primeiros contatos homoeróticos datados da época do Brasil Colônia, em seguida a apropriação do discurso médico científico responsável pela patologização das práticas homoeróticas, até o momento em que o surgimento de bares e boates destinados especificamente a um público gay ficou evidente.

Em “As Concepções Freudianas sobre a Homossexualidade” abordo os diferentes posicionamentos de Freud em relação à homossexualidade, a partir de suas análises nos diferentes casos. Assim discorro sobre as teorias propostas pelo mesmo a respeito da fenômeno, nas quais ele relaciona conceitos tais como, perversidade polimorfa, narcisismo e bissexualidade, passividade, hostilidade e masoquismo. É neste momento que observa-se no decorrer de suas análises mudanças significativas nas concepções que o mesmo tem acerca do fenômeno. Este momento foi bastante importante, principalmente durante a condução e

análise das entrevistas, pois diante as mudanças e complementações teóricas acrescidas por Freud é que se pode estabelecer um link entre as falas dos sujeitos e os campos que permeavam tais falas; campos que Freud rompeu nas falas dos sujeitos em suas análises. Assim, a partir das falas dos sujeitos aqui analisados, pude ir além e romper com a fala estrita que organiza as relações cotidianas.

No quarto capítulo exponho os diferentes percursos por mim realizados na tentativa de se chegar aos sujeitos, bem como as dificuldades que encontrei para efetivar a participação dos sujeitos na pesquisa. Faço também algumas considerações sobre as observações de campo que fiz em uma boate localizada na cidade de Uberlândia e alguns pontos os quais tomei nota a partir da observação de campo.

No quinto capítulo “Sobre Ditos e Não Ditos” abordo sobre a questão do método da Psicanálise, a partir do qual se fará presente o tempo todo, na análise dos sujeitos que se seguirá adiante. Dei aos nomes dos capítulos títulos metaforizados que são referentes às principais análises de cada sujeito. Assim, é a partir das falas dos sujeitos que se produzirão metáforas interpretativas na medida em que se irá nos para-além das falas dos sujeitos.

No sexto capítulo, a partir dos objetivos aqui traçados, faço um apanhado geral dos discursos produzidos no decorrer dos encontros e entre os diferentes sujeitos. Em seguida discorro, sob uma perspectiva sócio-analítica, sobre como estes sujeitos se deflagram no cotidiano contemporâneo e a partir do qual se dá a elaboração ou gestão de suas individualidades. Por fim, faço uma análise de como podem ser qualificadas as parcerias homoeróticas que estes sujeitos estabelecem ao longo de suas trajetórias de vida.

Assim, este foi o caminho eleito para percorrer o meu objeto de estudo, qual seja o sujeito e as práticas homoeróticas. Pude observar que o método psicanalítico possibilitou-me ampliar novas lentes de descrição desta realidade na medida em que permitiu-me descortinar um velho emblema presente na pauta discursiva homoerótica “a tão cara liberdade de expressão”. Em

outras palavras, pude desvelar como um discurso tão ingênuo – e caro às comunidades LGBTs – esconde e ao mesmo tempo revela frágeis subjetividades, na medida em que fabrica nestes corpos uma espécie de moldura plástica, a qual aderida de super-resistências, é necessária à adequação destes sujeitos aos moldes ideais contemporâneos.

1. AS NUANCES DO SEXO NO MUNDO ANTIGO E NOS DISCURSOS MÉDICO-CIENTÍFICOS.

Se quiser saber o que significa o sexo, basta olhar para a História. Através do passado, perceberá o que acontece nos dias de hoje.

Hugh Hefner

A intenção deste capítulo é fazer uma breve contextualização histórica na qual, entre outros fatores, a diferença entre os sexos foi sendo estabelecida e moldada de acordo com as demandas da cultura. Para tanto farei menção ao conceito de sexualidade a partir de Costa (1995), na qual a sexualidade é a feição histórica assumida por uma série de prescrições, interdições e permissões a respeito de certas condutas humanas, sem contrapartida ou isomorfismo com condutas humanas de outras épocas ou situações culturais. Assim, a partir de tal conceito, o objetivo último deste capítulo é fazer com que o leitor observe, através da própria história, o quanto o conceito de sexualidade é contingente e fruto de uma série de interpretações que se tem sobre o corpo, numa data época em que tais demandas são aceitas.

1.1. O sexo na Antiguidade.

As primeiras descrições escritas sobre o sexo apareceram nas figuras de barro da civilização antiga da Mesopotâmia, que se desenvolveu em 3200 anos a.C. Localizada na região do ocidente próximo, a Mesopotâmia era uma terra de contrastes, sabedoria e exotismo. Não se sabe a data precisa da pré-história em que teve início a guerra dos sexos, mas uma coisa é certa: na vida mesopotâmica, o amor e o sexo não foram criados igualmente. “Era uma sociedade claramente patriarcal; um sistema onde a mulher era subserviente ao

homem. Não se esperava que o homem fosse totalmente fiel a mulher. Eles tinham acesso aos favores sexuais das escravas caseiras e podiam visitar prostitutas sem qualquer constrangimento”.

Na Mesopotâmia o sexo não era uma questão moral, era uma simples combinação unilateral. De certa forma, a mulher e seu corpo em particular assim como sua capacidade reprodutora eram propriedades do homem. O adultério era considerado uma ofensa ao marido pois prevalecia a exclusividade sexual em relação a sua mulher, sendo portanto considerado crime.

Há um caso interessante que se passou a 1.600a.C em que o marido apanhou sua mulher com outro na cama, a qual os amarrou. Assim os levou a presença dos juízes. A mulher tinha uma espécie de piercing espetado no nariz. Hoje as mulheres fazem isso a livre vontade. Mas naquele tempo, isto era uma forma de mutilação considerada humilhante.

Nem todo o sexo extra conjugal era proibido. De fato, o rei já tinha uma cláusula de performance no seu contrato. Pensamos que entre 2.100a.C e 1.600a.C era uma obrigação o rei praticar relações sexuais regularmente com uma sacerdotisa ou qualquer outra mulher que representasse a deusa Inanna, como era conhecido pelos sumérios. Isto acontecia particularmente como um sinal para assegurar um ano de um reinado de sucesso para o rei, bem como nas batalhas e em outras áreas também.

O sexo não era um domínio somente constituído pelos reis, prostitutas e deuses místicos. As mulheres queriam fazer os homens se apaixonarem por elas e os homens queriam se apaixonar pelas mulheres. Eles e elas compunham canções para se seduzirem mutuamente. De acordo com Jerrold Cooper, mulheres e homens compunham músicas para se seduzirem mutuamente e, nestas mesmas músicas, ele acredita que havia as primeiras descrições do orgasmo feminino.

Para os egípcios, a humanidade foi criada através do ato de masturbação do deus Aton, sendo seu representante legítimo o faraó Akhenaton (religião monoteísta), pertencente a XVIII Dinastia Egípcia. Havia poucas proibições acerca das práticas sexuais. De fato, não existia nenhuma palavra para identificar a palavra virgem no Antigo Egito.

O casamento era muito importante para os egípcios. Assim, o adultério ameaçava essa base fundamental da sociedade egípcia. A mulher adúltera era literalmente atirada aos cães ou queimada. O homem, quando condenado, era mutilado. Uma das características da civilização egípcia era o conceito sobre a procriação de herdeiros. Ninguém seria bem sucedido se não tivessem herdeiros que preservassem o seu nome, a sua cultura após a sua morte (alguém que perpetuasse sua memória).

O casamento entre irmãs e irmãos, pais e filhas da família Ahknem suscitou rumores de que ele teria sido a inspiração original do Édipo de Sófocles. Heródoto, um estudioso e colunista social do mundo antigo contou a história de outro rei, o tirano Cufuh que juntou dinheiro para construir a pirâmide de Gizé, através da prostituição da própria filha. Heródoto afirmou que, todas as vezes que ela saía com um cliente, o mandava trazer um tijolo. E assim, construiu sua própria pirâmide. Tal pirâmide é a que conhecemos hoje como Quéfren.

O comportamento libertino dos homens da elite grega estava inspirado nas atitudes do seu deus, Zeus. O amor romântico entre homens e mulheres não era o modelo da Grécia clássica. Os casamentos, na maioria das vezes, eram acordos econômicos para garantir as gerações e as heranças. As mulheres gregas que, geralmente eram mais novas, 10 a 25 anos mais jovens que os maridos, estavam predestinadas à vida doméstica, à vida sentimental do lar. As casas gregas eram divididas em duas partes: uma delas era onde ficava a sala de festa ou simpósio, que eram chamadas de Andrum. Era o quarto onde o homem se divertia e fazia suas orgias. As mulheres tornavam-se dançarinas, tocavam música. Entre estas pessoas festeiras, estavam as garotas de finais de noite conhecidas como as servas de Afrodite ou Hetairas.

Hetaira significa acompanhante; eram mulheres que conviviam com seus amantes, frequentavam os banquetes e outros eventos com eles, e que eram normalmente muito cultas e educadas.

Os gregos acreditavam que as mulheres estavam mais inclinadas para o sexo que os homens. Simultaneamente exerciam uma forte proibição sexual sobre as mulheres casadas. Existe um poema que descreve algumas mulheres que iam ao sapateiro encomendar vibradores de couro. Se perguntássemos a uma mulher grega ou romana quanto tempo ou dinheiro gastavam para os adquirirem, ela certamente iria responder que isso não importava.

Às mulheres de Atenas estava associada a idéia que elas eram extremamente talentosas nos atos sexuais e ao prazer que proporcionavam aos homens. Comportavam-se como lésbicas e praticavam sexo oral com todos os homens dos banquetes.

Safos de Lesbos nasceu provavelmente cem anos depois de Homero. Não era necessariamente homossexual, apesar de escrever poesia erótica acerca do desejo por lindas e jovens moças. As poesias eram tradicionais e eram cantadas por jovens moças para outras moças. Normalmente em cerimônias religiosas públicas, descreviam em termos sexuais, porque a linguagem do amor sexual e de admiração e oração estavam bastante ligadas à poesia grega.

Na Grécia clássica não haviam estigmas relacionados à homossexualidade masculina ou feminina. Platão cantava orações de amor no simpósio. Os gregos não discriminavam as preferências sexuais. Não havia um poder estabelecido de julgamento moral. As relações sexuais envolviam frequentemente homens mais velhos e rapazes mais novos; uma prática conhecida como pederastia. Algumas subculturas da Grécia, principalmente as da elite, romanticizavam esta relação dos homens mais velhos com os rapazes; era uma espécie de ritual de passagem. Havia certas regras de auto-limitação impostas aos homens mais velhos,

em casos como este, que dava origem a uma espécie de relação romantizada ou de namoro que nunca envolvia a penetração nos jovens rapazes.

As partes genitais masculinas representavam sorte na cultura romana. O princípio básico da sexualidade romana consistia no domínio de uma pessoa sobre a outra, que tinha de se subjugar. No topo desta hierarquia carnal estava a elite romana masculina. Os romanos procuravam e compravam todos os tipos de companhia sexual. A única maneira de um homem romano ter problemas por causa de relacionamentos extra-conjugais era se se envolvesse com a esposa, filho ou filha e outro cidadão romano. Os objetos de desejo mais comuns da elite masculina eram os escravos das casas dos ricos. Mesmo que conseguissem ganhar sua liberdade, estes homens e mulheres quase não tinham estatuto social. A diferença entre o corpo de um escravo e o corpo de um cidadão era que o do escravo era propriedade, uma propriedade especial, sexual e aberta à penetração. Isto acontecia com homens e mulheres.

As mulheres romanas eram de certa forma cidadãs de segunda classe, não votavam embora possuíssem propriedades e não podiam circular livremente em público. No entanto, eram fortemente opinativas, esperavam ter filhos, mas não queriam ficar em casa inutilmente. De uma boa esposa romana, era esperada fidelidade conjugal. Mas em alguns casos, as mulheres da elite eram tão inquietas quanto os seus parceiros. Um grande número de mulheres romanas e ilustres tiveram relações extra-conjugais.

Embora a atração sexual tivesse uma base biológica, parecia mais genealógica do que genital. Na história de Aristófanes das origens do homem e da mulher de dois aborígenes, criaturas globulares com dois órgãos masculinos ou dois órgãos femininos, ou um de cada, só aqueles que descendiam da forma hermafrodita procurariam 'naturalmente' o sexo 'oposto' para chegar a uma união. As criaturas globulares originais tinham a genitália para fora, 'soltavam sua semente e faziam as crianças, não uma na outra mas no chão, como as cigarras'.

Nesse novo estado cortado elas ficavam imóveis, abraçadas às suas metades perdidas, e morriam de fome e de ociosidade. Zeus teve a idéia de recolocar os órgãos genitais de uma metade das novas criaturas, ‘e ao fazer isso inventou a reprodução interior, *pelos homens nas mulheres*’. A grande vantagem disso era que quando o novo macho abraçava a nova fêmea, jogava sua semente nela e produzia filhos e, quando o macho abraçava o macho ‘eles pelo menos tinham a satisfação do coito, depois soltavam-se, voltavam para suas tarefas e cuidavam de seus afazeres da vida’. Neste contexto, os órgãos sexuais são muito difíceis de serem descritos. Mas o que se pode observar são as interpretações sobre a atração entre os “sexos”. (Laqueur, 2001, pp. 66-67).

Por outro lado, quando a hora e o *status* estão em jogo, o desejo pelo mesmo sexo é considerado perverso, mórbido e completamente repugnante. Laqueur (2001) ressalta que se escreveu muito mais sobre sexo entre homens que entre mulheres pois, as consequências sociais e políticas imediatas do sexo entre homens eram potencialmente muito maiores. Já o sexo entre mulheres tinha relativamente pouca consequência. Quando o sexo era praticado entre homens ou entre mulheres, a questão era identificar a diferença de *status* entre os parceiros e precisamente quem faz o quê. O homem ativo, o que penetra no coito anal, ou a mulher passiva, a que se deixa esfregar, não ameaçavam a ordem social. O parceiro fraco, efeminado é que tinha problemas profundos, em termos médicos e morais. Seu próprio semblante denotava sua natureza: *pathicus*, o que era penetrado; *cinaedus*, o que demonstrava uma luxúria anormal; *mollis*, o passivo, efeminado. Havia a *tribade*, a mulher que fazia o papel do homem, que era condenada e, como *mollis*, era considerada vítima de uma imaginação doentia e com sêmen excessivo e mal direcionado. As ações do *mollis* e da *tribade* eram anormais, não por violarem a heterossexualidade natural, mas por representarem literalmente personificarem- as reservas radicais culturalmente inaceitáveis de poder e prestígio. (Laqueur, 2001, p. 67).

1.2. Os discursos médico-científico no *one-sex model* e no *two-sex model*.

Durante milhares de anos acreditou-se que as mulheres tinham a mesma genitália que os homens, só que - como dizia Nemesius, bispo de Emesa, do século IV – ‘a delas fica pra dentro do corpo e não fora’.

Da mesma forma que na anatomia, a fisiologia do sexo único representava uma economia corpórea geral dos fluidos corporais. Laqueur (2001), afirmará que “a fisiologia dos fluidos fungíveis e do fluxo corpóreo representa, em um registro diferente, a ausência do sexo especificamente genital” (p. 50).

À respeito da fisiologia, os termos habitualmente descritos eram o sangue, o leite, a gordura e o esperma. Por exemplo, a mulher grávida não menstrua porque o excesso necessário para a conversão do fluido corporal em menstruação, era transformado ou em nutriente para o feto, ou, na amamentação, o sangue era convertido em leite. Hipócrates afirmava que o esperma era primeiro refinado no sangue, passava pelo cérebro e voltava, através da medula espinhal, rins e testículos, ao pênis. Isidoro afirmava: ‘Depois do nascimento, todo sangue que ainda não foi despendido para nutrir o ventre flui por passagem natural para os seios, embranquece e assume a qualidade de leite’. (Laqueur, 2001, pp. 50-51).

Para Aristóteles, homens e mulheres ejaculavam, porém é a qualidade do esperma que os diferenciaria. Assim, o sêmen do homem era mais potente e com maior capacidade de agir como causa eficiente do que a ejaculação feminina, visto que, o sêmen do homem é mais branco e mais denso do que o da mulher. Homens magros produzem mais sêmen que os obesos, pois nestes grande parte dos fluidos corporais são utilizados como nutrientes para a gordura. (Laqueur, 2001, p. 53).

Porém, posteriormente, Hipócrates afirmará que tanto o homem quanto a mulher podem produzir espermatozoides fortes. Resultará assim que, para Hipócrates, quando ambos os parceiros

produzirem esperma forte, nascerá um menino; se ambos produzirem um esperma mais fraco, nascerá menina; e se em um o esperma for fraco e no outro forte, o sexo da criança dependerá da quantidade de esperma produzido (Laqueur, 2001, p. 54)

Galeno, no século II d.C, desenvolveu um modelo da identidade estrutural dos órgãos reprodutivos do homem e da mulher, demonstrou com detalhes que as mulheres eram homens imperfeitos, pois lhes faltavam o calor vital para que suas vísceras ficassem visíveis. Este é o modelo de sexo único ou, como Laqueur denomina, o *one-sex model*. Nele homens e mulheres eram diferenciados segundo o grau de perfeição metafísica, no qual o referente principal de tal diferenciação era o calor vital. (Laqueur, 2001)

Costa, citando Laqueur (1989) afirma:

No *one-sex model*, que dominou o pensamento anatômico por dois milênios, a mulher era entendida como sendo um homem invertido. O útero era o escroto feminino, os ovários eram os testículos, a vulva um prepúcio e a vagina era um pênis”. (p. 100)

Da mesma forma que a ausência/presença do calor vital influenciou as disposições anatômicas em homens e mulheres, ele também teve consequências na fisiologia ou economia de fluidos do modelo de sexo único. Homens frios ou com menos desejo são menos potentes e menos fecundos, tendo assim maior probabilidade de ter sangramento como o menstrual e inúmeros incômodos físicos. Um médico inglês, cujo nome não é citado, pensava que homens de ‘compleição fria, úmida e feminina’ tinham maior probabilidade de ter leite no peitos. Já as mulheres frias tinham maior probabilidade de sofrer retenção da semente, amenorréia com uma série de sequelas clínicas: depressão, membros pesados, infertilidade e histeria. (Laqueur, 2001, pp. 129-130)

Durante o século XVIII, com a decadência do *Ancien Régime* e o advento do Iluminismo, a emergência de ideais democráticos de igualdade entre homens e mulheres tornou-se um problema. A esfera pública burguesa foi criada como domínio dos homens e esse privilégio se

baseou em uma antropologia física da diferença sexual que manteve as mulheres na esfera privada, reféns do mito da maternidade e de sua inelutável diferença-inferioridade biológica (Laqueur, 2001, p.242).

No final do Iluminismo, a recém-descoberta da ciência médica de que a concepção, momento em que se frutifica a semente no ato sexual, era independente do prazer/orgasmo feminino, promoveu uma forma de interpretar o corpo da mulher, abriu possibilidades para um discurso pautado na passividade natural do corpo feminino e na “falta de paixão” da mulher. Julgava-se que a maiorias das mulheres não tinham sentimentos sexuais, termo esse referido à ausência de orgasmo, o qual era necessário à concepção. No final do século XVII os orgasmos, ou melhor, a falta destes, tornou-se um marco principalmente de repercussões históricas para a biologização das diferenças (Laqueur, 2001).

A partir deste momento, a diferenciação entre homens e mulheres foi pautada em critérios anátomo-fisiológicos. Patrick Geddes, um professor de biologia no final do século XIX, utilizou-se de conhecimentos da fisiologia celular para explicar o “fato” de as mulheres serem “mais passivas, conservadoras, indolentes e variáveis”. Uma das metáforas utilizada por Geddes era que as mulheres consumiam mais rendimentos que os homens justamente por serem constituídas de células anabólicas que, por armazenarem e conservarem energia, retinham mais energia em seus corpos e portanto eram mais passivas e não tão ativas quanto os homens que “despendiam” mais energia que elas (Laqueur, 2001, pp. 17-18).

As estruturas anatômicas tomadas como referência para a bissexualização do sexo foram os ossos, os nervos e os órgãos genitais. A mensuração do crânio e o estudo das aparências morfológicas da face, do contorno da cabeça “revelavam” o caráter de homens e mulheres em suas especificidades sócio-emocionais. O crânio feminino era, geralmente, menor que o crânio masculino e a proporção entre o tamanho do crânio e a superfície corporal da mulher era maior do que a do homem, pois o tamanho do corpo masculino era maior que o do mulher.

As diferenças funcionais anatômicas foram utilizadas como argumentos para justificar que a mulher estava socialmente inapta ao exercício da política, da administração pública e da ciência devido sua inferioridade intelectual. Outro argumento utilizado por médicos, fisiologistas e anatomistas para a bissexualização dos sexos e que contribuiu para as mulheres ficarem reféns do mito da maternidade foi a estrutura óssea pelviana. A histeria, tida como neurose de encéfalo, era considerada uma doença dos nervos a qual as mulheres estavam predispostas devido às exacerbações generalizadas das paixões- consequência da sensibilidade dos nervos femininos- e a maneira a qual reagiam frente a uma sensação afetiva. À histeria estava associado algumas patologias do prazer sexual, como por exemplo a masturbação ou superexcitação do nervo pubiano. Muitas mulheres tiveram seus clítoris retirados ou parcialmente removidos devido a associação que havia entre a histeria e a masturbação. (Costa, 1995, pp. 115-122)

Alguns homens apresentavam o mesmo quadro sintomatológico da histeria feminina. Estes homens, sobretudo, eram os ferroviários, trabalhadores manuais e pobres. Esta época era a da “*formação da classe trabalhadora* e dos grandes investimentos do do Estado na infraestrutura necessária à expansão capitalista na Europa: 14 a 16 horas de trabalho diárias, de um lado, exército de reserva, de outro”(Costa, 1995, p. 123).

1.3. A lei da evolução de Darwin e o surgimento do “homossexual”

O conceito da *lei da evolução* de Darwin que mais contribuiu para o surgimento do homossexual foi a hierarquia dos instintos: o instinto de sobrevivência à favor da adaptação do indivíduo ao seu meio; o instinto sexual à favor da necessidade de preservação da espécie através da reprodução e, por último, o instinto gregário, à favor da preservação dos grupos.

Assim, o homem histérico, que feria as diferenças originais já estabelecidas entre homens e mulheres, era um sujeito que se desviava sexualmente dos objetivos instintivos (propagação da espécie), devido a predisposição degenerativa causadora das disfunções anátomo-patológicas. A idéia de uma disfunção anátomo-patológica recairá novamente sobre os nervos, de tal forma que, a causa do comportamento homossexual será atribuída a uma influência psíquica que agia sobre o centro gênito-espinal, porém, o sentimento ou a tendência eram pervertidos (Costa, 1995, p.166).

A influência psíquica será agora o ponto de partida da descrição do invertido, tal que estas primeiras descrições serão feitas a partir da idéia do amor romântico, ou seja, o que no homossexual falta em comparação com a moral burguesa e os bons costumes de homens e mulheres da época? O resultado será discursos tais como : “Os homossexuais não são capazes de amores exclusivos e duráveis, pois buscam sempre uma qualidade determinada. Por exemplo: a virgindade de um garoto; uma vez obtida, cessa o interesse” ou “Os invertidos homens gostam de cozinhar, de tricotar, de bordar, amam as bijuterias, as roupas que chamam a atenção pela cor e pela forma, seguem servilmente a moda. Mostram uma polidez afetada, têm uma grande tendência para a mentira, são vaidosos, tagarelas e indiscretos. Gostam de dança e notou-se no homem a incapacidade para aprender a assobiar.” (Costa, 1995, p. 171-172).

A partir deste momento a medicina apropriará do “homossexual” na categoria de desvio ou perversão sexual, e tomará como meta o controle e a cura de suas manifestações, através de alguns programas de tratamento (Costa, 1995, pp. 180-181).

Enfim, as novas formas de interpretação do corpo não foram consequência de um maior conhecimento científico específico. Resultaram, sobretudo, de duas grandes vertentes analíticas: a vertente epistemológica e a vertente política. A construção de um “mundo de dois sexos” se deu mediante uma tendência epistêmico- racionalista enquanto uma estrutura radical

da certeza como verdade, que via no corpo a possibilidade de conhecê-lo em toda sua especificidade, forma, conteúdo e processos inerentes ao seu funcionamento.

1.4. Alguns referentes importantes sobre a sexualidade em Freud.

Antes de iniciar os primeiros caminhos, os quais eu escolhi, e para delinear os conceitos freudianos indispensáveis para a compreensão do fenômeno aqui proposto a ser investigado, afirmo que a riqueza e o detalhamento das análises de Freud são impossíveis de serem explícitas por três motivos: primeiro porque, qualquer pesquisa que se proponha investigar algum fenômeno, requerirá do pesquisador um recorte teórico específico ao plano de análise proposto pelo mesmo; o segundo motivo refere-se à impossibilidade de explanação total e restrita da teoria freudiana – a qual Freud debruçou-se arduamente durante anos para realizá-la – em uma dissertação de mestrado; e o terceiro e último motivo é relativo à não necessidade de tal abranger, visto que talvez o caminho a ser percorrido ficaria muito longo ao ponto de se perder em tantas teorizações, o que provavelmente culminará num caminho não tão claro e não tão visível para o leitor.

O meu ponto de partida será, então, sobre a caracterização/qualificação básica, atribuída por Freud, referente ao conceito de sexualidade. Creio fortemente que sem a explanação de tal conceito, a análise das teorizações consequentes ao mesmo ficaria equivocada e mal delineada.

Nos “Três Ensaio” Freud opõe a idéia de que a sexualidade é puramente natural e que sua manifestação se daria somente na puberdade. Afirma então que não há uma atração natural entre os sexos e que, muito menos, a sexualidade humana se limitaria a uma natureza heterossexual do objeto vinculada ao primado genital (Áran, 2009, p. 655)

A trajetória das elaborações freudianas perpassam por quatro conceitos gerais básicos: a noção de inconsciente, a noção de pulsão, a noção de objeto e a noção de desejo. Com relação às noções de pulsão e objeto sexual, ele afirma que aquela independe desta para se manifestar visto que não há uma correlação única e diretiva da relação entre a pulsão demandada pelo sujeito e o objeto a ele supostamente correlacionado. Afirmará também que tanto as trajetórias ditas perversas quanto as normais necessariamente tocam e se sustentam através de um emaranhado conjunto de emoções e posições através e na experiência com o outro; sendo primeiramente esse outro, o outro materno.

Já as noções de inconsciente e desejo estão em outro registro: o registro simbólico e o das emoções. É neste processo que o desejo se erige, pois ele institui formas de elaboração do sujeito consigo mesmo e com o outro. Neste sentido, a fase edípica e o processo de castração manifestam notoriamente este caráter simbólico e imaginário. Outra característica importante referente a estas noções freudianas situa o caráter autônomo destas em relação ao próprio sujeito em questão. Em outras palavras, além do sujeito não ter consciência destes processos, ele se torna alvo primeiro no processo de manifestação da sexualidade.

Posteriormente, Freud afirmará então sobre o caráter perverso da sexualidade. Há, porém dois momentos distintos que Freud analisará este conceito tão importante. Num primeiro momento o termo perversão está ligado à estrutura básica da sexualidade infantil, sendo então esta perversa em si, pois moções sexuais partiriam de zonas erógenas e se sustentariam em pulsões que, dada a direção do desenvolvimento do indivíduo, só poderiam provocar sensações desprazerosas. Na segunda concepção o termo perverso se refere ao momento de castração e do complexo de Édipo, fortes componentes culturais na constituição do sujeito psíquico. Assim, se a condição da atividade sexual infantil é a perversidade polimorfa, o modelo para a sexualidade adulta resultaria na criança “perversa polimorfa”, moldada de acordo com os padrões e normas ditadas pela cultura.

Antes do Complexo de Édipo ser instituído como máquina subjetivante e potencialmente formadora da identidade sexual, Freud designou os “diques” que, no período de latência, entrariam em ação reprimindo a diversidade e a plasticidade das pulsões parciais. Tais diques referem-se à manifestação do asco, vergonha e a moral, ou seja, às exigências dos ideais éticos e estéticos (Áran, 2009, p. 656)

Para Freud, o Complexo de Édipo se apresenta num momento de passagem e por isso mesmo deverá ser superado e destruído. Assim, ainda que para Freud o Complexo de Édipo tenha um efeito normativo- em que a mulher tem como destino a “inveja do pênis”-, ele não adquire uma função estrutural e não significa uma prova da entrada do sujeito na cultura ou na civilização. Neste sentido é fundamental distinguir o pressuposto teórico da dissolução do Complexo de Édipo com aquele da transformação do Complexo de Édipo em condição de subjetivação.¹ (Áran, 2009, p. 657)

A noção de castração, cuja função entende-se interditora e normativa, mapeia a resolução do Édipo tanto na trajetória masculina quanto feminina. Porém nesta última, Freud diferenciará a forma positiva da negativa. A forma positiva tem como enredo o desejo de morte do rival do mesmo sexo e o desejo sexual pela personagem do sexo oposto. O fim então será a maternidade como forma de simbolização da falta do pênis, ao passo que na versão negativa o fim será a renúncia à maternidade e a virilização do corpo feminino.

A anatomia referente à diferença sexual fica evidente em Freud mesmo que ele tenha superado, ao longo do seu discurso, a concepção anátomo-biológica vigente em sua época. Assim, quando ele refere ao pênis do menino como sendo o principal objeto autoerótico e

¹ O falo em psicanálise designa um símbolo. Este símbolo tem suporte de imagem. Representa um símbolo daquilo que pode preencher uma falta; aquilo que está no lugar do que falta. Por isso, o pênis é o símbolo fálico número 1 da Psicanálise. Quando a criança percebe a diferença sexual, percebe também que no corpo da mãe falta algo também, ao passo que no corpo de seu pai não falta. É neste momento que a menina perceberá que aquele (o pênis do pai ou o do irmãozinho) ela não pode ter, tornando então o primeiro momento no qual o falo se torna para a menina, o único objeto capaz de substituir uma falta. A partir daí o menino começa a imaginar que ele também tem e então ele pode vir a preencher o que falta na sua mãe ao passo que a menina começa a imaginar que ela não tem e que algum dia ela quer que alguém venha a lhe dar alguma coisa desta ordem. É a partir desse pressuposto que Freud concebe a idéia de que a menina sempre invejará o pênis do menino e na qual resultará a idéia de que a maternidade, para a mãe nada mais é ou representa o falo que ela nunca teve.

fonte de autoestima, o faz com base em dois pressupostos. Primeiro, o de que a menina sentirá necessariamente inveja do órgão genital do menino e, segundo, que essa inveja é necessária para a efetivação da mudança da zona erógena (clitóris-vagina) e conseqüentemente a troca do objeto. Ou seja, a menina compartilharia da mesma idéia do menino: a de que teria que cuidar bem de seu pênis para não correr o risco de ser castrado, pois é um objeto de grande valor e fonte de autoestima.

Márcia Áran (2009) argumenta que,

Em uma época obcecada em distinguir os papéis sociais do homem e da mulher, essa teoria tenta embasar o fundamento dessa diferença na ‘complementariedade’ entre pênis e vagina. Em lugar nenhum ficaria tão evidente como uma narrativa declaradamente cultural se forja sob um disfarce anatômico e, também como a teoria freudiana da diferença sexual é uma espécie de moldura para a plasticidade das pulsões parciais. (Áran, 2009, p. 657)

A partir da releitura de Freud, feita por Lacan, o Édipo ganhará um novo estatuto, constituindo este então um processo de acesso ao simbólico. Inaugurar-se-á também a noção de sujeito, sendo o Édipo, o processo primo pelo qual a criança se constitui sujeito. Duas noções são importantes neste contexto: a metáfora paterna e a “coisa” materna, de forma que, o processo de constituição do sujeito se dá através da operação inaugural da metáfora paterna e seu mecanismo correlativo, o recalque originário da coisa materna. Assim, para Lacan, a função separadora atribuída ao pai vai constituir tanto o ideal do ego quanto a conexão da normatividade libidinal com uma normatividade cultural.² (Áran, 2009, p. 657).

Se adentrarmos a psicanálise winnicottiana observamos dois conceitos importantes: a fantasia de onipresença materna e a experiência real, de forma que, então não faria sentido

² Alguns desfechos neste contexto são consideráveis. A noção de sujeito que perpassa o critério de metáfora paterna, criado por Lacan analisa que, a relação primária materna sendo alienante e onipresente, exige que a própria criança se qualifique sujeito apenas a partir da intervenção de um terceiro, ou seja, o pai, donde então a afirmação de que as mulheres vivenciam um processo simbiótico com a criança (relação de não sujeito com a criança), favorecem um processo prioritariamente psicotizante ou fonte de futuras perversões. Em outras palavras, pode-se dizer que somente a criança pode se possibilitar a ser um sujeito, ou seja, somente ela e não a mãe pode permitir que o pai o interdite tal que se constitua um sujeito.

(para Winnicott) o termo simbiose nos critérios estabelecidos por Lacan. Consequentemente duas possibilidades primeiras tornasse-iam possíveis: primeiro, o de tornar-se sujeito mesmo que este esteja “ligado” às condições de ilusão mantidas pela “mãe suficientemente boa” e à desilusão materna (no caso então, saber como a criança suporta a separação, ausência ou diferenciação da relação mãe- bebê e pai- bebê não tendo necessariamente como possibilidade única a patologia materna, na qual uma patologia próxima da psicose não permite que o bebê se relacione com o mundo e segunda seria então o deslocamento da noção de simbolização e de alteridade na teoria psicanalítica da equação ‘mãe alienante/pai separador’.

É neste contexto então que fazer-se-ia necessária uma revisão nas acomodações das posições normativas psicanalíticas e estruturantes que tangem o espectro da feminilidade e masculinidade já então delimitadas pela teoria psicanalítica de uma forma geral. É claro que estas revisões devem ser feitas não negando as possibilidades descritas acima (as diversas concepções e/ou proposições acrescidas por Freud, Winnicott ou Lacan), mas quando necessário, acrescentar novas possibilidades de subjetivação- tanto no campo do saber quanto nos campos da sexuação contemporânea - sem que estas necessariamente tenham um caráter psicopatológico.

É neste sentido que Márcia Áran (2009) se posiciona veemente ao afirmar que ou a Psicanálise se transforma em um saber normativo que estabelece um esquema psicológico universal e a-histórico tendo o Édipo como referência ou recusa essa posição e parte em busca de outras leituras das diversas possibilidades de constituição das sexualidades. Assim, como consequência, acrescenta a autora “um novo arranjo histórico e contingente se configuraria- ligado às mudanças nos destinos da diferença sexual e à distribuição das funções materna e paterna na cultura contemporânea”, além de coexistir num outro plano a distinção do “que permanece como fantasia edípica no processo de subjetivação” (Áran, 2009, p. 658).

1.5. A desconstrução binária: sexo e gênero

As tentativas de apropriação do corpo com o objetivo de categorizar as diferenças sexuais e o exercício do desejo em formas rígidas e fixas de comportamento constituiu uma das tarefas mais exaustivas na era moderna, exaustiva não pelo fato em si, mas porque o objetivo maior foi enquadrar e instituir os sujeitos numa forma geral de verdade: a verdade sobre seus próprios corpos. Em outras palavras, a verdade decorrente da vontade de saber- poder e controle.

Falar sobre a verdade do sexo e desvinculá-la do poder seria no mínimo ignorar tanto as práticas discursivas institucionais e políticas referente ao sexo quanto à historicidade das épocas, os caminhos pelos quais se atingiu e conheceu as mais diversas condutas sexuais e a maneira pela qual o poder penetrou e controlou tão eficazmente o prazer cotidiano. (Foucault, 1988)

Assim sendo, o sujeito subjetivado, o corpo disciplinado dócil, os regimes de verdades e as tecnologias do si (interdições e sujeições), definem os enunciados que dão fundamento às formações discursivas e conseqüentemente atuam sobre um corpo calcado na verdade discursiva das relações de poder. (Foucault, 1988).

A tecnologia do poder sobre o sexo desenvolvida pelo Estado Moderno promoveu a mudança do discurso estritamente unitário calcado nos prazeres carnavais e na prática da confissão para a uma espécie de polifonia discursiva e dispersa sobre o sexo cujos simulacros foram as pesquisas demográficas, o exercício (profissional e/ou científico) da biologia, da medicina/psiquiatria, da psicologia, da moral e da crítica política. (Foucault, 1988)

De forma geral, o acúmulo de informações sobre o sexo relativo aos séculos XVII e XIX provocou uma transição: se todas as atenções eram antes voltadas para o casal legítimo

heterossexual, agora o alvo é entender como se dá a sexualidade daqueles que subvertiam a norma heterossexista; enfim dos considerados loucos e criminosos. (Foucault, 1988)

Assim, “todos aqueles que desviavam da norma- jovens rebeldes, “ociosos”, “anti-sociais”, prostitutas, homossexuais, inválidos, pessoas que eram incompetentes ou um fracasso no trabalho foram alvos dos critérios de avaliação, categorias de classificação e normas. (Bauman, 1995, p. 39)

A nova caça às sexualidades periféricas provocou o surgimento de uma série de categorias lingüísticas cuja incorporação se deu em termos de perversão e numa nova forma de especificar os indivíduos. A sodomia, a do antigo direito civil ou canônico, que era um ato do tipo interdito e os autores eram tidos como sujeitos jurídicos, passou a ser o homossexual do século XIX, um personagem que foi reescrito num passado, cuja história, infância, caráter e forma de vida lhe era bastante peculiar e particular desta nova “espécie”.

O sexo ao longo de todo o século XIX se inscreveu dos registros de saberes distintos: biologia da reprodução desenvolvida de acordo com uma normatividade científica geral e uma medicina do sexo obediente a regras de origens bastante diversas. Foi esta última responsável pela medicalização, processo terapêutico que visava à cura. O termo doença referido a quadros de disfunção claramente orgânica foi transferido sob um novo termo criado para designar as novas “patologias”; *phatos* termo originário do grego que significa paixão ou doença/ sofrimento da alma; já que o termo homossexual não se enquadrava em nenhum quadro disfuncional nitidamente orgânico. O saber, portanto, adquiriu um sentido e um fim em si: saber para poder determinar quais são as causas e origens do comportamento homossexual na tentativa de prevenir tal comportamento. E isso se deu através de um aparato médico discursivo e psicológico que delimitou o papel e a dinâmica dos pais na família na tentativa de evitar e senão mesmo sanar este problema de espírito (Foucault, 1988).

Assim, como afirmou Foucault (1988), a sexualidade é originária e historicamente burguesa, visto que, através das várias correlações de forças múltiplas que se formam e atuam nos aparelhos de produção (famílias, grupos restritos e instituições) e que servem de suporte a amplos efeitos de clivagem que permeiam o corpo social, induz, em seus deslocamentos sucessivos e em suas transposições, efeitos de classes específicos. Pode-se dizer que o dispositivo familiar foi e ainda é um dos mecanismos mais sutis e eficazes no qual se dá o exercício do poder, visto que é um dispositivo insular e heteromorfo, cujas formas de dominação atuam de forma sutil e diversificada.

Relembrando que para Foucault os sistemas jurídicos de poder produzem os sujeitos e que estes, subsequentemente, passam a representar, as noções jurídicas de poder parecem regular a vida política em termos puramente negativos- isto é por meio delimitação, proibição, regulamentação, controle e mesmo “proteção” dos indivíduos relacionados àquela estrutura política, mediante uma ação contingente e retratável de escolha. Assim, em virtude de a elas estarem condicionados, os sujeitos regulados por tais estruturas são formados, definidos e reproduzidos de acordo com as exigências destas mesmas estruturas. (Butler, 2008, p. 18).

A incomensurabilidade de dois sexos provém de práticas discursivas que só se tornam possíveis em determinadas realidades sociais nas quais estas práticas se ancoram. Falar em realidade social ou em relações sociais exige contextualizar fatos ou acontecimentos de uma sociedade cujas formas de organização atrelam os sujeitos e estabelecem, numa cadeia contínua de interesses e posições marcadas, discursos que dificilmente são rompidos por um fluxo natural ou pré-estabelecidos de uma determinada ordem vigente. Ou seja, os movimentos feministas configuram práticas ou manifestações que tendem a ir justamente na contra-mão de forças ou formas de organização de um todo social plenamente estabelecido.

A hipótese de Butler (2008) de que tanto o sexo quanto o gênero sejam culturalmente construídos faz sentido já que as categorias de mulher se tornam absolutamente artificiais

perante uma justificabilidade das posições de poder. Em outras palavras não há a mulher, torna-se mulher, justamente porque o próprio ser mulher é produto de uma série de interpretações flutuantes sobre o corpo (inclusive o corpo feminino, já que a história nos mostra isso claramente) cuja própria categoria é produto de diversas expectativas sociais, que pretende ter como base ou sustentáculo um corpo meramente biológico. Butler indaga que, se o caráter imutável do sexo é contestável, talvez o próprio construto chamado “sexo” seja tão culturalmente construído quanto o gênero; a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma (Butler, 2008, p.25).

A concepção humanista tem o sujeito como uma pessoa substantiva portador de atributos essenciais e não-essenciais. O gênero seria então como um atributo de pessoa, caracterizada essencialmente como uma substância ou um ‘núcleo’ de gênero pré-estabelecido, denominado pessoal, que denota uma capacidade universal de razão, moral, deliberação moral ou linguagem. Já na teoria social do gênero, a concepção universal da pessoa é deslocada para as posições históricas ou antropológicas que compreendem o gênero como uma relação entre sujeitos socialmente constituídos, em contextos especificáveis. Este ponto de vista relacional ou contextual sugere que o que a pessoa “é” - e a rigor, o que o gênero “é” – refere-se sempre às relações construídas em que ela é determinada. Como fenômeno inconstante e contextual, o gênero não denota um ser substantivo, mas um ponto relativo de convergência entre conjuntos específicos de relações, cultural e historicamente convergentes (Butler, 2008, p.29).

Catharine Mackinnon argumenta que o gênero é a divisão de homens e mulheres causadas pelas exigências sociais da heterossexualidade, que institucionalizam a dominação sexual masculina e a submissão sexual feminina. Desta forma a categoria mulher é somente uma categoria vazia, justificada para manter articulações de uma essência feminina com as relações de poder obtidas dessa própria categoria vazia. Como diria Butler (2008) que a

própria noção de um sistema binário de gênero encerra implicitamente a crença numa relação mimética entre gênero e sexo, na qual o gênero reflete o sexo ou é por ele restrito (Butler, 2008, p. 24).

Diversas manifestações, durante o Iluminismo, foram feitas por mulheres que em detrimento dos ideais de liberdade e igualdade reivindicavam a abertura e direitos aos mesmos postos de trabalho ocupados por homens no espaço público. Os discursos utilizados como justificativas para a não inserção da mulher no espaço público giravam em torno de argumentos tais como: inadequação física e mental das mulheres cujos corpos não eram adequados aos espaços quiméricos que a revolução abria inadvertidamente (Laqueur, 2001, p. 242).

Joan Scott (1990) afirma que é necessário discutir o gênero como uma categoria histórica útil de análise, pois, como observa ela, seria importante analisar o porquê daqueles que escreveram a história do trabalho ignoravam evidências a respeito das mulheres, ou seja, qual seria o porquê e também o como as mulheres se tornaram invisíveis na história. Para a historiadora, a categoria de gênero engloba aspectos tais como: mercado de trabalho que promove a segregação entre os sexos, a educação enquanto instituição socialmente masculina e o sistema político. Afirma que as relações entre os sexos são construídas socialmente e que estas estão estritamente vinculadas com a noção de poder: “gênero é um elemento constitutivo das relações sociais, baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e mais, o gênero é uma forma primeira de dar significado às relações de poder” (Scott, 1994, p.13).

Investigar, portanto as relações de gênero para Joan Scott (1994) é “historicizar gênero, enfatizar os significados variáveis e contraditórios atribuídos à diferença sexual, os processos políticos através dos quais esses significados são construídos, a instabilidade e maleabilidade das categorias “mulheres” e “homens”, e os modos pelos quais essas categorias se articulam

em termos uma da outra, embora de maneira não consistente ou da mesma maneira em cada momento”. (Scott, 1994, pp. 25-26)

Com relação às narrativas psicanalíticas relativas à sexualidade feminina, pode-se dizer que estas concebem a mesma ou a partir da dialética ter ou não ter o pênis- falo ou situando-a no registro da não existência. Lacan através da noção de que a mulher é “não-toda” inscrita na função fálica reafirmará esta premissa assinalando que a própria escolha do falo como significante do desejo aponta uma posição sexuada de quem só concebe o feminino na ótica da exclusão. Estas afirmações baseiam-se no postulado feito através da releitura do mito freudiano em Totem e Tabu, no qual Lacan afirma que o que define um homem é que ele esteja submetido à lógica da castração. Isso só se torna possível justamente porque, no inconsciente, há o registro de que “ao menos um”, ou seja, o pai da horda primitiva não era castrado, já que gozava de todas as mulheres. Assim, utilizando a lógica proposicional de que “ao menos um não é castrado”, ele ancora a existência do masculino como um significante. Dessa forma, “Existe um”, o mito do pai da horda, para proporcionar aos homens um conjunto, um pacto. No que refere às mulheres, Lacan afirma que estas não estão totalmente marcadas pela castração. Este postulado se baseia na premissa de que as mulheres não fazem um todo, já que não existe um mito do lado feminino, ou seja, uma excessão que a faça existir como significante. Logo, a mulher é “não-toda” inscrita no simbólico.

É através da noção tida de falo, como constituinte e referente universal tanto do masculino quanto do feminino, que se dá a afirmação de que a mulher é “não-toda” inscrita no simbolismo fálico. Ou seja, é através desta concepção fictícia- a de que a mulher é “não-toda” inscrita- que se consolida e naturaliza os regimes de poder convergentes da opressão masculina e heterossexista. É neste sentido que Simone de Beauvoir argumenta que os homens não podem resolver a questão das mulheres, pois se assim o fosse, estariam agindo mais uma vez como juízes e como partes interessadas.

Áran, assim como Butler, questiona o porque que o lugar das mulheres cabe no “não-toda”, pois tal afirmação demonstra uma visão bastante essencialista do que é uma mulher. Assim, mesmo diante da afirmação de que não há Outro do Outro, já que o Outro suposto a partir do simbólico só pode ser definido como real, inexistente, Lacan situa, de certa forma, este Outro no suposto não saber das mulheres, naquilo que elas teriam de mais enigmático (Áran, 2009, p. 662)

É por isso que Lacan situa a mulher excluída da natureza das coisas, que é a natureza das palavras, já que como afirmara elas são incapazes de dizer de que é feito o seu gozo. Porém, segundo ele, mesmo que a mulher esteja excluída da natureza das coisas, é justamente pelo fato de que, por ser não-toda, ela tem, em relação ao que designa de gozo, a função fálica, um gozo suplementar (Áran, 2009, p. 662).

É a partir de tais afirmações que Butler fará algumas indagações, na medida que a Psicanálise, enquanto dispositivo da sexualidade, promove um discurso pautado na divisão do masculino e feminino a partir da lógica fálica na qual a mulher terá como destino a inveja do pênis:

Seriam esses termos (“homens” e ”mulheres”) não problemáticos apenas na medida em que conformam a uma matriz heterossexual para a conceituação do gênero e do desejo? (Butler, 2008, p. 8).

O que acontece ao sujeito e à estabilidade das categorias de gênero quando o regime epistemológico da presunção da heterossexualidade é desmascarado, explicitando-se como produtor e reificador dessas categorias ostensivamente ontológicas? (Butler, 2008, p. 8).

Que outras categorias fundacionais da identidade- identidade binária de sexo, gênero e corpo- podem ser apresentadas como produções a criar um efeito natural, original e inevitável? (Butler, 2008, p. 9).

Onde e como convergem heterossexualidade compulsória e falocentrismo? Onde estão os pontos de ruptura entre eles? (Butler, 2008, p. 10).

No âmbito de uma língua da heterossexualidade presumida, que tipos de continuidades se presumem que existam entre sexo, gênero e desejo? (Butler, 2008, p. 10).

Butler responderá algumas destas questões, afirmando então que o poder parece ser mais do que uma permuta entre sujeito ou uma relação de inversão constante entre um sujeito e um Outro; na verdade, o poder, parece operar na própria produção dessa estrutura binária em que se pensa o conceito de gênero.

Afirmará também que a *performance* dela/dele desestabiliza as próprias distinções entre natural e artificial, profundidade e superfície, interno e externo- por meio das quais operam quase sempre os discursos sobre gênero. Toma como exemplo um dos filmes de John Waters “*Female Trouble*”, no qual a protagonista Divine, cuja personificação das mulheres sugere de forma sutil e implícita que o gênero é uma espécie de imitação persistente que se passa como real. (Butler, 2008, p. 8).

Butler introduzirá também algumas considerações feitas por Foucault sobre a história da sexualidade no ocidente para que a partir delas possa se estabelecer uma ponte entre tais concepções e os critérios à que Butler se refere: o sexo, o gênero e o desejo.

Para Butler, se a análise de Foucault é correta, a formação da linguagem e da política que representa as mulheres como sujeitos do feminismo é em si mesma uma formação discursiva e efeito de uma dada visão da política representacional.³ Em outras palavras, é assim que o sujeito feminista se revela discursivamente constituído- e, pelo próprio sistema político que supostamente deveria facilitar sua emancipação, o que tornaria politicamente problemático, se fosse possível demonstrar que esse sistema produz sujeitos com traços de

³ É neste sentido que Butler afirmará que política e representação são termos bastante polêmicos quando se trata dos movimentos feministas. Segundo ela, a representação é um termo operacional no seio de um processo político que busca estender visibilidade e legitimidade às mulheres como sujeitos políticos. A política representacional do sujeito invoca, na forma de lei, a formação discursiva hegemônica como premissa básica natural que legitima, subsequentemente, a própria hegemonia reguladora da lei.

gênero determinados em conformidade com um eixo diferencial de dominação, ou os produza presumivelmente masculinos. (Butler, 2008, pp. 18-19).

Neste sentido Butler afirmará que,

‘O sujeito’ é uma questão crucial para a política, pois os sujeitos jurídicos são invariavelmente produzidos por vias de práticas de exclusão que não ‘aparecem’, uma vez estabelecida a estrutura jurídica da política. Em outras palavras, a construção política do sujeito procede vinculada a certos objetivos de legitimação e de exclusão, e essas operações políticas são efetivamente ocultas e naturalizadas por uma análise política que toma as estruturas jurídicas como seu fundamento. O poder jurídico ‘produz’ inevitavelmente o que alega meramente representar; conseqüentemente, a política tem de se preocupar com essa função dual do poder: jurídica e produtiva. (Butler, 2008, p. 19)

Em outras palavras, Butler afirma que não somente basta às mulheres relegarem uma política de representatividade e visibilidade, mas também devem compreender como a categoria das ‘mulheres’, o sujeito do feminismo, é produzida e reprimida pelas mesmas estruturas de poder por intermédio das quais se busca a emancipação.

Obviamente, Butler alegará que a tarefa política não é a de recusar a política representacional vigente- afinal, para ela isto seria impossível. As estruturas jurídicas da linguagem e da política constituem o campo contemporâneo do poder, e, conseqüentemente, não há posição fora desse campo. Logo, assim como definiu Marx, o ponto de partida crítico é o *presente histórico*. E a tarefa é justamente esta, a de formular, no interior dessa estrutura constituída, uma crítica às categorias de identidade que as estruturas jurídicas contemporâneas engendram, naturalizam e imobilizam. (Butler, 2008, p. 22).

Butler afirmará mais adiante que se o gênero corresponde aos significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra de um sexo desta ou daquela maneira. Levada a seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade

radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos. Supondo por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre daí que a construção de ‘homens’ aplique-se exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo ‘mulheres’ interprete somente corpos femininos.

Acrescenta além disso que, mesmo que os sexos pareçam não problemáticamente binários em sua morfologia e constituição (o que será questionado mais adiante segundo ela), não há razão para supor que os gêneros também devam permanecer em número de dois. Assim, concluirá que, a hipótese de um sistema binário dos gêneros encerra implicitamente a crença numa relação mimética entre gênero e sexo, no qual o gênero reflete o sexo ou é por ele limitado. Em outras palavras, quando o *status* construído do gênero é teorizado como radicalmente independente do sexo, o próprio gênero se torna um artifício flutuante, com a consequência de que tanto um homem quanto uma mulher podem representar respectivamente o feminino e o masculino. (Butler, 2008)

Quando Butler (2008) questiona e problematiza o caráter imutável do sexo dizendo que talvez o próprio constructo chamado sexo tenha sido sempre o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma,

O interesse em buscar evidências da incomensurabilidade de dois sexos só se deu quando as diferenças anatômicas e fisiológicas concretas entre homens e mulheres se tornaram politicamente importantes. A esfera pública burguesa foi criada como domínio dos homens e esse privilégio se baseou em uma antropologia física da diferença sexual que manteve as mulheres na esfera privada, reféns do mito da maternidade e de sua inelutável diferença-inferioridade biológica. É por isso que Butler questiona e problematiza o caráter imutável do sexo ou da diferença entre os sexos, pois, neste sentido, talvez o sexo tenha sido sempre o gênero de tal forma que, a distinção entre sexo e gênero se revela nenhuma. Em outras palavras, os discursos médicos utilizados frequentemente para justificar as posições de poder,

tanto na esfera pública quanto na esfera privada, contribuíram para a essencialização e, portanto, diferenciação ente homens e mulheres, de forma que, sexo e gênero fossem correlatos extensivos de uma pressuposta identidade sexual.

É neste contexto que Butler problematizará o conceito de corpo e sua correlação com o gênero. Assim ela questiona: já que não se pode dizer que os corpos tenham uma existência significável anterior à marca do seu gênero (já que gênero não pode ser concebido como o resultado de um processo no qual o corpo aparece como um meio passivo sob o qual se inscrevem significados culturais, ou então como o instrumento pelo qual uma vontade de apropriação ou interpretação determina o significado cultural por si mesma), em que medida pode o corpo *vir* a existir na(s) marca(s) do gênero e por meio delas? Como conceber novamente o corpo, não mais como um meio ou instrumento passivo à espera da capacidade vivificadora de uma vontade caracteristicamente imaterial?⁴ (Butler, 2008, p. 27).

A “presença” das convenções heterossexuais nos contextos homossexuais, bem como a proliferação de discursos especificamente gays da diferença sexual, como no caso de “butch” e “femme” como identidades históricas de estilo sexual, não pode ser explicada como a representação quimérica de identidades originalmente heterossexuais. E tampouco elas podem ser compreendidas como a insistência perniciosa de constructos heterossexistas na sexualidade e na identidade gays. Desta forma, a repetição destes constructos nas culturas sexuais gays e hetero representam a instabilidade das categorias de gênero bem como (Butler, 2008, pp. 56-57).

É desta forma que, através da análise das várias correntes que perfazem as discussões sobre política, representação, feminismo e obviamente, influenciada pelos movimentos feministas e GLBTS, Butler afirmará que o gênero nada mais é que a estilização repetida do

⁴ Butler acrescenta uma nota justamente neste ponto para que o leitor fique atento em até que ponto as teorias fenomenológicas como as de Sartre, Merleau-Ponty e Beauvoir tendem a usar o termo *encarnação*. Assim, segundo ela, retirado de contextos teológicos, o termo tende a representar o ‘corpo’ como uma forma de encarnação e, conseqüentemente, a preservar a correlação externa e dualística entre uma imaterialidade significante e a materialidade do próprio corpo.

corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser (Butler, 2008, p. 59).

2. CONTORNOS DO HOMOEROTISMO NO BRASIL

As configurações das práticas homoeróticas tem sofrido significativas mudanças desde o século desde o tempo do Brasil colônia. Neste momento já haviam relatos e documentações das relações homoeróticas. O Santo Ofício, órgão cuja função era exercer a atividade penalizadora, escutava os assim chamados pecadores; na base da pressão e tortura e aplicando-lhes penas como jejuns por vários dias, orações, prisões, trabalhos forçados, multa e/ou morte. As denúncias por parte da população contribuíam para a penalização dos contatos. (Green, 2000)

No período da República Velha (1889- 1930), a conexão existente entre prostituição, a efeminação no homem e a homossexualidade persistiu como uma forte representação do comportamento homoerótico até a segunda metade do século XX. (Green, 2000)

Ao final do século XIX e início do século XX, a homossexualidade dependia principalmente do olhar dos médicos. Este período foi caracterizado por uma crescente racionalização da sexualidade e do erotismo. Nas décadas de 30 e meados da década de 40 diversas pesquisas de médicos, juristas, psiquiatras e criminologistas discutiam a homossexualidade e os termos mais comumente usados eram perversão, desvio e inversão. (Green, 2000)

Já nas décadas de 60 e 70, o surgimento de bares, boates e saunas destinados especificamente a clientes homossexuais ficou evidente. Assim, se os contatos homoeróticos se davam anteriormente nos banheiros públicos, as interações homoeróticas já não dependiam exclusivamente destes espaços para acontecerem (Parker, 2002, p.74).

Em 1978, a revista *Interview* brasileira foi investigada sob acusação de violar a lei de imprensa que ofendia a moral e os bons costumes. O motivo da investigação foi a declaração

de Ney Matogrosso, o ex-líder da banda “*Secos e Molhados*”, que abordava sua sexualidade. Ney dizia:

“Agora eu percebo que as mulheres, quando sacam que eu sou homossexual, elas morrem de tesão por mim. Machão não sabe dar prazer. Trepa, gozou, sai de cima. Pelo fato de eu ser homossexual, eu sei acariciar a mulher como eu gosto de ser acariciado. E quando eu estou na cama com um homem, não sou uma fêmea, eu sou um homem”. (Green, 2000, p. 413)

O psicanalista Jurandir Freire Costa, do Instituto de Medicina Social da UERJ, em uma de suas pesquisas desenvolvidas com homens homoeroticamente orientados, concluiu que os sujeitos mais expostos ao risco de contágio pelo vírus HIV eram aqueles divididos entre a moral tradicional e a moral liberal. Assim, segundo ele, o conflito mais comumente vivido por eles era o fato de não poderem exprimir suas inclinações homoeróticas, donde resultava ou a satisfação sexual clandestina (pontual, imediata e urgente) ou a frustração, a angústia e a depressão (Costa, 1995, pp. 16-17).

Neste momento nota-se como dois espaços se convergem sob um único vértice: a satisfação sexual imediata calcada na oferta perversa dos objetos sexuais contemporâneos. Ressalto que, no decorrer de minhas observações de campo, constatei como a troca de beijos e carícias era constante entre um e vários sujeitos no interior da boate. Tudo isso “funcionava” numa naturalidade assustadora e ao mesmo tempo divertida para os sujeitos. As intercorrências entre atos sexuais praticados no interior das boates comumente chegavam aos meus ouvidos.

Neste sentido podemos afirmar que, a oferta perversa dos objetos sexuais contemporâneos esbarra na seguinte equação: quando a qualidade não satisfaz o sujeito, ele o descarta e elege novos objetos sexuais para a satisfação imediata do desejo, ou seja, procura a salvação na quantidade. Assim, quando a duração do vínculo não proporciona ao sujeito retirar o prazer

requerido, a saída encontrada é a de se conectar o mais rapidamente possível à outras possibilidades de manejo afetivo (Bauman, 2004, p. 77).

Quando se faz uma análise pormenorizada deste cenário, constata-se uma concorrência imagética que a sociedade do espetáculo suscita nos sujeitos de tal forma que promove um superinvestimento libidinal do eu, na qual a identidade do ego é modelada pela imagem corporal que atende a demanda do outro (Costa, 2005, p. 73).

Relembrando que, é neste contexto, um dos objetivos desta pesquisa é descrever como se dá a gestão das individualidades/subjetividades nos sujeitos aqui analisados. Em outras palavras, como os sujeitos elegem e são elegidos na medida em que funcionam como potenciais instigadores a convidar o outro a se exhibir.

3. AS CONCEPÇÕES FREUDIANAS SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE

Freud, ao longo de sua obra, fez inúmeras considerações à noção de homossexualidade, na medida em que reconhecia, através das análises de seus pacientes, propriedades anímicas femininas, bem como a presença de sintomas neuróticos de cunho obsessivo-compulsivo e as correlações alavancadas por ele entre homossexualidade, narcisismo (primário no caso de Leonardo Da Vinci e secundário no caso do presidente Schreber), passividade, hostilidade e masoquismo. Assim, tendo como pano de fundo as fases psicosexuais anteriormente propostas por ele e como material clínico a fala, algumas vezes decorrente dos sintomas apresentados pelos pacientes, Freud tentou sistematizar a noção de homossexualidade em sua teoria. É por isso que, ao longo de sua obra, Freud qualifica a pulsão, o objeto, o desejo de homossexuais, visto a amplitude decorrente das contingências afetivas que tal termo abarca.

A centralidade do Édipo na teorização freudiana não se dá ao acaso. É através das falas de seus pacientes e dos complexos afetivos que os mesmos nutrem que Freud percebe a similaridade existente entre estes complexos afetivos e o imaginário suscitado nos desfechos trágicos que os cidadãos gregos representavam nos concursos de tragédias.

Freud analisará as tragédias gregas no contexto da passagem da monarquia à democracia ateniense, em especial a tragédia de *Antígona*. Nesta época haviam os concursos de tragédias, nas quais os cidadãos atenienses representavam a sua própria história e a origem de sua democracia (Altoé, 2007, pp. 30-31)

A representação dada na tragédia era suscitada pelos mitos que permeavam o imaginário social grego da época. Altoé (2007) sintetiza a forma como Freud interpretou *Antígona*, o fim da tragédia incestuosa de Édipo:

E também se lembrava que a situação política da democracia nunca é feita de uma vez por todas, nunca é totalmente irreversível, e sempre se constitui à sombra de um certo número

de ameaças que pesavam ou podiam pesar sobre a democracia. Podemos dizer que elas eram, para os gregos, uma espécie de sonho, de pesadelo, uma espécie de memória arcaica incestuosa, uma comemoração pública dos sonhos e pesadelos incestuosos e arcaicos, que os gregos não desejavam esquecer e representavam publicamente em cena, como nós nos lembrando de nossos sonhos, como podemos reconhecer sua beleza, sua força, seu enigma, para que esses sonhos continuem sendo sonhos e não passem para a realidade. (p.31)

Segundo Freud, *Antígona*, que encenava o fim da tragédia incestuosa de Édipo, representava conteúdos sublimatórios arcaicos nas quais o incesto e o matricídio se fazem presentes. Portanto, a lei de interdição do incesto que proíbe o parricídio (assassinato do pai) é a lei que fundará o pacto entre os irmãos de forma que a descendência entre eles não se irrompa. Freud ressaltará que a noção de incesto está ligada tanto às fantasias das crianças em relação aos pais quanto do uso que os pais podem fazer dos filhos. É desta forma que Freud lançará mão e tomará como sustentáculo teórico principal os desfechos afetivos dos personagens Antígona (filha de Édipo) e do próprio Édipo. Assim, no decorrer de suas interpretações sobre os casos clínicos, não haverá distância entre o complexo afetivo presente no fim trágico destes personagens e a fala de seus pacientes.

O método que Freud utilizou para analisar seus pacientes foi o método interpretativo, no qual, através das falas de seus pacientes, ele lançava mão de algumas hipóteses sobre tal caso. O resultado então foi a eleição do mito de Édipo como referente principal das teorizações psicanalíticas. Pode-se dizer então que Freud percebeu nuances afetivas muito próximas entre os afetos desencadeados nos personagens da tragédia e os afetos desencadeados pelas relações dos pacientes – enquanto filhos- com seus pais.

As teorizações freudianas a respeito da noção de homossexualidade se dá a partir deste pano de fundo que Freud rebaterá o tempo todo em suas análises e conseqüentemente na

teorização da eleição do objeto sexual. Assim, os afetos da criança serão sempre analisados tendo em vista a posição que a mesma ocupa na dinâmica familiar, ou seja, a posição que o filho ocupa no vínculo com a mãe e com o pai.

A primeira tentativa de sistematização teórica a respeito da noção de homossexualidade foi feita nos “Três Ensaio”. Os elementos primos, herdados da psiquiatria do século XIX, norteavam seus primeiros escritos de tal forma que a pederastia/homossexualismo eram associados ao feminino. Freud constatou dificuldades de seus pacientes em falar sobre homossexualidade, o que o levou a afirmar que era de fato aquilo que os homens reprimiam.

A homossexualidade ou homoerotismo era tido como um dos momentos posteriores na evolução sexual. A sedução homossexual era postulada como causa traumática de sintomas ulteriores, sem que também fosse explicado o porquê da eficiência causal. E por fim, Freud utilizou o termo homossexual como substantivo coerente a linguagem corrente de que existia uma personalidade ou identidade homossexuais teoricamente não-problemáticas (Costa, 1995, pp. 189-190)

Em “Fragmento de análise de um caso de histeria”, Freud tentou extrair do caso uma teoria geral da homossexualidade, válida tanto para o homem quanto para a mulher. Os termos usualmente evocados eram inclinação para o mesmo sexo, corrente homossexual, disposição homossexual e moção de amor homossexual. Freud afirmava que à histeria masculina estava associada a disposição amorosa para o mesmo sexo e que, esta disposição pontua o caráter perverso polimorfo das pulsões infantis (Costa, 1995, p.191).

Em “A etiologia da histeria”, um dos critérios adotados por Freud para delimitar o caráter perverso da sexualidade era o sentimento ou sensação de nojo ou repulsa suscitados no sujeito. Assim, Freud retoma tal critério em um caso de histeria, na qual afirmará que a tosse nervosa apresentada pela paciente corresponde a fantasia de sucção do pênis (ou fantasia de felação) e

na qual tivera uma primeira impressão pré-histórica de sucção do peito da mãe ou da nutriz (Costa, 1995, p. 194).

Porém, o critério da sensação de nojo ou repulsa já não servia mais para qualificar o caráter perverso da sexualidade, pois, se a prática da felação era bastante difundida na população, é porque a felação não causava nojo (Costa, 1995, p.195).

Nos “Três Ensaios”, Freud retoma a teoria do hermafroditismo psíquico e, analisando a pederastia grega, critica tal teoria. Assim, afirmará que, ao contrário do que se pensa, de que assim como a mulher, o invertido sucumbiria às propriedades do corpo e da alma virís, o que despertava o amor do homem pelo êfebo era a sua semelhança física com a mulher, bem como suas propriedades anímicas femininas. Freud as qualifica: fragilidade, timidez, necessidade de aprendizado e de ajuda (Costa, 1995, p. 197).

Em “Sobre as teorias sexuais infantis”, Freud elabora uma espécie de metapsicologia do Complexo de Édipo, da ameaça de castração e do papel explicativo destes fenômenos na gênese da inversão. Para tanto, os casos utilizados para a fomentação de tais análises clínicas são o caso do pequeno Hans e de Leonardo da Vinci.

No caso do pequeno Hans, Freud adotará a idéia de que tanto meninas quanto meninos possuem imaginariamente um pênis, de tal forma que, quando um indivíduo fixa ou representa, na infância, a idéia de uma mulher com pênis, elegerá posteriormente como objeto sexual um sujeito que tenha pênis. Logo estará fadado a tornar-se um homossexual, a procurar uma mulher com pênis, ou seja, um homem que, devido características físicas e mentais, lembram uma mulher. Em outras palavras, Freud afirmará que, a fixação da mulher com pênis é o resultado da defesa do menino frente ao medo da castração pois, quando o homossexual se depara com o órgão genital feminino, este o lembra a ameaça de ser castrado, gerando horror em vez de prazer (Costa, 1995, p.206).

Em “Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância”, Freud, através de uma recordação infantil onde Leonardo sonhava com a cauda de um abutre em sua boca, afirmará que, Leonardo houvera fixado o prazer oral da amamentação. Mais adiante, associa essa fantasia de passividade (ser amamentado) à “situação de inequívoco caráter homossexual” (Costa, 1995, p. 211).

Neste momento, nota-se uma mudança. Se antes, a fantasia da mulher com pênis era uma resposta frente a angústia de castração (no caso do pequeno Hans), agora, a persistência da fantasia da mãe com um pênis (recordação infantil de Leonardo) é tida como responsável pela sensibilidade homossexual do mesmo. Como esta fantasia se passava numa etapa do desenvolvimento onde a angústia de castração não existia, Freud afirmará que Leonardo fixou-se no prazer oral da amamentação e, mais adiante afirmará que, tomando como material de análise, as próprias obras de arte de Leonardo (“Mona Lisa”, “Santa Ana, a Virgem e o Menino”), Leonardo possuía uma intensa ligação erótica com a mãe (Costa, 1995, pp. 211-212).

Freud estabelecerá três vias de saída para o erotismo excessivo. A primeira seria a repressão do amor pela mãe e o direcionamento deste amor para os rapazes. A segunda seria o deslocamento do amor materno para figuras andróginas, nas quais Leonardo elegerá como objeto sexual jovens bonitos com ternura e formas femininas. Mas é na terceira via que Freud fará a associação entre homossexualidade e narcisismo. Afirmará então que, devido a mutilação imaginária do pênis, o menino é obrigado a renunciar a mãe, tal que, essa renúncia fará com o que o garoto se coloque no mesmo lugar que a mãe e tome sua própria pessoa como modelo. Em outras palavras, buscará em outros homens a relação que tivera com a mãe, na tentativa de recuperar os objetos libidinais aos quais teve de renunciar (Costa, 1995, p. 213).

Em “Psicologia das massas e análise do eu”, Freud afirmará então que, a gênese da homossexualidade masculina seria a seguinte: o menino permaneceu fixado à sua mãe no sentido do Complexo de Édipo. No período de latência, momento em que a mãe deverá ser substituída por outro objeto sexual, a mãe não é substituída. O menino identifica-se com a mãe de forma que, nesta identificação, o menino transmuta-se na mãe tal que o amor que ele busca em outros homens, nada mais é que uma tentativa de recuperar os objetos libidinais aos quais teve de renunciar. Em outras palavras, Leonardo busca em outros homens pessoas substitutivas e novas versões de sua própria pessoa infantil (Costa, 1995, p. 214).

Em “Luto e melancolia”, Freud afirmará que o mecanismo de identificação com o objeto perdido era um dos mecanismos formadores do quadro melancólico. Porém em “O Ego e o Id”, afirmará que o mecanismo de identificação, decorrente da introjeção do **objeto perdido** no eu, é um processo muito frequente, sobretudo nas fases precoces do desenvolvimento infantil. Percebe-se aí, uma modificação: se antes o mecanismo de identificação com o objeto perdido era um sintoma característico do quadro melancólico, agora, contudo, Freud afirma que é um processo muito frequente (Costa, 1995, p. 217).

Por outro lado, se esta era a explicação para a homossexualidade, ficaria difícil então de explicar a heterossexualidade. Se na raiz da homossexualidade o menino identificava com a mãe na tentativa de renunciar ao objeto perdido, o que fazia então com que o garoto identificasse com o pai? Freud então introduz o conceito de bissexualidade para explicar quando havia identificação com a mãe ou um reforço da identificação-pai. Assim afirmará que o fim do Complexo de Édipo é marcado pela renúncia do objeto perdido; no caso da menina, o pai e, no caso do menino, a mãe. Assim, a identificação-pai e a identificação-mãe dependerá da intensidade relativa às disposições sexuais (Costa, 1995, p. 218).

Em “Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos”, Freud afirmará que o complexo de Édipo no menino é de sentido duplo: ativo e passivo, em

harmonia com a disposição bissexual. Afirmará também que o menino também quer substituir a mãe como objeto de amor do pai. Designou tal posição de atitude feminina (Costa, 1995, p.218).

A última concepção vigente, até então em Freud, a respeito da homossexualidade era de que o homossexual masculino identificava-se com a mãe porque desejava tomar seu lugar enquanto objeto de desejo do pai, a quem, de fato, desejava sexualmente. Em outras palavras, a criança identificava-se com a mãe pois queria substituí-la e não mais porque era uma forma de renunciar ao objeto perdido.

Em “Introdução ao narcisismo”, Freud acrescentou pouco em comparação com a análise que fez de Leonardo da Vinci. Diferenciará homossexualidade de perversão, e acrescentará que os homossexuais não elegem o objeto de amor segundo o modelo da mãe, mas segundo a sua própria pessoa. Qualificará tal eleição como eleição de objeto narcisista (Costa, 1995, p. 222)

Em “Sobre a história de uma neurose infantil (“Homem dos Lobos”)), Freud afirmará que os ataques de fúria do menino tem propósitos masoquistas e funcionam como tentativas de sedução que buscavam pela punição a satisfação sexual masoquista. Através da análise do sonho do menino, afirmará também que, o medo de ser comido pelos lobos representa o medo de ser comido pelo pai. O medo do menino é resultante da angústia de castração vivenciada na relação com o pai. A posição que o menino ocupa nesta é passiva, de tal forma que, a fobia do lobo é o substituto ou a forma na qual o menino se defendia diante uma atitude passiva para com o pai. Já com relação a perturbação intestinal do menino, Freud afirmará que esta foi posta a serviço de uma corrente homossexual, na qual o enema repete o ato da cópula, ou seja, o enema representa também uma atitude feminina diante do pai (Costa, 1995, pp. 224-226).

Em “A psicologia das massas e análise do Eu” Freud afirmou que o amor dessexualizado entre dois homens parece ser muito mais compatível com as formações de massa. Fez

correlação deste amor com o mecanismo de formação reativa, afirmando que raramente observa-se na criança um sentimento gregário ou sentimento de massa. Já em “O Ego e o Id”, Freud afirma que, tanto na gênese da homossexualidade quanto na origem dos sentimentos sociais dessexualizados, estão presentes sentimentos de rivalidade que levam à agressão e cujo fim transforma o objeto antes odiado em objeto de amor ou dá origem a uma identificação (Costa, 1995, pp. 229-234).

Em “Bate-se em uma criança”, Freud analisará as fantasias masoquistas de espancamento de um menino e concluirá que a fantasia consciente de estar sendo espancado pela mãe tem como correspondente ou representação a fantasia de estar sendo espancado pelo seu pai. Afirmará também que a fantasia de ser espancado pelo pai tem, no sentido genital, o significado de ser amado pelo pai. Desta última fantasia (a de ser espancado pelo pai), Freud concluirá que, o menino burlou seu homossexualismo, pois remodelou a fantasia inconsciente de ser espancado pelo pai na fantasia de ser espancado pela mãe. Desta fantasia consciente (a de ser espancado pela mãe), Freud a qualificara de atitude feminina sem escolha homossexual de objeto. Outra conclusão feita por Freud é que, mesmo sem a escolha homossexual de objeto, o menino sentirá, conscientemente, como uma mulher, dotando as mulheres açoitadoras de atributos e propriedades masculinos (Costa, 1995, p. 236).

Aceitando como verdadeiras estas afirmações acima, Freud tem a noção de mesmo sexo e outro sexo que não correspondiam à sexualidade psicanalítica inventada por ele. Segundo a psicanálise, pouco importa o suporte corporal, pois os estados inconscientes fazem sentido a partir de outras regras. Aquilo que pode ser referente da sexualidade feminina pode estar contido numa realidade biológica que, em outra teoria da verdade, é tida como predicado físico exclusivo do sexo masculino. (Costa, 1995, p. 244)

Assim, pode-se observar as inúmeras inconsistências teóricas quando se tratava de delimitar o feminino e o masculino nos termos atividade, passividade, homens, mulheres,

masoquismo, sadismo, os que tinham pênis e os que não tinham pênis. Tais critérios foram bastante aceitos por Freud, de modo a evidenciar de modo exaustivo e repetitivo que a criança dispunha de várias teorias de verdade sobre a divisão dos humanos, entre homens e mulheres. Distinguia homens e mulheres conforme a atividade e a passividade; o masoquismo e o sadismo; os que tinham pênis e os que não tinham pênis. (Costa, 1995, p.247).

Já na erótica lacaniana, a interpretação da noção de homossexualidade será a partir de um enredo que ultrapassa o complexo de castração. Assim ele tomará como premissa que amar é dar o que não se tem e doar é dar o que se tem. A interrogação presente no desejo homossexual era desta ordem. Se o pai amava a mãe, dera o que não tinha e, inversamente, se a mãe tinha o amor do pai, nada tinha exceto a capacidade de amar ou de dar o que não se tem. Mas se a mãe do homossexual significava ao filho que tinha qualquer coisa, ou seja, que tinha o falo, então podia doar, mas não podia amar. E, se possuía o falo, tinha recebido qualquer coisa do pai. Só se doava aquilo que se possuía. Mas se o pai tinha doado qualquer coisa, então, não tinha amado a mãe. O Pênis, ou o falo, como preferia Lacan, torna-se assim, o objeto misterioso; o *objet*, que ora significava o que se possuía, ora o que não se possuía. Quando a mãe significava ao filho que a prova do amor do pai era o falo por ela recebido, significava que tinha qualquer coisa que podia doar, por conseguinte, não podia amar. O menino, o filho ou o homem adulto, temia, então, a mulher, porque temia encontrar nela o que não queria achar, ou seja, doação em vez de amor. Voltava-se, assim, para outro homem, vendo nele um substituto da imago paterna, desejando, ao mesmo tempo, que ele tivesse o falo, objeto do desejo materno, e que não tivesse o falo, prova de que teria dado o que não tinha à mãe, a qual, portanto poderia amar e não só doar. Assim, a busca era sempre frustrada. Quando encontrava o que buscava, o sujeito perdia o que desejava, o amor. Amor e doação são mutuamente excludentes. Poder desejar a mulher, portanto, significava saber que ela não tinha o falo. Saber amar ou, o que dá no mesmo, saber receber do homem, do pai, aquilo

que ele não tinha, mas prometia, pois nisto consistia a promessa amorosa: dar o que não se tem.

A erótica de Lacan tinha algo da erótica poético-filosófica de Platão. Freudianamente, ultrapassava a ameaça de castração, em direção ao medo da perda do amor e à realidade subjetiva oriunda do desamparo. Além disso, trazia a marca de um sentimento trágico, bem distante do paroquialismo moralista dos autores que anteriormente foram citados.

Um dos grandes expoentes da psicanálise francesa, Jacques Lacan, teve uma posição diferente em relação aos homossexuais. Em uma época em que as sociedades psicanalíticas francesas seguiam o modelo americano de impedir o acesso de homossexuais à formação analítica, Lacan os recebia em análise, aceitava-os como membros da *École Freudienne* de Paris, fundada por ele, e nunca tentou transformá-los em heterossexuais. Para Lacan, entretanto, a homossexualidade não era, como para Freud, uma orientação sexual. Segundo Roudinesco (2002), a posição de Lacan é bem próxima da de Michel Foucault e de Gilles Deleuze que valorizavam a perversão como uma contestação radical à ordem social burguesa, de forma que o homossexual subverte, perverte o discurso dominante da civilização. Por entender a homossexualidade neste mesmo viés – uma subversão ao discurso machista dominante – que Bourdieu (2000) deplora a reivindicação de normalização dos movimentos gays, pois ao fazerem isso, voltam contra si mesmos o próprio discurso hegemônico.

Nos entornos onde se deu as teorizações dos diversos teóricos psicanalíticos pode ser observado a heterogeneidade das explicações que permeava dois mecanismos de defesas básicos, o mecanismo da introjeção, da projeção e o da identificação, embora tais mecanismos não fossem citados explicitamente. Desta forma, uma das saídas possíveis para a homossexualidade, consistia basicamente na identificação-mãe detentora de um falo que pudesse ser significado e reconhecido pelo sujeito, tal que, esta posição, resultaria, no reconhecimento da criança de negar a metáfora paterna, mecanismo constituinte do recalque.

Assim, como defesa, o sujeito não reconheceria a diferença sexual, sendo, portanto considerado perverso. Outra saída, foi a que Lacan retomou na erótica, estabelecendo a dialética do ter o falo, ou pênis, como não possibilidade de se efetuar o amor. A consequência do menino temer a mãe teria como causa a representação do falo que o pai doou à mãe, pois o falo por ela representado o faria reconhecer a possibilidade da mãe não poder amar. Por isso tendia a reconhecer em outros homens a imago paterna do pai, pois ao mesmo tempo em que queria o falo, neste consistia o desejo materno: amar, ou tentar dar o que não se pode ter.

4. PERCURSO REALIZADO PARA CHEGAR AOS SUJEITOS

Antes de falar sobre os primeiros contatos de cada encontro detalharei, neste momento, sobre o caminho que percorri na tentativa de ver os olhos deles.

A proposta inicial era estabelecer o primeiro contato com vários homens, pois eu queria ir nalgumas das boates “gays” existentes em Uberlândia. Posteriores diálogos foram realizados e cheguei a conclusão, também juntamente ao meu orientador, que não seria necessário efetuar o primeiro contato em uma boate: contato, não encontro. A partir deste momento me perguntei por onde começar, ou melhor, por quem começar. Pensei então em um grande amigo que conheci na época de minha graduação em Psicologia – para referir-me a ele utilizarei o nome fictício de João Paulo.

A decisão de estabelecer o primeiro contato com João Paulo foi devido ao desenvolvimento de um laço suficientemente estreito com esta pessoa, que também se graduou comigo. Num dia de conversas comuns e após um momento em que conversávamos livremente, me senti a vontade para falar um pouco de minha pesquisa a João Paulo. Falei sobre a pesquisa de forma geral e quais eram as minhas intenções/objetivos.

Depois de uma longa conversa, o resultado foi que (e parece que ele havia adivinhado o motivo da minha conversa com ele) ele disse que me indicaria alguns amigos (homens). Em seguida, fiz uma ressalva: pedi que não comentasse com ninguém sobre tais indicações e expliquei os motivos. No primeiro motivo destaquei a probabilidade de, mesmo efetuado o contato com os meninos indicados por ele, não ser possível realizar o(s) encontro(s) devido a indisponibilidade da pessoa, quaisquer que fossem os motivos. O segundo motivo falei sobre o sigilo- requisito mínimo para a execução da pesquisa e acrescentei que, mesmo ele não sendo o pesquisador ou integrante da pesquisa, o sigilo absoluto é também requisito para ele, enquanto vínculo do tipo colaborador.

Em seguida, quando perguntei a ele sobre o dia que me passaria o nome dos meninos, ele disse que seria necessário fazer uma lista de amigos seus que ainda residiam em Uberlândia, pois uma grande parte deles haviam se mudado para outras cidades, sendo algumas delas capitais. Desta forma, aguardei alguns dias até que João Paulo me contactasse para passar os nomes e telefones.

Após duas semanas João Paulo me contactou e me dispôs os nomes dos sujeitos. Em seguida, ressaltai, para a segurança dele e dos demais sujeitos, que a identificação dos mesmos dar-se-ia sob a forma de nomes falsos ou pseudônimos. Ressaltei também a necessidade de se falar ao sujeito de pesquisa sobre o caminho o qual percorri até chegar a ele, além do que, caso o sujeito me perguntasse quem o havia indicado, o seu nome não seria citado/informado sob hipótese alguma.

Entrei em contato com os sujeitos indicados pelo meu amigo e, além de detalhar os meus objetivos com a pesquisa, citei sobre a questão do sigilo tanto em relação ao nome quanto ao conteúdo proveniente do material gravado nas entrevistas. Nesta etapa, todos os sujeitos concordaram e compareceram ao encontro conforme dia, horário e local combinado. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – aprovado previamente pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – era entregue ao sujeito antes mesmo da entrevista ser gravada. Em seguida, o sujeito assinava o Termo e, posteriormente, a pesquisadora assinava também.

Cada encontro agendado foi espaçado, com relação aos demais, por um período de duas semanas.

Quando finalizadas as entrevistas, eu perguntava para cada sujeito sobre a disposição que ele tinha em me indicar mais três pessoas (homens) para participação na pesquisa. Destes três primeiros sujeitos os quais eu efetivei a participação na pesquisa, dois deles me indicaram mais três. No entanto, dos seis novos sujeitos, apenas um foi efetivado. Após realizado

contato e agendamento prévio do encontro, foram feitas outras ligações para saber o motivo do não comparecimento. A pesquisadora não obteve êxito pois não conseguiu falar novamente com os sujeitos.

Aqueles sujeitos que não puderam, desde já, participar da pesquisa alegaram motivos diversos, porém ambos condizentes com a lógica temporal de suas urgências cotidianas. Os motivos iam desde a indisponibilidade de horários, mudança de cidade até as viagens agendadas por tempo indeterminado.

Antes de adentrar aos conteúdos emergentes de cada encontro, quero falar sobre as dificuldades que encontrei para efetivar a participação dos sujeitos na pesquisa. Foram estabelecidos contatos prévios com vários sujeitos, os quais, antes de um encontro presencial, foi detalhada. Percebi um aspecto bastante relevante que tange o andamento da pesquisa: tanto os sujeitos que participaram da pesquisa quanto aqueles que na iminência do encontro, faltaram ou não compareceram no dia (agendado previamente) estavam cercados de silêncio. Se os que não compareceram revelaram seu silêncio na ausência de suas falas, aqueles os quais participaram da pesquisa pareciam se encontrar num discurso “eletrizante demais” e que permitia a eles fugir dos vazios de suas vidas. Em outras palavras: o discurso repetido e a falas frenéticas nada mais eram do que suporte ao um vazio, vazio este que muitas vezes não podia ser preenchido.

Para ir mais ao encontro com o personagem Alexis, referente ao romance “Alexis ou o Tratado do Vão Combate” de Marguerite Yourcenar, reitero que, “parece-me, que, de geração em geração, as tendências e os atos variam muito pouco. Ao contrário, o que muda- em torno dele- é a extensão da zona de silêncio ou a espessura das camadas de mentiras. Isso não é verdade apenas nas aventuras proibidas”(Yourcenar, 1981, p. 7).

Foi a partir de tal silêncio, provocador de minha então inquietude emergente e latente, que alguns suspiros foram surgindo. Surgiram, na forma de poesia, algumas rimas que, no entanto, pareciam não rimar para os sujeitos.

Abaixo, a poesia cujo título remete ao:

Silêncio daquela alma proibida

Aquele dia que eu não ia
Que agonia eu quis passar
Por um alguém que escondia
Na minha dança, eu vou ficar

E não atento seus argumentos
Pois minha prosa eu vou levar
É que eu queria tua agonia
E nos teus olhos te perfurar

Não me alembro do teu relendo
Que de tão doce, me fez chorar
Naquela prosa, você me olha
E dos teus olhos, eu vou lembrar

Nosso silêncio, eu não aguento
E ninguém sabe, do nosso olhar
Pois era tanto, nosso desejo
E o sussego? Esse há de chegar.

Fernanda A. de Araújo
(Dezembro de 2010)

Algumas rimas são necessárias se a proposta inicial é fazer um contraste suficientemente notório para algo que não rimará depois. Tendo em vista estas linhas que se seguirão, tentarei encaixar algumas interpretações para que o leitor fique atento ao caminho percorrido por mim. Mas para isso, é necessário que o leitor suporte, antes da interpretação, alguns conteúdos afetivos que nada têm de linear.

5. SOBRE DITOS E NÃO DITOS

“A interpretação é essencialmente um desencontro produtivo – produtor do encontro mais profundo ou recordação” (Herrmann, 2001, p. 26)

Iniciar este capítulo significa ter um cuidado especial com todos aqueles que, porventura, irão ler, especificamente, esta parte da dissertação. O cuidado especial remete a dois pontos, os quais são: fomentar ao leitor sobre a impossibilidade de se captar todo o real, sendo esta, condição primeira para se iniciar uma pesquisa de cunho psicanalítico. O outro ponto, consequência deste primeiro, é referente a idéia de que as realidades de cada sujeito, metaforizadas aqui – quando possível – em interpretação (qualidade fundante do real), são disposições dinâmicas possíveis de serem afetadas por outras nuances do real (o que resultaria em outras interpretações).

Por outro lado, é necessário falar, apesar de não ser o foco desta pesquisa, sobre os constructos binários antagônicos e essenciais à existência das noções feminino e masculino. Em outras palavras, partiu-se da delimitação moderna destas noções (o que as tornam particulares) para verificar a possibilidade de adequação das falas dos sujeitos a estes constructos antagônicos. Somente neste momento, então, a análise das falas dos sujeitos decorrerá de uma linguagem a nível comum. Por exemplo: “eu comecei a perceber porque eu sempre gostei muito de casa”. Verifica-se aí a correspondência entre mulher, feminino, gay, identidade feminina (essência).

O método interpretativo por ruptura de campo foi delineado graças ao encontro com quatro homens: Tiago, Pedro, Vitor e Assis. Todos esses nomes bem como os demais, que foram citados no decorrer da trajetória de vida de cada um destes sujeitos, são fictícios. Os encontros aconteciam no local preferencial de cada sujeito de forma que, somente no primeiro encontro,

era avisado sobre a possibilidade de efetuar-se outros reencontros. Entre os quatro sujeitos, foi necessário dois encontros somente com um deles.

Neste momento descreverei o caminho pelo qual pretendo trilhar e a partir do qual analisarei os conteúdos. Utilizarei portanto Herrmann que faz considerações essenciais sobre a questão do método em Psicanálise e, através de conceitos oriundos da clínica psicanalítica, os utiliza com excelência no recorte de discursos imersos no social.

A noção de inconsciente em Herrmann se constitui através da análise do movimento das lógicas imersas no discurso do sujeito na medida em que, neste discurso ou nesta realidade se dá uma aparência ou maquiagem falseada do real. Esta imagem ou desenho falseado do real é obtido pela própria lógica que rege o inconsciente: a lógica do desejo.

O desejo, segundo Herrmann (2001) é a eficácia do inconsciente sobre a vida emocional. Assim, se todas as emoções decorrem do desejo – as aprazíveis e as dolorosas, as apetecíveis e aversivas, o querido, o relativamente indiferente, o abominado – há uma lógica produtiva ou de concepção que rege esse mesmo desejo e o faz presente a partir de operações simbólicas, na *matriz simbólica das emoções* (p. 24).

O método interpretativo por ruptura de campo proposto por Herrmann será utilizado então para fazer alguns recortes às falas dos sujeitos na tentativa de produzir ou elucidar diferentes campos que, contidos na lógica de concepção acima descrito, confere sentido, cria idéias e sentimentos pertinentes à vida deste mesmo sujeito.

A busca pelos sentidos simultâneos presentes nos discursos do sujeito é movido pelo método Psicanalítico. Ao contrário, a rotina produtora de uma redução consensual e violenta nos sentidos deste discurso promove uma espécie de acordo tácito e massificador necessário à efetiva transmissão de mensagens e intenções no cotidiano. Assim, se por um lado há uma intensa domesticação ou tentativa de familiarização dos sentidos, por outro há um crescente

estranhamento por parte dos sujeitos daquilo que lhes escapa o controle: é o inconsciente agindo (Herrmann, 1999, p. 13).

Se o inconsciente escapa através de mecanismos lógicos emocionais que combinam afetos e representações de forma a disfarçar o produto final para a consciência, a tarefa do pesquisador é romper com os campos que sustentam as diversas possibilidades do real – os inconscientes relativos – de maneira que provoque no sujeito uma espécie de estranhamento ou vazio: um conteúdo que estará por vir e que a princípio não fará o menor sentido para ele.

Herrmann (2004, pp. 60-61) define campo como sendo “uma zona de produção psíquica bem definida, responsável pela imposição de regras que organizam todas as relações que aí se dão, é uma parte do psiquismo em ação”, são inconscientes relativos a cada movimento de interpretação psicanalítica.

Desta forma é que se deu os encontros com os sujeitos: à medida em que a fala ia ganhando um corpo grosseiramente desenhado, alguns pontos notórios eram retomados em minhas intervenções. A consequência que teve então foi que, em todos os sujeitos, com exceção de Pedro – mais a frente eu explico porque não se deu em Pedro – houve uma espécie de constrangimento ativo pois o sujeito ia reconhecendo em suas falas a contradição – própria de seu discurso. O resultado então era o silêncio prolongado... Eu esperava a próxima partida na expectativa de qual direção o sujeito ia tomar...

Neste contexto acima descrito, retomo o conceito elaborado por Herrmann (2004, p.57) sobre a *expectativa de trânsito*: muitas possibilidades se oferecem e são rejeitadas pelo psiquismo; (...) Podemos pensar que uma barragem se rompeu. E a água contida inunda o aparelho psíquico, com a energia de impulsos liberados e com as figuras representativas daquilo que o paciente negava ser. As representações afastadas do centro da identidade pelas regras do campo formam uma espécie de círculo exterior ou periferia de superfície

representacional que, arrastadas à consciência sob a condição de um campo organizador, põem-se a girar dentro do sujeito.

Assim, foi a partir do método interpretativo, por ruptura de campo é que busquei nas vivências homoeróticas investigar – nesta ordem – como estes sujeitos se qualificam diante os relacionamentos por eles estabelecidos ao longo de suas trajetórias de vida; como podem ser descritos ou qualificados estes sujeitos no que diz respeito às suas parcerias homoeróticas e, por fim, como se dá a gestão destas individualidades no cenário contemporâneo?

5.1. ESTÉTICA URGENTE DE UMA MERCADORIA AMBULANTE

O primeiro contato que tive com Tiago foi via celular. Me identifiquei, falei que era mestranda do Programa de Pós-Graduação da UFU em Psicologia e que o motivo da minha ligação era a respeito de uma pesquisa que eu estava executando. Perguntei se ele estava ocupado ou se ele teria um tempo pra falar comigo sobre o assunto. Ele disse que eu poderia falar. Falei um pouco sobre a pesquisa, os objetivos e perguntei se ele tinha interesse em participar. Ele disse que sim, mas fez ressalvas quanto ao horário. Disse que só seria possível marcar um encontro no horário de intervalo e perguntou se poderia ser no local de trabalho dele. Eu perguntei quanto tempo ele teria disponível para o encontro e onde realizaríamos a entrevista. Ele disse que não poderia ultrapassar uma hora e que o encontro seria na sala dele. Eu concordei e agendamos o encontro na parte da manhã.

Tiago trabalha num hotel. Chegando ao hotel, perguntei à recepcionista por Tiago e falei que havia agendado um horário com ele. A recepcionista me informou que Tiago tinha dado uma saída e que ele havia pedido pra que eu aguardasse que, dentro de uns 10 minutos, ele estaria de volta. Aguardei. Não demorou muito pra que Tiago chegasse e começássemos a entrevista. Achei curioso o local onde nos acomodamos, pois Tiago havia me dito que o encontro seria na sala dele. O local na qual realizei a entrevista era um local bastante amplo, haviam várias mesas, quase não tinha ventilação e luminosidade e era subterrâneo. Me parecia ser o local que ficava ao lado da garagem. Começamos a entrevista. Pedi a Tiago que me falasse sobre ele.

Tiago tem 27 anos. Está em Uberlândia a cinco anos. Trabalha como gerente na cidade a quatro anos, sendo que já residiu em outras cidades do estado de Pernambuco e Tocantins. Tiago nasceu no Mato Grosso do Sul. Ressaltou que a maioria dos seus amigos moram lá e

que raramente consegue voltar a cidade onde nasceu. Sua família ainda mora lá. Morou grande parte de sua vida lá, de forma que a maioria de seus amigos estão lá. Sua família ainda reside na cidade. Ressaltou que raramente consegue ir pra lá. Atualmente mora com duas amigas, porém, no momento, está indo morar com o atual namorado. Trabalha a quatro anos como gerente: formou-se, pós-graduou e começou a trabalhar em alguns hotéis em Uberlândia. Disse que conhece algumas pessoas na cidade de Uberlândia, mas que pretende não ficar aqui por muito tempo; no máximo uns três, quatro anos.

Tiago se descreve como uma pessoa que gosta muito de conversar e dar conselhos. Afirmou que sempre está “puxando a frente de tudo”, gosta de reunir as pessoas e “carregar todo mundo pra frente”. Ressaltou ainda que tem opiniões muito fortes e que tem um grande problema em ser contrariado. Por outro lado afirmou ter um bom relacionamento com as pessoas, mesmo afirmando “onde eu trabalho eu me relaciono bem, com quem eu quero” (...) “tenho um gênio muito forte e quando eu não bato com a pessoa não consigo levar o relacionamento adiante”. Noutros momentos do encontro Tiago se descreveu como sendo impulsivo, sincero, genioso, muito determinado, impaciente e por fim, empreendedor.

A respeito de sua atração por homens, tinha grande problema quando morava com sua família, pois não queria expor isso à mesma e para as pessoas que ele conhecia na época. Afirmou que, atualmente, como não reside na cidade natal, é muito mais fácil. Entretanto, no trabalho, uma única pessoa sabe. Em seguida afirmou que, o fato de ter contado somente para uma não significa que ele esconde sua atração por homens. Ao contrário, acha que as pessoas não tem nada a ver com a vida dele – disse isso num tom bastante agressivo.

O que a pesquisadora fala das coisas que Tiago falou pra ela. Mas a pesquisadora narra em primeira pessoa, como se o sujeito pesquisado e ela própria estivessem falando da intersecção do encontro. Tentou-se o tempo todo dizer o encontro.

Foi assim: eu estava no meu trabalho. Havia muitos compromissos a serem efetivados ao longo do dia. Inclusive eu sou muito ansioso. Ela queria me encontrar; sobre uma pesquisa com gays. Falou em que consistia o encontro, a pesquisa de uma forma geral, ... eu topei. Ela tinha chegado com uma roupa não muito chique. Ela estava de óculos e olhos bem arregalados. Aliás, acho que os olhos dela são bem grandes. Percebi que ela queria me deixar bem à vontade. É verdade, isso ela conseguiu, porque, que eu me lembre, eu falei muitas coisas para ela. Nem esperava que eu fosse ficar tão espontâneo (se ela lesse isso, será que ficaria convencida, ou será que já é convencida?) Se ela for, talvez eu não desse certo com ela, porque eu sou também. Ela não tem olhos verdes assim como eu. Não é branca. Eu me acho único. Nasci no Mato Grosso do Sul e mesmo meus pais sendo muito humildes, eu sou branco dos olhos claros. Acho que isso me ajuda na fama de beijoqueiro, de fazer acontecer. Mas eu faço mesmo. Essa vida a gente tem que aproveitar. Um dia vi um vídeo do Bial, no qual ele dizia para que aproveitemos o máximo de nossos corpos, de nossas vitalidades, de nossas potências. Vitalidade é algo que eu não gosto de lembrar, porque me remete justamente ao seu contrário: à idade que vai chegando e à vitalidade que vai saindo. Gostaria muito de estar casado quando eu estiver velhinho. Sou tão desesperado que estou morando com um moço com quase três meses de relacionamento. É, eu não sei bem certo o que vai dar, mas estou tentando, vamos ver o que vai dar. Eu sou muito calmo. Aliás, sou bastante agitado. Na verdade eu me dou muito bem com as pessoas, mas quando eu cismo de alguém, daí fica difícil voltar atrás. Não mantenho contato mesmo. Mas voltando ao assunto da pesquisadora. Quero falar sobre ela. Sobre ela. Aliás, sobre o que eu acho dela. Mas eu não costumo falhar.

Ela perguntou pouco, mas depois, conforme eu ia falando algumas coisas, ela discretamente ia anotando num papel para que não pudesse perder uma sequência de meu pensamento. Sequência! Hahahaha!!! Acho meio difícil, eu ser um ser sequencial! Mas eu tentei ajudá-la. Não sei se consegui. Acho que o fato de eu achar a pesquisa dela bem interessante contribuiu para que eu ficasse afobado e tentasse completar as coisas que eu achava pertinente. Uma coisa é fato, eu falei muito pouco de mim, quando ela fez a primeira “pergunta” (“eu gostaria que você falasse sobre você”). Falei mais “números”: falei de minha idade, a quanto tempo eu estava em Uberlândia; em quanto tempo eu pretendia mudar daqui; falei que moro com duas amigas. Mas depois falei das coisas que eu gostava de fazer. Não explicitiei muitos detalhes. Falei que gostava de sair, trabalhar, estudar e viajar. Falei de minha mãe. Explicitiei muitos detalhes dela; de meu pai também. Aliás, de meu pai eu falei muito pouco, mas fui enfático ao me referir a ele. Falo todos os dias com minha mãe. Não tem um dia que eu fique sem falar com ela. A gente sempre dá um jeito: MSN, webcam, telefone, pergunto o que ela fez no dia, ela quer saber o que eu fiz também. Não tomo uma decisão sem falar com ela. Será que Fernanda pensou no meu afobamento, no meu trabalho, na minha mãe, quer dizer, no meu chefe?

Eu acho que tenho **vários fantasmas internos, vários chefes**. Alguns estão bem vazios, outros bem completos. Nestes últimos, eu prefiro redesenhá-los. Faço, coloro e pinto do jeito que fica melhor pra mim. Os fantasmas vazios são os pobres, os feios, os magros, os pobres. Ah, esqueci de falar do meu pai. **Meu pai tem um fantasma dentro dele**. Eu acho que tem porque ele não sabe que eu sou gay. Não quis contar. Não faço questão de contar por eu achar não ser necessário. **Meu pai não me importa também**; se ele vai aceitar ou não. Meus irmãos não sabem também e, acho que se soubessem, iriam ficar indiferentes, então não contei. É aquela coisa não fede, nem cheira. É uma parte da minha vida que só interessa a mim e a mais ninguém. Só minha mãe sabe por eu achar necessário que ela saiba. Além de eu

estar bem vestido no meu local de trabalho, eu disse à ela que me formei e me pós-graduei. Falei que sou gerente e que já morei em Pernambuco e Tocantins. Eu já beijei mulheres, inclusive minha mãe adorava, porque mãe gosta né de chamar de garanhão. E eu gosto de ser garanhão. Mas não com mulheres. **Desde meu primeiro namoro com mulher eu já sabia que não ia dar em nada.** Tinha certeza que não ia dar em nada, mas namorava por namorar porque no fundo minha mãe gostava. Ah, toda mãe gosta do filho garanhão. Eu achava divertido isso!

Em um ano, eu namorei três pessoas, depois mais três, depois no outro ano mais três, fiquei um tempo solteiro e agora estou namorando de novo. Este meu último namoro está sendo meu início de namoro mais saudável de todos os que eu já tive. Tem muitas brigas e eu sou muito ciumento, mas está sendo o namoro mais saudável. Não sei o que vai dar, se não der cada um vai pro seu canto. Acho que é por isso que eu não faço questão de andar de mãos dadas, porque se eu me decepcionar, minha ansiedade não irá me consumir tanto (mais do que consome). Eu não suporto andar de mãos dadas. Não combina comigo. Acho que sou assim porque sempre fui meio largado. Talvez a pesquisadora ficasse na dúvida! Como uma pessoa tão largada pode andar tão bem arrumada como eu? No fundo eu acho que o não andar de mãos dadas e também não fazer questão de andar é uma forma de eu lidar com essa minha ansiedade que aflora minha pele. Nossa, como em alguns momentos meu corpo consegue ficar tão ansioso e tão eufórico. Eu fico vermelho. Já pensei que talvez minhas risadas maníacas fossem no fundo risadas satíricas. Aquelas em que (não sei como) retiramos prazer da nossa própria desgraça. Meus dentes ficam bem à mostra. Um dia me perguntei se realmente a função de abirmos a boca é avisar que estamos com sono e portanto abarrotados para alguma batalha ou se no fundo era algum sinal “ó cara não chegue perto porque apesar de eu estar bem cansado, tenho estes meus dentes aqui (que por sinal são bem grandes). Não ocupe o meu lugar, porque enquanto eu durmo ele é só meu”. Uma defesa com certeza,

porque quando se está dormindo, fora o estado de vigília, estamos totalmente assediados pelo desejo do outro. E mesmo assim mostramos a nossa arcada dentária! Quanta contradição! É, parece que eu funciono mais por defesa maníaca do que por qualquer outro mecanismo de defesa. A pesquisadora concordaria com isso. Será? Em algumas vezes. Por falar em dúvida, teve um bom tempo que eu passei na dúvida. Se eu assumiria ser gay ou não. “Aceito, aceito. Não aceito, não aceito. Aceito, aceito. Aceito. Pronto. Aceitei”. Ficamos nos perguntando porque somos assim e não como os outros. Mas a partir do momento que eu me aceitei assim, eu fiquei feliz comigo mesmo. Não tenho aquela necessidade de ficar falando que eu sou. É uma parte da minha vida que eu julgo muito importante. Com relação aos homens que me envolvo, geralmente são pessoas que tem um poder aquisitivo maior e cujos assuntos propiciam um retardamento mental menos acentuado (todos nós somos um pouco palhaços. Mas tem uns que são demais; são enjoativos.). Não namoro bichinhas. Namoro homens com jeito de homem e que se vestem como homens. Hoje em dia tem muitas bichinhas. Estão surgindo muitas desse jeito. Se eu quisesse namorar uma bicha, eu pegaria direto uma mulher.

Quero falar agora sobre minha fase solteiro. Estar solteiro pra mim significa pegação. É sair pra beijar na boca mesmo. Então sempre que eu vou pra boate, tenho essa intenção. Como disse anteriormente, eu seleciono. Acredito que da mesma forma que existem os grupinhos no meio hetero, existem também no meio gay. Então não acho que selecionar seja uma característica do meio gay exclusivamente. Mas faz parte de qualquer ambiente; selecionamos e rejeitamos pessoas, de acordo com nosso padrão de convivência estável. Eu sou bastante sincero, talvez este seja um fator que atrapalhe na relação que eu tenho com as pessoas de uma forma geral. Por exemplo: se eu achei a roupa, de algum moço ou moça, feia ou pouco atraente, eu comento; seja com quem está ao meu lado e, dependendo da intimidade, comento diretamente com a pessoa. Talvez no momento não demonstrem ficar sem graça, mas no fundo podem ser que achem totalmente desnecessários tais tipos de comentários. Acho que,

talvez, essa minha sinceridade exagerada esteja ligada ao fato de eu ser muito impulsivo, ansioso e impaciente (já comentei que é algo que às vezes me atrapalha no meu namoro). É aquela coisa, segura, segura, mas pra não explodir fala! É claro que eu reparo como as pessoas se vestem. Não fico com homens que não se vestem bem. Uma boa pitada de bom senso e charme não faz mal a ninguém! (Tiago é um sujeito bastante charmoso e atraente). Sou exigente sim (e ri ironicamente). Acho impossível separar o perfil profissional do perfil sentimental de uma pessoa. Penso que pelo fato de eu ser empreendedor e muito determinado, quando eu quero uma coisa, eu vou até o fim, ao passo que, quando eu não quero, eu não quero e pronto. Ou seja, quando quero uma pessoa eu vou até o fim, ao passo que, quando não quero, eu não quero e pronto! Às vezes me acho repetitivo demais, mas sinto que me faz bem... Compulsão à repetição... Preciso repetir e repetir (mesmo que de outras formas), para que meu gênio forte se dissolva, se dissipe, meio ao vão de meus fantasmas...

O andar de mãos dadas para Tiago aparece em tal fala: “não acho que é necessário e eu como pessoa não gosto né eu não vejo necessidade pra mim né eu não gosto de ser o primeiro a levar pedrada deixo os outros levarem (sorri) então essa é a melhorada que eu queria dar no que eu disse”.

Algumas vezes percebi Tiago bem diferente dos outros homens cujos sujeitos da pesquisa me possibilitaram maior esclarecimento sobre o tema aqui proposto. Tiago foi o único que se prontificou a fazer a entrevista durante o período de trabalho. Ele havia me dito isso antes de formalizarmos o encontro. Pois bem. Tiago, trabalho, pesquisa. Um trio perfeito e um belo par para ele: Tiago, trabalho. O local de trabalho onde Tiago se encontrava, com certeza é um símbolo da excelência acadêmica que ele tenta dar a sua vida. O ritmo pelo qual Tiago descrevia o trabalho é bastante acelerado. Falou muito de metas e de novos desafios. Ele dizia que sempre era o primeiro a mover a equipe para a realização das tarefas e não menos na vida pessoal. Garoto de atitude, dizia ele. Mas uma coisa me intrigou no encontro. O ritmo da fala

de Tiago, seja de qualquer assunto, tanto profissional, pessoal, e especificamente até da sua relação homoafetiva consigo mesmo quanto dos seus relacionamentos com outros homens, era uma espécie de martelo quebrante que voltava e sempre quebrava mais uma vez. Sua voz quebrava. As pausas e os pontos finais de suas falas eram maciços. O ritmo da fala repetia constantemente. O ritmo era acelerado. A voz, as atividades e, inclusive, as descrições das formas de ser de Tiago estavam bem aceleradas. Ansiedade, fúria, impaciência e agitação pareciam permear o contingente de disfarces que ele precisava demandar para poder suportar todos os seus fantasmas; para poder suportar tantas de suas incompletudes. Era muito exigente consigo mesmo e com os outros.

Uma associação surge à pesquisadora: a ansiedade camuflada e ancorada sob a perspectiva de uma estética corporal. Um sujeito muito bem vestido e trajado.

No meio destas super exigências (vestir-se bem, exigir de si e dos outros desempenhos), tais fantasmas ficavam incompletos demais para uma demanda que outrora pudesse facilitar a dispersão de sua ansiedade. Mas não, Tiago parecia insistir em deixar tais fantasmas incompletos, ou seja, continuava a delimitar quais tipos de pessoas ele se permitia se relacionar. Em outras palavras, sua ansiedade camuflada numa série de comportamentos, afetos e desejos, apresentava uma demanda que retroalimentava suas ausências; o que de fato desencadeava estados de agitação e que por sinais eram intensas demais: uma estética corporal sofisticada à mascarar uma ansiedade perante à sua sexualidade. Isto se ancora bem à uma outra associação da pesquisadora, qual seja: O lobo salivante e a cauda do pavão. Ou seja, parece que o tempo todo Tiago precisa se utilizar como que de uma cauda de pavão a ocultar um animal feroz, um lobo salivante, uma natureza agressiva e ansiosa. Uma ansiedade que se delimita em movimentos de saliva. Tiago se mostra muito contraditório: “sou bastante calmo porém às vezes sou um pouco, na verdade sou muito agitado”. O que dizer a respeito disto? Talvez a dificuldade de conciliar naturezas tão opostas, tais como um lobo e um pavão.

Sua estética corporal fraqueja, se fragiliza diante das exigências mais genuínas de relacionamento. Este, quem sabe, sendo mais verdadeiro poderia aplacar um pouco as urgências de se vencer a transitoriedade.

Com relação aos relacionamentos, retomo, especificamente, um momento bastante interessante do encontro no qual Tiago descreve o namoro – há um mês que Tiago namora e recentemente mudou pra a casa do parceiro – e fala sobre suas expectativas: “se vai dar certo ou não, eu não sei. Estou apostando que sim. Se não der certo vai cada um pro seu lado (...) é uma pessoa que não é daqui, é de fora, de São Paulo. Está aqui tem dois meses. Estamos nos conhecendo, conhecendo a cidade. Ao mesmo tempo que tudo indica que o negócio está indo, vamos ver até onde chega. Não sei onde vai chegar não...”

Esta fala de Tiago, especialmente a forma como olha quando fala, remete, indiretamente, a um estado de insegurança que ao mesmo tempo lhe atrai e ressoa familiar. Em outras palavras, Tiago, quando num silêncio quase absoluto, atenta-se às ações deste outro, especialmente àquelas que lhe podem ferir. Às expectativas de Tiago estão atreladas o seduzir-se pelo desconhecido e, também, pela possibilidade do prazer que poderá obter caso o parceiro seduza-o.

Contudo, falar que Tiago aceitará este outro continuamente seria ingênuo. O convite à sedução e ao teste far-se-á a cada momento em que o silêncio e a expectativa confluirão. O namoro para Tiago significa uma espécie de jogo em meio ao silêncio, ao vazio: a eminência do momento anterior à expectativa.

Bauman (2004, p. 34), com relação às expectativas e mudanças susceptíveis num relacionamento afirma que “mergulharam de cabeça em águas inexploradas. A oportunidade de se abrirem à aventura do desconhecido e do imprevisível era a maior das seduções do amor.”

Outras duas associações ferem a pesquisadora: “o sinal do sino que dizia mais uma vez: já está na hora doutor(á)” e “a professora que queria cogumelos cor-de-rosa: bonitinhos e sem veneno”. Ou seja, o encontro revelava-se venenoso, pois Tiago pouco a pouco percebia o quanto ele se mostrava contraditório, o quanto já existia para ele uma urgência de encerrá-lo. Eu não suporto mais falar só de mim, das minhas procuras eternas e das minhas falhas. Acabo por me sentir muito pobre diante de mim mesmo. Termine logo essa entrevista.

Thiago, à primeira vista, parece ser alguém profundamente dependente do uso de sua beleza corporal. Ele é belo, atraente, sedutor. Não há como não querer um contato. Nova associação irrompe da relação: “o disfarce das ovelhas negras e o retorno das brancas”. Tal beleza corpórea não consegue se manter na afirmação de si própria, deslizando continuamente para forte julgamentos estéticos, morais e econômicos. Tiago não suporta ter de conviver com alguém que minimamente não possa se medir com aquela sua beleza. Ele estigmatiza, por exemplo, pessoas que se vestem mal, pessoas que não se vestem com marcas consagradas.

Tiago era grandioso, mas ao mesmo tempo propiciava um ambiente tão pobre, calculado e metrificado que, conseqüentemente, ele mesmo não conseguia se desprender de tal ambiente para se “amarrar” num outro que facilitasse a dispersão de toda as suas demandas incompletas.

Tiago e seus amigos eram muito parecidos, o que facilitava o intercâmbio de formas de ser bastante próximas e até mesmo, algumas vezes, similares. Tal configuração, (longe de ser estabelecida como padrão das condutas de Tiago) favorecia uma compulsão à repetição que o fazia sentir-se num ambiente por vezes familiar. Tal familiaridade consiste no que denomino de chave propulsora de seu estado de agitação, pois esta (agitação) casada com aquela (familiaridade) o fazia sentir-se seguro demais num ambiente que, de fato, promovia inseguranças e das quais propagava e retroalimentava estados de agitação e impulsão bastante notórios. Uma constatação, e que não pode deixar de ser relevada é que, toda essa disposição

dinâmica acima descrita possui como contradição inerente à esta própria descrição, uma das estruturas de pensamento de Tiago, ou seja, o fato de se ver grandioso demais. Desta forma, grandiosidade e pequenês coexistem e são interdependentes.

Podemos notar que, Tiago, cuja ansiedade molda as relações as quais o mesmo estabelece tanto no trabalho quando em seus relacionamentos amorosos e, mais ainda, nas suas amizades, não necessariamente assim o são, porque traz consigo mesmo uma estrutura ou condição homossexual que o institui enquanto sujeito psíquico. Em outras palavras, a realidade corpórea de Tiago pode perfazer outras realidades psíquicas tal que, não necessariamente, tenha-se como referente principal, o alvo sexual designado pelo próprio sujeito.

Pode-se dizer que, Tiago, um sujeito cuja moral descritiva à partir de suas condutas sexuais, seria então denominado de “homossexual”. Assim sendo, tais modos de subjetivação aqui descritos através de meus encontros com ele, não pertencem a uma natureza de condutas, cuja prévia remeta a um psiquismo ou dinâmica “homossexuais”. Em outras palavras, as realidades corpóreas e não corpóreas presentes no devir Tiago podem estar presentes em outras realidades cujo estatuto do corpo ou descrição física do sujeito- fazer sexo com outro homem- não necessariamente se fazem presentes para que tal condição se estabeleça. Em suma, a divisão dos sujeitos em homossexuais e heterossexuais não possibilita uma descrição mais acurada dos processos psíquicos que delineiam e diferenciam as diferentes formas de ser ou devires nas quais ambas as condições possam emanar. A não constatação de uma natureza ou estrutura psíquica exclusiva homossexual permite afirmar que a concepção de “um” inconsciente único e estruturado é falha quando se pretende resgatar de maneira pretensiosa a natureza do sujeito com base às determinadas disposições afetivas descritas por Freud, tanto nos sujeitos neuróticos quanto nos ditos perversos. Assim, observa-se em Freud que, à medida que **suas interpretações** se delineavam sobre os casos clínicos que o mesmo utilizou para

tentar explicar as origens e causas da homossexualidade, nada mais eram, do que um encontro do próprio Freud com suas marcas culturais impressas de sua época. Motivo este que tornou-se inúmeras vezes tão recorrente ao vocabulário moralista e biologicista de sua época.

Agora, no momento, uma última associação interroga o devir Tiago: “A pressa que comia ilusões e fantasiava noites loucas de amor”.

5.2. ALGUNS FÔLEGOS: O DANÇARINO QUE BAILAVA SOBRE A SAPATILHA COR DE ROSA

O que a pesquisadora fala das coisas que o “bailarino” falou pra ela. Mas a pesquisadora narra em primeira pessoa, como se o sujeito pesquisado e ela própria estivessem falando da intersecção do encontro. Tentou-se o tempo todo dizer o encontro.

Sim. Eu sou um dançarino. Tenho muito fôlego, principalmente quando me observam demais. Tem muitas coisas que faço, ou que fazem comigo, as quais eu não me recordo. Mas sei que, a cada compasso de minha respiração, algo acontece. Será que se eu visse, gostaria de tal cena? Da minha com certeza, mas da alheia, não. Tenho pressa por movimento, pois é através dele que não me anseio demais. Um tiro pela culatra, eu não me esqueço jamais. Sim, eu sou sensível e me toco por demais. Por falar em me tocarem, ai como é bom quando me penetram. Eu ergo meus braços e decolo. É um movimento que lembra alguns passos do balé clássico. Auxilia a minha performance na cama. Isso eu sei que auxilia, porque sempre pego os varões. Um amigo meu sempre era alvo dos mais velhos. Sorte dele, homens ricos e que podiam sustentar bons negócios. Não tem a menor graça sair com gente pobre. Eu sou pobre, mas minha mãe dizia que sempre devemos nos ater a pessoas cuja condição financeira seja superior ou no mínimo igual a nossa. Como sou pobre, me atenho aos ricos mesmo. Há muito tempo atrás minha família tinha uma condição de vida muito boa. Mas meu pai, sem juízo nenhum gastava muito, fazia questão de mostrar pra Deus e o mundo o quanto ele tinha. Era raro uma pessoa ter cartão de crédito naquela época, mas meu pai tinha, e na bandeira mais rara. Mas meu pai sempre bebeu muito. Fumou muito também. Meu pai sempre foi meu “mas” em minha vida. Já minha mãe, coitada, até o nome dela meu pai envolveu numa empresa que ele insistiu que fosse dar certo. Mas no final das contas, minha mãe ficou com o

nome sujo na praça. A minha maior referência é minha mãe. Uma referência suja, mas é a minha melhor referência. Minha mãe é tudo pra mim.

Já passei por maus bocados na escola. Uma vez um garoto me perguntou: “você é menino ou menina?”. Eu lhe disse menino. Ele se sentia muito feio na época da escolinha; usava óculos cujas lentes eram bastante espessas - pois seus pais não tinham condição de comprar outro melhor- e acho que isso ajudava para que o notassem mais. Eu não acho que tinha trejeitos de gay naquela época. Tem muitas coisas que eu não me lembro ao certo. Ah, já fui coroinha na igreja também. Acho que falei assim porque talvez ela (pesquisadora) pensasse que eu fosse gay por ter sofrido abuso na infância ou algo de outra espécie. No fundo acho que acredito nisso. Fernanda entra em cena e diz: se fosse falar que Pedro detalhou algumas passagens de sua vida, durante a época da infância e puberdade, seria cometer uma falha considerável. Digo falha considerável porque, com base no decorrer de suas falas, o que Pedro fez não foi apenas detalhar, e sim dissecar detalhes íntimos de sua vida. Os principais personagens desta passagem são: seu pai, o amigo de seu pai, um vizinho e seu primeiro namorado. Pedro dizia que nesta época chegava a ter o contato (contato no sentido sexual, mas sem realizar a prática sexual propriamente dita: a penetração). Disse que na escola não teve nenhum contato, mas que de olhar para alguns de seus vizinhos já percebia que eram. Ficava feliz por ver que não só ele era do jeito que era. Pedro questionava-se muito sobre sua condição. Outrora pensava: “por que meninos gostam de meninas e eu, menino, gosto de meninos?” não entendia muito bem esta disposição. Mas desde que resolveu assumir, aos quinze anos, falou com sua mãe. Posteriormente sua família ficou sabendo. A aceitação da sua mãe foi sempre tranquila. Quanto a de seu pai, Pedro não mencionou o nome dele e não disse como foi a (não) aceitação. Curioso é que, depois de Pedro falar sobre a aceitação de sua mãe e não comentar sobre a de seu pai, continuou dizendo que é uma pessoa muito alegre, feliz, tem muitos amigos, não tem dificuldade de fazer amizades e tem muita facilidade pra se relacionar com

as pessoas. Disse que é bastante educado; que pelo menos ele acha isso e acrescentou não ter problemas com ninguém.

Alguns detalhes valem ser ressaltados da vida de Pedro. Na escola, bastante tímido, tempo em que sua mãe o colocou pra fazer teatro na tentativa de auxiliá-lo, com relação a sua inibição, o pai o batia por qualquer motivo. Pedro dizia que a escola ligar já era motivo pra ele apanhar. Disse também ter muito medo de seu pai. Eu não acredito ser uma pessoa suficientemente custosa para apanhar tanto de meu pai. É justamente o contrário, quem é custoso que apanha, não é? Às vezes me sinto solitário. Parece que ainda não sei conviver com aquela solidão deixada pelo meu pai. Solidão defesa né? Mais fácil sentir-se só do que ter que conviver com tamanha agressividade. Eu realmente tinha muito medo de meu pai.

Às vezes me policio pra não parecer afeminado. Não curto. Penso que para Pedro, as aulas de dança faziam muito bem, tanto para se reconhecer frente a um corpo que a princípio não fazia sentido quanto ao quesito autopercepção. Me policio muito para não aparecer afeminado. Piso nas minhas sapatilhas cor-de-rosa. Me pergunto: como, de tão bonitas que são, acomodo meus pés nelas para que a angústia de meus lençóis de sangue não aflija o enredo dos meus dias seguintes? Não entendo como um ser tão potente, outrora decadente possa fluir assim, sem um sentido mínimo que possa significar pra ele? Sim, sinceramente eu não entendo. E então o grito vem, e me dá uma vontade de berrar. O choro de minha mãe talvez me toque muito e é por isso que amo tanto ver a minha altura, pois diante o tatame, eu piso nos fantasmas que a incomoda; ou melhor, fantasmas que me incomodam. Mas a pergunta ainda fica: como essa tal dita rosa provoca em mim este fervor? Vermelho seria melhor, pois lembra sangue, paixão ou algo que faça sofrer. Mas não, é o rosa. Neste momento, emerge mais uma vez a associação entre Pedro e a pesquisadora: a bailarina alta, magra e esguia que rodopia sem parar em torno de si mesma. Colã rosa, fitas rosas, sapatilhas rosas. Seu pé esquerdo está perfeito, mas o direito a fita se esvai. Se lança, às vezes se alcança, às vezes não. Tal campo

emerge a possibilidade de Pedro re-elaborar as vivências que tivera com seu pai, de quando este o batia. Talvez ele mesmo, ensaiasse uma forma de retalhar seu próprio pai através dos passos detalhados que a dança exigia. Por outro lado, pode ser até mesmo que, a dança fá-lo-ia atingir determinado nível de complexidade, permitindo com que Pedro se mostrasse quase que perfeito para seu pai. O momento após o bater do pai e que suscitava sua angústia eram necessários para que tal mudança psíquica pudesse ser efetivada. Em alguns momentos me parecia quase inviável um bom relacionamento de Pedro para com seu pai, de tal forma que talvez uma ginástica psíquica tornasse quase sempre necessária para que ele pudesse lidar com tais afetos. As viagens que Pedro fizera no decorrer de suas apresentações é uma espécie de modelo de auto-estima sustentado por ele mesmo, mas que servia para compensar o fato de não poder auxiliar sua mãe em momentos que tal tentativa de ajuda não contribuisse para que ela pudesse ficar bem. Assim, o fato de ele dizer gostar muito de se sentir útil para as pessoas tenha uma anterior correlação: o pai que o batia e a mãe que oferece a possibilidade do filho ver-se distante e aliviado da presença negativa do pai, tal que, os troféus que colecionava das apresentações da dança é um agradecimento; um retorno a ajuda que sua mãe lhe oferecera na infância. Pedro então, se identifica com esse aspecto de sua mãe, na medida em que preconiza ajudar sempre as pessoas quando puder. A necessidade de sentir-se sempre útil às pessoas mascara a angústia de Pedro consigo mesmo: o fato de ser tão desprezível para o seu pai. Por isso Pedro pede, de maneira figurada, à pesquisadora: utilidade, venha até mim e sequestra a minha angústia, o meu abandono, o meu desamparo. Sequestra-me, por favor.

Ó minha querida doutora, não te careces mais um minuto de minha presença? Quero despejar pequenas gotas de ódio e muitas de amor, para que eu possa me enganar mais um pouco. E ela diz: não meu querido, não penses que tempo pelo tempo é importante para mim. Os teus segundos na sapatilha são outros. No fundo acredito que são poucos, mas o suficiente para

torná-los inesquecíveis. Quanto sarcasmo. Não te apetece algumas lágrimas que dos meus olhos caem e enriquecem a tua indecência? Quantas vezes se boicotava, quando uma voz te falava “vá e se deite na cama com aquele garoto”? Aquela tua sapatilha me soava um grito tão aflito. Sinto que talvez eu queira te provocar. Observe: na verdade, não há nada de indecente. Mas pra mim há, porque preciso deste argumento para ferir-lhe e se soltar um pouco mais. Eu preciso realmente que você se sinta atingido. Algumas vezes as sapatilhas te atingirão. Outras vezes serão as vozes das pessoas as quais convive. Porém, será necessário pensar que tais vozes não são as vozes de seu pai, mas vozes da própria pessoa que fala. A sapatilha que te permeia falará e você, também falará com ela. Pode ser que tais falas emergjam à sua consciência, mas pode ser que não. De qualquer forma, não se preocupe: ela te trará angústia, mas te aliviará também.

No momento em que Pedro descreveu a relação que tinha com o vizinho (amigo de seu pai) e com Roberto, Pedro ficara bastante confuso e agitado de tal forma que suas falas se esvaíam, saíam incompletas e portanto sem obter plausibilidade nos sentidos que tentava dar às suas falas. Pedro se mostra inconformado consigo mesmo de ter levado Roberto pra dentro de casa, apresentando-o como amigo, quando na verdade já eram namorados. O pai de Pedro acreditava ser o culpado de seu filho ter se tornado gay. Segundo Pedro, o motivo pelo qual seu pai sentia-se culpado era o fato de que Pedro já tinha tido um caso com seu amigo-vizinho da família. O pai de Pedro ficou sabendo do contato que o filho havia tido com seu amigo porque sua mãe o houvera contado. Pedro afirma: “A culpa era dele por eu ser homossexual ou por alguma outra coisa entendeu? Por ele ter feito a minha cabeça pra eu é... gostar de homem”. Emerge através do pai uma associação: o pai que falava poucas palavras, mas falava muito. “A voz imersa no silêncio maldito, no meu gozo, o meu inimigo”. A descrição do pai remetia sempre a uma figura bastante punitiva, agressiva e de poucas palavras. As agressões que Pedro sofrera enquanto criança parecem estar bastante marcadas

na forma a qual ele representa seu pai. Assim o medo que permeava a sua relação com ele e a incompreensão do porque de seu pai ser tão agressivo diante situações em que ele mesmo não julgava necessária, moldam a voz que o próprio Pedro fazia emergir no encontro dele com seu pai. Era um gozo que se fazia necessário diante da relação que mantinha com ele. Como se não bastasse, Pedro já tinha uma noção de como era a relação que seus pais mantinham: “o meu pai é... eu fui descobrir assim o que meu pai fazia com minha mãe quando eles estavam quase assim eu sabia que ele não prestava hum eu sabia que ele não era uma pessoa assim eu respeitava ele porque era meu pai mas você **descobriu quando a tampa da garrafa estava supitando**. Isso mesmo porque assim aí minha mãe nossa a minha mãe ela falou cada coisa assim que teve uma vez que eles foram fazer isso, foi perto da separação que ele machucou ela no ato sexual sabe?” Penso que Pedro não entrara em detalhes mais profundos de como seu pai era com sua mãe pois talvez fosse dolorido demais entrar em contato com tais circunstâncias. Visto isso, a figura de seu pai, já um tanto notória no decorrer de suas falas, permite cumprir o papel de descrever seu pai tal como me parece: um sujeito que não primava pela presença de seu filho, visto que Pedro tornou alvo de manifestações hostis pelo pai; o dinheiro que seu pai obtinha era desperdiçado na sua vida extra-conjugal (Pedro fala que seu pai possuía várias amantes, e que inclusive ele próprio descobrira isso contando para sua mãe). A mãe por outro lado exerce um papel de uma figura bastante desmerecedora de afeto por parte do pai: além de ser traída, foi alvo de violência sexual nos tempos em que tentava finalizar o processo de separação, além de que ficou com o nome bastante sujo pelo fato da empresa que o pai resolvera abrir ter falido. Assim, Pedro parece ser a representação exata da relação existente entre o pai e a mãe: agressivo com o pai quando precisava e afetuoso com sua mãe nos momentos em que sentia que esta se prostrava diante do pai. Penso que Pedro se responsabilizou pela culpa de seu pai ter arranjado outras mulheres, pois era um filho que, para o pai, só trazia desgosto. O ciúme então, provem justamente daí, da relação de seu pai

com várias mulheres ao passo que com ele, não havia relação: a não ser o presente que seu pai houvera lhe dado, o vizinho gay que era amigo de seu pai.

Sobre seu relacionamento com Roberto que durou quatro anos. Foi marcado por mentiras: disse a Pedro que a idade de seu RG não era compatível à idade que ele tinha de fato. Disse que modificou a idade na carteira de identidade porque como ia ser operador de caixa tinha que ter uma idade maior. Assim falsificou a identidade porque queria trabalhar. Pedro acreditou.

Um aspecto da vida de Pedro que vale ser ressaltado se refere ao momento em que ele levava para dentro de casa seu ex-namorado Roberto e o beijava na frente de suas irmãs. Tal momento suscitava em Pedro momentos intensos de culpa, pois achava não ser necessário tê-lo levado, ainda mais que Roberto era uma pessoa que, assim como seu pai, deixava muitas marcas negativas em sua vida. Do relacionamento que Pedro teve com Roberto, os momentos negativos prevaleceram: Roberto mentia muito na tentativa de fazer com que Pedro ficasse convencido de suas verdades. Por exemplo: Pedro percebia várias contradições decorrentes das falas de Roberto. Percebia que algumas delas estavam distorcidas diante das falas que seus amigos lhe contavam sobre o que acontecia no meio em que estava inserido. Pedro contou que Roberto realizava rituais de macumba em sua casa, fato este que o deixava bastante preocupado. Conhecia pouco a doutrina espírita, mas depois que começou a estudar mais sobre a mesma percebeu que a casa de Roberto não era o local adequado para que tais rituais fossem realizados. Pedro acusava Roberto de ser manipulador, acusando-o de utilizar dos rituais nos momentos em que as coisas não pareciam andar do seu modo: “Quando a gente brigava vinha um espírito nele e falava, começava a martelar. Eu vi que não era espírito nenhum. Era ele”. Mais a frente, Pedro descobriu estas mentiras de seu ex-namorado, as quais Pedro julgava bastante problemático, fato este que contribuiu meses depois para o término do relacionamento. Pedro disse também que Roberto o traía. O traiu com um de seus amigos, o

João, em sua própria cama. Roberto utilizava de seus recursos espirituais para falar coisas da própria vida de Pedro para sua mãe. Disse que Pedro iria sofrer um acidente no trabalho. A irmã do meio de Pedro saiu de casa porque não aguentava mais a presença constante de Roberto na casa. Foi morar com o pai. A presença de Roberto na casa e a maneira que ele se comportava já traziam consequências para a própria dinâmica familiar: sua presença era tida como inconveniente em tais circunstâncias. Roberto ia todos os dias à casa de Pedro. João comentou com Pedro das coisas que Roberto falara. Dentre estas coisas, Roberto falava muito mal de Pedro e de sua família. Pedro disse que João havia dito que voltaria para sua casa, cidade do Prata. Porém não voltou porque ficou com medo de Roberto. Disse que Roberto tinha comportamento paranóico, de pessoa doida e, então, tinha receio de que Roberto pudesse fazer alguma coisa com ele caso ele voltasse para sua cidade. Pedro sentia ódio de Roberto porque segundo ele, foram quatro anos de sua vida jogados fora para uma pessoa que não valia nada; “todo sacrifício que eu fiz da minha vida durante quatro anos por uma pessoa que não me deu valor”. Depois que Pedro terminou o relacionamento com Roberto, algumas pessoas vieram falar com ele o quanto ele estava sendo chifrado por Roberto, que ele não iria conseguir andar mais de tanto que sua cabeça iria pesar. Pedro começa então a procurar algo em seu corpo que pudesse justificar o fato de Roberto tê-lo traído. Concluiu também que apesar de ter alguns predicados problemáticos, tais como, usar ainda óculos, ter os cabelos anelados, encaracolados, Roberto, por sua vez, era calvo, mais velho e não era tão bonito. Uma certa equivalência na cabeça de Pedro se estabelecia entre ele e Roberto, e com isso acreditava Pedro que esta paridade não provocaria qualquer traição do companheiro. Ressalta que todos os seus relacionamentos posteriores não deram certo por conta de traição. Neste momento me parece que sua condição era similar àquela que sua mãe vivenciara quando estava casada. A identificação com a mãe neste sentido se efetivava mais uma vez.

A ocorrência frequente dos mesmos problemas de relacionamento que Pedro tivera anteriormente com Roberto possibilitou que ele pudesse tomar decisões tais como, evidenciar e poder resolver com mais determinação e assertividade os pequenos problemas que o incomodavam nos seus novos relacionamentos com rapazes após a ruptura com Roberto. Pedro diz: “O que eu quero eu quero e eu não volto atrás”. É nítida a mudança de comportamento de Pedro se formos analisar inicialmente suas condutas quando namorava Roberto, e com relação aos relacionamentos que posteriormente fracassaram devido à traição dos seus parceiros. A identificação com sua mãe diante dos problemas que ela vivia com o pai, com certeza se tornaram um forte aliado para a auto-determinação de Pedro frente a outros problemas de relacionamento com os quais ele se deparasse. Pedro diz: “Eu tenho palavra, não quero ser igual ao meu pai. Eu tinha medo de magoar o Roberto. Eu tinha medo de magoar as pessoas. Eu ainda tenho medo de magoar as pessoas que fazem bem para mim. Antes não, eu tinha medo de magoar até as pessoas que me julgavam”. Pedro parece ainda inseguro diante da sua postura que exerce diante de outras pessoas. Uma espécie de auto-vigilância ainda persiste nas formas dele se relacionar. Já não há mais os troféus que dera a sua mãe, ou seja, já não pode dar mais troféus aos seus amigos, a não ser que se policie para ser um troféu de admiração para as pessoas que o cercam. O contraste entre ser um “não-troféu” para seu pai e ser um troféu para sua mãe, seus amigos e namorados, é uma reação a sua necessidade de aprovação no trabalho, o medo de magoar ainda pessoas que ele julgava fazer “o bem” para ele, já que não pode mais usar de seus troféus, obtidos nas apresentações para receber os aplausos que outrora obtinha da platéia que o assistia.

O fato de Pedro acreditar que se comportava de maneira errada diante dos problemas que tinha com Roberto, o fazia se fechar mais ainda, pois a crença neste pensamento não abria margem para que ele pudesse falar ou fazer alguma coisa diante da situação. Pedro se prostrava e ficava calado, mais uma vez. Pode-se dizer que a vida de Pedro foi praticamente

moldada de acordo com os interesses de seu namorado Roberto. Este, que naquela época tinha 25 anos, parecia enganar facilmente o garoto (Pedro), pois este mesmo se julgava muito “bobinho”. Namoraram durante quatro anos, tempo suficiente para que de fato as vivências de Pedro (o de ter sido “bobinho”, traído e manipulado por Roberto) fizessem sua ficha ter caído: “demorou muito tempo mas caiu”. Diante deste contexto, algumas perguntas emergem: “o que de fato tornou Pedro tão imperceptível às coisas que aconteciam diante sua volta?; “pode-se dizer que seu pai contribuiu para seu aniquilamento fazendo de seu filho uma mera presença ocasional, quase não notada, a não ser nos momentos em que seu pai o batia?; “Pedro, de fato, se sentia culpado, ou seja, internalizava o ser uma criança ruim?; “pode-se dizer que há uma correlação entre menino apático na escola e pai agressivo?” Duas respostas então se delineiam: Pedro, de fato, sofreu uma espécie de aniquilamento por parte do pai, o que o condicionou a não ter uma boa visão de si mesmo. A ausência de afetos positivos por parte do pai (não se tem uma noção da relação que a mãe de Pedro estabelecia com o filho, apesar de que Pedro tendia a ver nela uma figura como de uma salvadora e protetora frente às agressões do pai) fizera Pedro compartilhar com quem se relacionava uma espécie de agradecimento fortuito diante das demandas emocionais que ele apresentava, o que o possibilitou poder semear por um bom tempo (a ficha ainda não tinha caído) sentimentos afetuosos e bons a homens que ele mal conhecia. Conclui em outras palavras que, se de um lado a sua baixa auto-estima influenciou na sua falta de percepção do que ocorreria quando namorava Roberto, por outro, aquela propiciara um maior encontro dos dois, possibilitando a Pedro poder sentir-se querido ou desejado por outro; diferentemente daquilo que recebia de seu pai.

A descrição que Pedro faz das suas atuais amizades são bastante recorrentes: “A Carol disse que eu estou fazendo muita falta, então você vê que você é querido, que as pessoas gostam de você, então por essas coisas eu vejo que eu sou legal, que eu consigo que todo

mundo gosta de mim, não que todo mundo gosta de mim, mas tem muita gente que gosta de mim, eu sou querido, eu achei tão legal a Carol gritando Cáaaassio, o pessoal me abraçando, foi ótimo.”

Diferentemente de Tiago, a auto-estima de Pedro o limitava nas relações com outros coleguinhas nos tempos iniciais da escola. Pedro, uma criança que sempre estava em seu canto, pacato, como se descrevia, fôra também alvo de inúmeras investidas agressivas de seu pai. A sua mãe, no entanto, tornou-se uma figura bastante expressiva no seu processo de desenvolvimento, auxiliando assim a timidez do filho diante das circunstâncias que o propiciavam a relacionar-se com os colegas os quais convivia. Há na relação com o pai uma possibilidade de aceitação, mas que diante das circunstâncias da vida tudo se transformou numa reação oposta: se antes Pedro pensava não ser um bom filho, agora este é que não via no pai um bom modelo a ser seguido. Tal compensação foi realizada através da forte dependência de aprovação que Pedro tem com seus amigos. Nas falas fica evidente o quanto Pedro acha importante e necessita da aprovação de seus amigos para se certificar que é uma pessoa que os outros gostam, que faz falta ou que é querido por todos. A fala “eu consigo que todo mundo gosta de mim, não que todo mundo gosta de mim, mas tem muita gente que gosta de mim” demonstra a própria potência de Pedro em saber que ele mesmo é capaz de cultivar o amor, a amizade nas pessoas.

Se formos observar os entrelaçares da relação que Pedro mantinha com Roberto e deste com seus amantes, em análise conjunta às teorias psicanalíticas sobre a homossexualidade, nada se pode concluir, visto que tais teorias se mostram insuficientes para explicar as relações que Pedro tinha com seus companheiros. Assim, o possuidor de um impulso homossexual não poderá ser transformado numa identidade homossexual, visto que não se pode afirmar a existência prévia de uma estrutura de personalidade homossexual que perpassasse todos os sujeitos homossexuais. Assim, termos como condição, distúrbio e perversão não fazem

nenhum sentido, no caso acima descrito. Por outro lado, é interessante notar o freio que Pedro se coloca quando surge uma vontade de ficar com alguma garota. Assim, como reprova comportamentos bissexuais, pensa que o fato de ser um homossexual não o permite ficar com mulheres, pois estaria agindo assim contra sua própria condição. Isto demonstra o quanto Pedro incorporou a norma heterossexista ou o ser homossexual. Assim pode-se dizer, em outras palavras, que a divisão dos sujeitos em homo e heterossexuais, faz sentido pra ele. Ser “homossexual” e ser “heterossexual” não é, obviamente, tudo que uma pessoa é. Como disse anteriormente, tais descrições normativas e morais não facilitam a compreensão dos possíveis e diversos devires a que o sujeito está constantemente influenciado, possibilitando e reforçando mais uma vez uma cristalização ou estruturação da própria pessoa. Da forma como se refere Costa (1995), o sujeito é um tecido de quadros lingüísticos ou um conjunto de diversos homúnculos que interagem harmoniosamente ou de modo conflitivo, conforme a convergência, divergência ou contradição entre as intenções implicadas nas teias de crenças e desejos de que é feito o sujeito. Ou seja, a noção que o termo estruturas de personalidade implica é uma visão mecanicista, detalhada e pormenorizada, de um pressuposto anterior a que se acreditou poder captar: a de uma identidade exclusivamente homossexual.

Assim como afirmou Bourdieu, a diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, e, especificamente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, pode ser vista como justificativa natural de diferença socialmente construída entre os gêneros e, principalmente, da divisão social do trabalho. A afirmação de que é o princípio de divisão social que constrói a diferença anatômica e que é esta diferença socialmente construída que se torna o fundamento e a caução aparentemente natural da visão social que a alicerça, caímos em uma relação circular que encerra o pensamento na evidência de relações de dominação inscritas ao mesmo tempo na objetividade, sob forma de divisões objetivas, e na subjetividade, sob forma de esquemas cognitivos que, organizados segundo essas divisões,

organizam a percepção das divisões objetivas (Bourdieu, 1999)- A dominação masculina. É neste sentido que Costa (1995), afirmará a noção de Linguagem como a herdeira de uma preocupação moral que exige dos sujeitos responsabilidade e compromisso com condutas eticamente orientadas e não apenas fisicamente causadas. Ressalta ainda que a tendência à insistência em dar um estatuto trans-histórico e supranatural à linguagem é porque pretendemos ter uma auto-imagem superior, moralmente falando, a de outros seres vivos, de tal forma que só se pode falar que a linguagem é a soma dos atos de fala do sujeito.

Ao fim pode-se dizer que o troféu emblemático de Pedro pode se estabelecer no seguinte devir: “Um menino fajuto de óculos fundo de garrafa e cabelos encaracolados sempre recebe troféus de seus amigos. Estes troféus, elogios de seus amigos e símbolos da gratidão que tem pela existência do ser Pedro, são sempre necessários para que ele possa ter um bom motivo de existência no mundo. A dança e a arte foram imprescindíveis.

5.3. A FACE DO BOZO E O REVERSO DE UMA SOLIDÃO

O encontro com Vitor foi bastante diferente. Cercado de seus cinco cães de raça, ele me recebeu e convidou-me para entrar. Senti que Vitor carregava uma certa imponência diante do movimento de seus cães a sua volta. Apresentou-me a seus cães: Babalu, Puc, Luly, Shanaya e uma outra à qual ainda não havia escolhido o nome (de raça também). Tinha um gato persa, um coelho, uma calopsita (Bia), duas tartarugas e alguns peixes no aquário. Avisou-me que Babalu estava com um problema na pata traseira esquerda e que estava preocupado com ela. Falei a ele que, caso ele se sentisse melhor em realizarmos a entrevista outro dia, não haveria problema algum. Ele disse que não teria problemas e que poderíamos começar.

Entreguei o Termo de Consentimento e num certo momento, Vitor parou, olhou pra mim e disse não acreditar que uma das palavras escritas estava errada. No momento acatei o parecer de Vitor, verificando qual palavra estava errada. No momento em que peguei, Vitor começou a rir do susto que eu havia levado por pensar realmente ter cometido um simples erro de português. Em seguida, Vitor desmentiu, assinou o termo e começamos a entrevista.

Da mesma forma que Tiago, Vitor começou a falar de sua vida profissional. Disse que é veterinário e que, desde muito cedo, queria realizar o sonho de ser veterinário. Em seguida, detalhou, sobre sua infância, alguns aspectos relevantes os quais tem bastante evidência nos dias de hoje – como a solidão, por exemplo. O forte elo de ligação com os animais revelou-se precocemente, desde os 5 (cinco) anos de idade. Acredita que o fato de ser uma criança solitária intensificou ainda mais sua relação com os animais. Vitor recordou uma lembrança de infância, através do seu álbum de 5 anos, quando sua mãe o tentara separar da cadela que possuía. Disse que chorou muito porque queria ficar com a cachorra.

Com relação à sua vida amorosa, Vitor disse que ainda não encontrou alguém que “se fizesse merecedor de minha pessoa”. Seu primeiro contato homoerótico foi depois dos 21

anos de idade. Disse que chorou muito e teve febre no dia seguinte. Antes deste primeiro contato, morava com sua tia em Belo Horizonte e tinha muito medo de sair na cidade, pois a considerava perigosa. Considerou que o fato de não prover acesso às tecnologias da internet contribuiu para que seu primeiro contato homoerótico tenha sido tardiamente.

Antes de vir pra Uberlândia, Vitor não havia desenvolvido liberdades que o permitisse estabelecer contatos com eventuais parceiros: “então eu vivia num mundinho fechado”. Porém, assim que se mudou para Uberlândia, começou a procurar lugares GLS. Antigamente tinha uma dificuldade muito grande em falar com os outros: “O Vitor de uns cinco seis anos atrás não é o Vitor de hoje.” – disse. Antes, se surgisse algum assunto referente ao “homossexualismo” – Vitor utilizou este termo, por isso as aspas – ele se sentia deslocado e constrangido.

É motivo de preocupação para Vitor o fato de perceber que no meio GLS dificilmente se cria um elo de ligação considerável nos relacionamentos. Fala que a promiscuidade é maior no meio e que os namoros são algo mais do que passageiros.

O Vitor se revela solitário em vários momentos de sua infância. Lembra que não tinha amigos na escola onde estudava. Quando no recreio, sempre ficava sentado num canto, sozinho. Vitor conta que sempre teve problemas de relacionamento por ser assim tão retraído. Esta forma de se apresentar às pessoas perdurou até o ensino médio. Quando ingressou na faculdade, as coisas mudaram. Já não via problema em sair com seus parceiros, em se relacionar com homens. Com relação ao falar que ele é homossexual, como ele se denomina, pensa que da mesma forma que um hetero não fala “ó, deixa eu te contar uma coisa, eu sou hetero, não vejo necessidade da pessoa falar que também é. Agora, se perguntam se sou gay, eu falo que sou”.

Vitor demonstra aversão à Igreja Católica. Pensa que a instituição não evoluiu com relação a temas sobre o aborto, células-tronco, camisinha, homossexualidade. Pensa então, a partir de

tais posições, que a Igreja é arcaica e não evoluiu. Quando leu sobre a história da igreja católica no período da Inquisição, “fiquei com mais nojo”, por isso a aversão à igreja católica. Acredita que o catolicismo não tem nenhuma moral para ditar qualquer tipo de posicionamento ou comportamento.

Com relação à convivência de Vitor com sua mãe, afirmou que a proximidade é aliada a constantes atritos de tal forma que, quão maior a distância menor a probabilidade de tais atritos acontecerem. Vitor pensa que sua mãe já desconfia que ele gosta de homens, porém, não pergunta à ela pois pensa que sua mãe não toleraria saber dessa qualidade do filho. Às vezes, ela diz a Vitor que no lugar de animais ele poderia arrumar uma namorada. Diferentemente da mãe, mantêm uma relação bastante agradável com o pai, porém acrescenta que se sente mais a vontade com a mãe.

Com relação ao namoro com Marco, afirma ser um relacionamento bastante problemático no sentido de que os defeitos desse são mais acentuados do que suas qualidades. Afirma que Marco não tem senso de algumas coisas. Peço a ele para dar um exemplo: disse que na maioria das vezes, jantam juntos na casa de Vitor (Vitor mora sozinho), sendo que sempre pede para Marco comprar uma alface, tomate, mais verduras para ajudar no preparo do almoço. Mas Marco nunca se dispôs a ajudá-lo; resume em “bom hábito ou noção de dividir a parte financeira”

Marco, segundo Vitor, já teve problemas de infidelidade duas vezes, é pouco carinhoso, pouco comunicativo, além de ser uma pessoa que quase nunca ri. Disse também que sente falta de uma pessoa que se relacione bem com os seus animais. Ressalta que Marco não cumpre esse papel. Vitor afirma que Marco não é a pessoa certa para ele – “ele é uma pessoa errada”, pois pensa merecer uma pessoa melhor. Diz não saber o porque ainda não terminou com ele, mas por outro lado tem medo de ficar sozinho. Afirma que se tem uma coisa que o desequilibra emocionalmente é estar sozinho.

A solidão reflete no seu cotidiano, tal que tanto as refeições quanto as atividades profissionais ficam prejudicadas. Além da mudança com relação à ausência da pessoa, muda seus hábitos alimentares, e assim por diante. “A solidão é algo que me afeta diretamente.”

Afirmou também que não dá conta de se sentir bem se não está com uma pessoa e diz perceber-se depositando sua felicidade na mão do parceiro. Isso o deixa mais preocupado, pois pensa que estar namorando não é nenhum co-requisito para estar bem, mas sim um pré-requisito. Perguntei a ele se alguma vez já tentou mudar Marco ou pensa ser capaz de mudá-lo. Ele disse que nunca tentou mudar Marco, pois pensa que a atitude deve partir da pessoa e não dele. Disse que já mostrou várias coisas e ainda mostra que não concorda, mas quanto à atitude de mudar Vitor reafirma ter que ser iniciativa do próprio parceiro.

Quando Vitor está solteiro, vai para a balada sempre na tentativa de ficar com alguém. Porém, se não encontra, volta mais deprimido ainda. Diz ele: fica um círculo vicioso. Diz que tal estado era comum na época de faculdade e ainda hoje, embora um pouco menos.

Descreve-se numa boate: observa detalhadamente tudo a sua volta. Disse da visão 360 graus: “observa atentamente a tudo e a todos. Sempre analisando: compensa, compensava, não compensa. Como se a boate fosse um ambiente de catação”.

Vitor se reconhece super vingativo. Afirma que faz valer o ditado: “vingança é um prato que se come frio”.

A respeito de sua homossexualidade, perguntou-me como eu reconheci nele o gostar de homens. Eu disse a ele que não havia me dito, porém eu não me lembro em qual momento passou-me pela cabeça que ele fosse. O motivo de eu ter pensado não foi pelo jeito afeminado – até porque Vitor não apresenta trejeitos – mas acho que o fato de ter sido extremamente atencioso com meu gato, me fez pensar que talvez ele fosse.

Aproveitou pra me falar que já notou uma correlação muito evidente entre homens que são homossexuais e gatos. Afirmou também que na clínica veterinária onde trabalha (Vitor é

veterinário), é muito comum “homossexuais que têm uma grande afinidade com gatos”; e ainda acrescentou que são homens muito polidos e educados: “É raríssimo um heterossexual chegar com um gato falando eu amo gato.”

A respeito da estética, disse que esta é também muito evidente na maioria dos gays. Afirmou que os gays são muito ligados à marca, produtos de beleza e detalhistas. Vitor gosta de “homens com o perfil, com o físico, conduta e aparência **de homem**” e acrescenta achar estranho um homem que gosta de homem procurar homens afeminados. Deveria procurar uma mulher, então, segundo ele: “Eu não consigo encontrar uma justificativa plausível para encontrar nos homens traços de mulheres”. A tal asserção tão diretiva novamente temos o testemunho de Ney Matogrosso: **“Eu tive mulheres, mas sabe que era um incômodo muito grande para o movimento gay quando eu dizia que gostava de mulheres também. Eles diziam que isso não existia. E eu então não sei de que planeta eu sou. Se isso não existe, eu não sou daqui”**.

Acrescentou que há uma diferença considerável em termos de estética gestual entre meninos com idade próxima aos 20 e homens com idade próxima aos 30, 40, 50 anos acima, donde ele acredita que, aqueles possuem um comportamento muito feminino talvez o seja devido a maior liberdade de expressão nos dias de hoje. Pensa que o fato de quase não encontrar homens afeminados com idade superior a 30 anos é devido terem nascidos numa época onde o preconceito era bastante notório. Desta forma, tinham que frear os gestos.

Com relação a ânsia de encontrar alguém, pensa não selecionar bem as pessoas com as quais ele se relaciona. Relembra então o ex-namorado, cujo apelido era “lariatixa”, por ser muito branco, que trabalhava como frentista de loja: “Nossa, ele trabalhava na Renner e era frentista de loja. Eu pensei, não é possível, eu tenho que evoluir. Quero no meu nível, que tenha no mínimo uma graduação”. Acrescenta que seu atual namorado, Marco, também, é frentista de loja: “Acabou que rodei, rodei e acabei no Marco”.

Marco faz um curso técnico, embora Vitor diga que de pouco adiantou, pois “a pessoa entrou na faculdade, mas a faculdade não entrou na pessoa”. Marco, que é vendedor (Vitor o chama de “frentista de loja”) demonstra pouca empolgação com o curso, pois não cria expectativas profissionais, não dialoga com o parceiro e não se dedica aos estudos. Acrescentou que foi reprovado em duas disciplinas porque o mesmo dá mais atenção à academia do que aos estudos. Segundo ele, é o tipo que prefere ficar com o corpo sarado do que dedicar-se mais tempo aos estudos. Comentou de um episódio em que jogara água sanitária em um terço de um perfume de Marco, pois este teria feito passar raiva.

Os três homens que apareceram em sua vida com maior nível de instrução, tinham um desequilíbrio grande, segundo ele. O primeiro foi o Flávio, advogado, bem de vida, mas que usou cocaína toda a vida. Vitor disse que Flávio era uma pessoa muito estranha e que parecia sofrer de Transtorno Bipolar: “ao mesmo tempo que estava bem, rapidinho já não estava mais”. O relacionamento com Flávio durou um mês.

O segundo homem, Rafael, era um pediatra que logo depois entrou em depressão profunda. Vitor afirmou que o ex-companheiro tinha um perfil emocional bastante desequilibrado. Vitor em seguida diz “Acho que não deu certo porque ele era alérgico a animais”. Neste momento pensei que a exigência de Vitor de que o parceiro goste de animais, a ponto de afirmar que o relacionamento não deu certo por conta disso, é bastante exagerada e absurda. Vitor percebeu Rafael muito preocupado com a parte financeira, de forma que valorizava mais a vida profissional em detrimento da pessoal. Ressaltou também que Rafael não se abria aos pais.

Diferentemente de Rafael, teve um relacionamento bastante conturbado com episódios de agressão física – Vitor chegou a rasgar as roupas do corpo do parceiro, deu-lhe uns pescoções, chegando até mesmo a rolarem no chão. André, cujo apelido era “largatixa branca” por ser “magricela e pequenina”, era frentista de loja – profissão esta que não agradava muito a Vitor.

Vitor aproveitou para fazer um comentário a respeito da importância da profissão no entrosamento com colegas. Disse que, geralmente, as pessoas tendem a interagir mais com aquelas pessoas cuja profissão atribui ao sujeito um status profissional mais notório do que uma pessoa que, por exemplo, trabalha de vendedor ou é frentista de posto.

A respeito das paradas gays, ele diz: “pode ser até preconceito mas eu não acho nenhum pouco correto homem se vestir de mulher ou ser afeminado.” Disse também que não tem coragem de andar com pessoas que se vestem ou se comportam assim e que por isso não vai a parada, pois se sente mal. Ressaltou que a forma de se vestirem e comportar nas paradas são abusivas e vulgares e vão desde mostrar as partes íntimas tais como nédegas, peitos até a prática do sexo. Pensa que tais comportamentos fazem com que o protesto perca o sentido e a força principal que é a de que o homossexual merece e é digno de respeito assim como qualquer outra pessoa.

Vitor reconhece a importância da parada gay através dos movimentos políticos e ressalta a importância dos mesmos no meio GLS, pois acredita que o “movimento GLS tem uma representação significativa com relação ao eleitorado e isso pesa para qualquer aprovação. O político começa a prestar mais atenção para aquilo que ele acha ser mais relevante. Então, mostrar nas manifestações que o número de homossexuais não é pequeno (...) é importante no meio político, desde para a criação de decretos ou portarias, leis federais e estaduais em defesa do homossexual ou de algo pertinente ao assunto, isso com certeza conta.”

Apesar de Vitor reconhecer sua liberdade de expressão no meio gls, tem seu mundo dividido: “eu tenho duas vidas, o Vitor Araxá e o Vitor Uberlândia” – sua família reside em Araxá. Quando perguntei sobre beijar em público, disse que nunca beijou em público, no entanto não sente necessidade. Ressaltou que, em Araxá, por seus pais morarem lá, ele fica mais quieto.

Com relação à frequência e/ou necessidade de praticar sexo, afirma que já melhorou muito, pois se antes ele queria fazer sexo três, quatro vezes ao dia e se possível todos os dias, hoje nem tanto. Diz ele “está próximo da normalidade”. Afirmou que às vezes chegava a fazer sexo, praticar masturbação e ainda assim sentir falta. Disse também que seus parceiros tinham uma necessidade tão intensa quanto a dele, de querer afoitamente, todos os dias e a todo momento. Hoje tem necessidade de fazer uma vez ao dia e todos os dias. Comentou que no início de seu primeiro namoro com Marco tinham que dormir em camas separadas, porque se não, haveria a necessidade urgente de ter relação sexual a noite inteira e acabava que não dormia, acordando exaustos no outro dia. Vitor comentou que “tinha uma ereção atrás da outra”.

Num determinado momento, Vitor questionou a mim sobre o significado dos sonhos – ele queria saber o significado de um sonho seu, sempre recorrente desde a infância. Descreveu o sonho em poucas palavras: disse que dirigia um carro, cujo volante – aderido a mãos e braços – escapava do painel.

Eu perguntei a Vitor sobre a questão da atividade e passividade do ato sexual. Com relação a ser ativo e passivo no ato sexual, Vitor já disse ter feito passivo, porém prefere ativo. Nos relacionamentos anteriores, seus parceiros eram sempre passivos. Comentou de um que, se Vitor pedisse para fazer passivo ele perdia a ereção na hora; ficava tão nervoso e tão tenso que perdia a ereção. Vitor disse que a maior parte dos homossexuais são passivos, apesar de que talvez tenham tido a oportunidade de vez ou outra ficarem com homens que em sua maioria preferiam a postura passiva. Perguntei a Vitor se já havia sofrido algum tipo de discriminação e ou preconceito e ele disse que na escola, quando cursava no ensino fundamental, sim. Primeira e quarta série, os meninos falavam “olha o viadinho”, e isso o reprimia. Vitor, nestes momentos, ficava calado, no canto dele. Depois disso disse ter sofrido preconceito somente com a vizinha da frente, sobre a questão do lixo. Relatou que quando foi conversar com ela

sobre o perigo de atrair animais peçonhentos, a mesma foi bastante agressiva, lhe disse palavras de baixa moral dentre elas, que Vitor era um gay. Vitor tinha algumas informações que poderiam comprometer a vida da vizinha, motivos relacionados principalmente com traição. Achou bastante desrespeitoso este comportamento e pixou o muro da casa da vizinha, com um símbolo na qual desenhava a parte genital de um homem.

Com relação às tentativas da ciência para explicar a atração entre duas pessoas do mesmo sexo, Vitor se mostrou favorável, porém ressaltou a possibilidade da mesma em querer e poder controlar o comportamento homossexual, através de tais achados.

Vitor finaliza o encontro “Favor retribuir desta entrevista. Se você vem analisando perfil e encontrou alguém interessante, por favor, me apresente após a análise”- e ri muito!

Vitor me deu muitos detalhes de sua vida e não menos do meio GLS. Entretanto, alguns merecem maior destaque: sua grande afinidade com animais, o fato de ter sido quase toda parte de sua vida uma pessoa solitária, e o medo da solidão, o que faz com que selecione muito rapidamente seus companheiros.

Vitor se encontra num estado bastante especial: o encontro consigo mesmo. Na verdade, mesmo que os encontros sejam com seus amigos, colegas de trabalho e, em algumas oportunidades, com alguns afins em noites de boates, Vitor, na maioria das vezes, encontra consigo mesmo. Porém, na eminência deste encontro, seus risos emergem pois há uma necessidade de romper com a possibilidade de **prolongar** o encontro.

A intensidade do encontro de Vitor consigo mesmo parece ser, em comparação com outros encontros, muito desigual, ou seja, a intensidade com que Vitor se percebe é muito mais significativa do que os demais encontros, principalmente com os seus amigos e colegas de trabalho. Ele menciona “A solidão é algo que me afeta diretamente”. Uma espécie de proteção se faz necessária para que o encontro consigo mesmo não seja tão penoso; proteção no sentido de, neste momento, camuflar seu próprio desconhecimento de si mesmo. O fato de sempre rir

(Vitor ri muito, provoca com muitas brincadeiras, tira “sarro”) é algo que o permite não se encontrar durante as relações com seus amigos mais chegados. O riso provoca um distanciamento entre sua representação e o que de fato demanda do momento em que está sozinho. Talvez as conclusões que emergem no momento aumentem mais a sua angústia: o fato de realmente acreditar que não pode ser feliz sem um companheiro. É o medo que conduz este processo. O medo de ficar sozinho representa o medo de ficar consigo próprio. Consiste em promover um certo distanciamento para que esse o proteja de si mesmo, pois talvez tal encontro acabe em tragédia. Lembrei-me do momento que Vitor sentiu vontade de agredir o parceiro e assim o fez. Algo que foi como ele quisesse ser notado ou bastante notado.

O fato de Vitor sentir necessidade de ter relações sexuais três, quatro vezes ao dia, e todos os dias, demonstra a necessidade de contato, de reconhecimento ou de sentir que possa existir tal como é, e que está vivo; sentir que alguém o aceite da forma como é e está ali com ele. Tem uma presença constante, inclusive uma presença física bastante forte. Penso que o fato de sua tia ter sido morta quando ele com ela morava no apartamento em Belo Horizonte foi outro fato que o colocou próximo ao narcisismo absoluto: morrer sozinho num quarto de apartamento. Relatou que teve muito medo de morte naquele momento, pois o homem entrou no apartamento quando Vitor se escondera do mesmo. Qualquer possibilidade é válida para sentir que se está vivo. Em outras palavras, estar só é estar quase perto dos momentos que eu diria de “não existência” e, portanto, de não sentido para o ele. O tempo que Vitor ficou imerso nessa solidão foi bastante grande: até entrar na faculdade. Fato compensado pela sua grande afinidade com animais e por passar maior parte do tempo com eles. É desta forma que uma espécie de proteção contra ele mesmo se faz: a interação com as pessoas cumpre este papel. Me olhem, me notem, pois, caso contrário, meu eu já não há mais. É desta forma que o comportamento grandioso se efetiva. Uma troca; a pobreza infinita o encontra e o força a demandar atenção das pessoas para que tal encontro consigo mesmo não se efetive. É

necessário ressaltar que me refiro ao narcisismo, à necessidade de proteção do eu. O eu não pode ser encontrado, donde surgem as risadas. Em outras palavras, o narcisismo se manifesta nas risadas em contraste com a solidão, que o cerca quando ele está sozinho.

Em “Amor Líquido- sobre a fragilidade dos laços humanos” Bauman (2004) ressalta sobre as novas configurações de relacionamento humano. Vitor é um homem flagrado por expectativas que emanam de tais meios que Bauman descreve:

Manter-se em alta velocidade, antes uma aventura estimulante, vira uma tarefa cansativa. Mais importante, a desagradável incerteza e a irritante confusão, supostamente escoraçadas pela velocidade, recusam-se a sair de cena. **A facilidade do desengajamento e do rompimento (a qualquer hora) não reduzem os riscos, apenas os distribuem de modo diferente, junto com as ansiedades que provocam**”. (Bauman, 2004, p. 13)

As habilidades sociais neste contexto então estão cada vez mais defasadas, pois, não se estabelece um tempo necessário e suficiente para poder saber quem de fato é a pessoa com quem se envolve. Desta forma, parentesco, afinidade, são elos causais, são traços da individualidade que permeiam os convívios humanos (Bauman, 2004, p. 17).

Vitor parece sentir falta daquele amor romântico – moderno, o que para Bauman já está decididamente fora de moda. E desta forma, Vitor compensa a sua frágil relação com Marco nas várias relações sexuais que o mesmo estabelece com o parceiro em uma noite somente. Talvez, o motivo de sua frágil relação com Marco seja devido ao fato de ter dado tanto de si e ter recebido tão pouco em troca, fazendo Vitor sentir-se em descrédito. É como se dissesse: “Doei tanto de mim em tão pouco tempo e recebera tão pouco em tempo considerável.”

Com relação a notável frequência de relações sexuais estabelecidas com o parceiro – numa noite somente – Vitor afirmou que haviam noites em que eles tinham que dormir em camas

separadas pois se assim não fosse, ele não daria conta de acordar no outro dia, visto que Vitor tinha uma ereção atrás da outra. Nota-se que, em meio à fragil relação existente entre Vitor e Marco, na qual a expectativa de Vitor com relação ao parceiro não é preenchida suficientemente, a proximidade entre os parceiros na cama revela-se exagerada, principalmente da parte de Vitor, que já chegou a ter quatro relações sexuais decorrente das ereções sucesivas em uma única noite. É uma tentativa rápida, inesperada e impactante de sentirem que estão ligados um ao outro. Mas logo Vitor volta para a posição que se encontravam antes: distante, por não enxergar um vínculo coeso o qual se possa reconhecer no parceiro. Por isso Vitor diz: “Não sei que que eu estou fazendo com ele até hoje”

Bauman (2004), a respeito da ligação intensa, porém transitória e periódica, conferida pelo ato sexual, afirma:

União – porque é exatamente o que os homens e mulheres procuram ardentemente em seu desespero para escapar da solidão que já sofrem ou temem estar por vir. Ilusão – porque a união alcançada no breve instante do clímax orgástico, ‘deixa os estranhos tão distantes um do outro como estavam antes’, de modo que ‘eles sentem seu estranhamento de maneira ainda mais acentuada.’ Nesse papel, o orgasmo sexual ‘assume uma função que o torna não muito diferente do alcoolismo e do vício em drogas.’ Tal como estes, ele é intenso – mas ‘transitório e periódico’. (Bauman, 2004, p. 62)

A partir das falas descritas acima, pode-se afirmar que, a idéia que Vitor tem de Marco é que este não faz planos para o futuro – tais planos abrangem tanto o âmbito pessoal quanto o profissional. Talvez faça sentido para Marco que, o ambiente no qual ele faz o curso funcione como uma mera ferramenta estética no sentido de ser mais um local que oferece a possibilidade de exposição de seu corpo malhado, já que a conversa não é uma habilidade das mais forte de Marco. Vitor resume a vida de Marco em “vidinha” e complementa: “a vida dele

é trabalho, academia, academia, casa”, pois segundo ele atribui pouca importância ao curso que faz.

Tal situação gera bastante desconforto em Vitor, tal que suas expectativas com relação à mudança de atitude do parceiro o faz recorrer aos inúmeros diálogos que já teve com o mesmo. As falas de Vitor que refletem este desconforto é quando ele diz “nossa, ele trabalhava na Renner e era frentista de loja. Eu pensei, não é possível, eu tenho que evoluir, quero no meu nível, que tenha no mínimo uma graduação”. Depois lembrou seu último namorado – na época da entrevista ainda eram namorados – Marco e disse “acabou que rodei, rodei e acabei no Marco.”

A consequência de tal situação é que Vitor sempre reforça sua expectativa através das inúmeras conversas que já teve com o mesmo. É neste sentido que Bauman (2004) aponta duas possibilidades ou dois caminhos gerados pelo aumento da expectativa e desejo de mudança com relação ao parceiro.

A primeira possibilidade diz respeito àquela na qual o sujeito tem consciência de seu desejo – o desejo de que seu parceiro mude – mas que, pelo medo de perder o outro ou devido a propensão à acomodação no relacionamento, ele evita tais diálogos – as famosas “DRs” (discutir relação) como na tentativa de atenuar ou ofuscar as características do parceiro as quais julga problemáticas. A consequência mais direta então é que ele sempre tenta agradar o outro para fugir do problema (Bauman, 2004, pp. 31-32).

O comportamento de sempre tentar agradar o outro provém de um íntimo desejo seu: o de que seu parceiro sempre o deseje, ou seja, ele quer ser o desejo do parceiro. Bauman (2004) faz um esboço de como seria a fala deste sujeito nesta relação:

Eu amo você, e assim permito que você seja como é e insiste em ser, apesar das dúvidas que eu possa ter quanto à sensatez de sua escolha. Não importa o mal que sua obstinação possa me causar: não ousarei contradizer você, muito menos pressionar para que você

escolha entre a sua liberdade e o meu amor. Você pode contar com a minha aprovação, aconteça o que acontecer... Meu amor é o refúgio tranquilo que você procurava e de que precisava mesmo que não procurasse. Agora você pode sossegar e suspender a busca... . (Bauman, 2004, p. 32)

A segunda possibilidade, contrariamente à primeira, o parceiro deseja ansiosamente que o outro mude a todo custo conforme seu modo ou ritmo de vida de tal forma que inúmeros e sucessivos diálogos se fazem constantes na relação. Assim, o que norteia a relação é o desejo de mudar o outro o todo o tempo, ou seja, o parceiro deseja que o outro seja consideravelmente uma parte de si mesmo (Bauman, 2004, pp. 31-32).

A partir destas análises, que Bauman faz, e tendo como base a relação entre Vitor e Marco, percebe-se então que, ao mesmo tempo em que Vitor não aceita alguns comportamentos de Marco o que o faz recorrer, frequentemente, às conversas que sugerem mudanças por parte do parceiro, Vitor teme ficar sozinho, o que propicia uma certa aceitação no modo de ser de Marco. É desta forma que Vitor aceita a situação: paga-se um preço para não correr o risco de sentir a solidão.

Nota-se então, neste momento, uma certa ambiguidade na relação entre Vitor e Marco, visto que ao mesmo tempo em que deseja, constantemente, que Marco mude, ele se faz aceitar as diferenças do parceiro a troco de não correr o risco de ficar só. Vitor diz “a solidão é algo que me afeta diretamente.”

Vitor também revelou que, em vários momentos pós-término, principalmente quando vai às boates e volta sozinho, volta ainda mais depressivo a ponto de sua alimentação e atividades profissionais ficarem prejudicadas. Não se sente tão empolgado com relação ao trabalho e não faz as refeições como antes. Assim, diz ele “ninguém viu nada em mim.” A outra fala de

Vitor que remete à forma na qual ele significa o ambiente de boate é: “eu observo atentamente a tudo e a todos. Sempre analiso: compensa, compensava, não compensa. Como se a boate fosse um ambiente de catação.”

Bauman (2004), fazendo referência às possibilidades de amar nos dias de hoje, afirma que, talvez, as pessoas pensem o amor como uma habilidade a qual podem exercer – o que seria uma ilusão, segundo o autor – de tal forma que, também, podem aumentar tal habilidade através da prática e da assiduidade do exercício conferidos pela alta disponibilidade e súbita abundância das ‘experiências amorosas’ (Bauman, 2004, p. 19).

Os bares e boates que Vitor frequenta são exatamente os lugares nos quais há essa oferta alta de disponibilidades das experiências amorosas, mas que Vitor, por voltar sozinho pra casa, mais uma vez recolhe-se ao que ele chama de solidão. Vitor frustra-se quando da tentativa de exercício do amor, ele encontra a si mesmo.

Fazendo um adendo ao significado de amor para Bauman (2004), ele acrescenta, também citando Erich Fromm:

Amar significa abrir-se ao destino, a mais sublime de todas as condições humanas, em que o medo de funde ao regozijo numa almágama irreversível. Abrir-se ao destino significa, em última instância, admitir a liberdade no ser: aquela liberdade que se incorpora no Outro, o companheiro no amor. ‘A satisfação no amor individual nao pode ser atingida sem a humildade, a coragem, a fé e a disciplina verdadeiras’, afirma Erich Fromm – apenas para acrescentar adiante, com tristeza, que ‘em uma cultura na qual são raras essas qualidades, atingir a capacidade de amar será sempre, necessariamente, uma rara conquista.’ (Bauman, 2004, p. 21)

Outra consequência, advinda do medo de ficar só, resulta no comportamento de Vitor em assumir compromissos a qualquer custo. É um movimento que consiste em duas posições

opostas, tal como dois pêndulos que se chocam: quer encontrar um parceiro que atenda o seus pré-requisitos, mas ao mesmo tempo, por não suportar ficar só, abre mão destes pré-requisitos e acaba convivendo com modos de ser e pensar diferentes do seu. Tal como afirmou Bauman (2004), a respeito da necessidade de sermos amados, precisamos ser amados para reconhecer em nós mesmos a capacidade do amor-próprio. Este reconhecimento depende do amor que advêm de outras pessoas para com nós mesmos tal que, os outros devem nos amar primeiro para que comecemos a amar nós mesmos (Bauman, 2004, p. 100).

5.4. O CLICHÊ DOS MEUS DIAS- ASSIM EU ME SUSTENTO

O encontro com Assis pode ser resumido numa de suas primeiras falas: “Vim pra Uberlândia para melhorar de vida. Planejo meus dias, meu ano, para começar sempre de cabeça erguida. Traço metas e tento conseguir o que eu almejo”. Assis é garçom de um restaurante conhecido em Uberlândia. Afirma que o fato de ter morado em cidade pequena e poder causar constrangimento aos pais por ser homossexual o impulsionou a mudar de cidade. Tentou suicídio três vezes antes de contar para sua mãe, pois se achava anormal por ser diferente de seus colegas. Percebeu que era diferente quando sentia algo por meninos e não por meninas. Teve seus primeiros contatos com outros meninos quando era criança; disse que como tinha mais primos do que primas e o fato de ter brincado mais com meninos fez com que tivesse esses contatos (durante a infância) com meninos. Assis chegou a ficar com mulheres, mas disse ter se assumido enquanto um homossexual porque o que ele queria era homens. Começou a notar mais nitidamente algumas diferenças entre homossexuais e heterossexuais quando veio morar em Uberlândia. Disse que gays assim como mulheres gostam mais de ficar em casa. É desta forma que caracteriza seu comportamento como feminino: “A gente tem mais vontade de cuidar da casa”. Tem outras particularidades afins como não gostar de futebol (é raro uma mulher jogar futebol) e gostar de cozinhar. É muito nítida a diferença que Assis estabelece entre homens e mulheres, através de tais estereótipos. Ou seja, Assis introjetou bem as noções modernas do feminino (comum a todas as mulheres) e o masculino (comum a todos os homens), através destas diferenças bem demarcadas para ele.

A respeito de seu relacionamento com o parceiro (Assis é casado; já tem muito tempo que estão juntos), não entrou em maiores considerações além de que atualmente mora com o parceiro. Em vários momentos, Assis se esconde através de discursos sobre atitudes

homofóbicas, leis anti-homofobia a favor da proteção ao homossexual, de forma que foram raras as vezes que falou algo sobre si próprio. Assis parece “viver” mais de clichês: planejamento, metas e sobre um futuro melhor. Limitou-se a dizer que é uma pessoa feliz. Ressaltou somente ter alguns problemas no trabalho, pois, além do preconceito que sofreu, alega que seus colegas de trabalho tenham inveja dele. Acredita que muitas pessoas heterossexuais pensam os gays como pessoas que não têm capacidades ou habilidades para desenvolverem bem suas tarefas, visto que já percebeu tais interpretações ocorrerem. Acrescenta que, frente a esse tipo de situação, os homossexuais conseguem cumprir as atividades com maior eficácia e eficiência do que alguns heterossexuais. Disse uma vez ter escutado de sua patroa que tinha sido alvo de inveja por parte dos colegas.

O fato de Assis ter caracterizado o encontro muito mais a nível de conhecimento sobre o estatuto e as leis que favorecem o homossexual fez com que ele falasse pouco de si mesmo. Talvez dois encontros se coincidam: o fato de falar tanto sobre a proteção a favor do homossexual e o dizer tanto desse discurso para se proteger do encontro com um desconhecido. O fato de Assis ter finalizado o encontro me emprestando o guia de proteção ao homossexual, leis GLBTs e assuntos afins me clareou tal hipótese.

O seu nome remete a um deus para quem a forma e a plena iluminação de percepções são como que imprescindíveis entre si. Este deus e tal a forma como Assis se comportou remetem a uma proteção direta de seu eu, bem como o lugar a que habita: uma boa medida de si mesmo para não querer se mostrar mais. É como se Assis se contentasse a viver consigo mesmo; uma verdadeira paixão por si. Irrompe aí a não necessidade de ficar falando demais de si para mim, pois o seu si-mesmo já basta. É assim que o fato de finalizar o encontro me emprestando a revista sobre as leis de proteção ao homossexual faz sentido. Outro motivo que comprova tal disposição é o fato de quase ter processado o funcionário e a empresa na qual trabalhava por preconceito. O fato foi que Assis tinha escutado um barulho, o qual pareciam

estar falando dele. Disse então ao colega que pareciam, pela conversa, gostar tanto dele, pois não paravam de fazer comentário a seu respeito. Então disse ao colega: “você quer ser igual a mim?”, ao que o colega lhe afirmou: “Não, porque você se entrega a diversos homens”. Pediu ao chefe que ele o demitisse porque não merecia ficar em um ambiente homofóbico e preconceituoso. Segundo ele, o chefe afirmou que caso Assis saísse de lá a empresa ficaria prejudicada e perderia muito sem o serviço que ele realizava com muita competência.

De uma forma geral, o encontro permitiu-me entrar pouco em contato com Assis. Mas alguns aspectos podem ser traçados a respeito: Assis mantém uma aparência na qual conjuga com uma espécie de estética de si mesmo; pelo fato de que, a impressão que me deixou é a de se bastar. Uma espécie de auto-centramento sem necessariamente ter que ser visto, percebido ou notado. Parece que as leis lhe bastam para viver bem em Uberlândia. Outra conclusão importante a ser destacada é o quanto Assis demarcou muito bem o que é de mulher e o que é de homem, de tal forma que se encontra bem ajustado a estes conceitos. Talvez ache que o fato de cuidar bem e sempre passar base em suas unhas tem algo a ver com o universo feminino. Universo, talvez a palavra que melhor o defina, quando o encontro consigo mesmo se delineia. Encontrou-se comigo, mas na verdade o encontro de seu si-mesmo foi maior que o encontro com a minha presença.

6. UMA ANÁLISE TEÓRICO-REFLEXIVA SOBRE OS SUJEITOS E SUAS “ANSIEDADES DOS DIAS DE HOJE”: A PLASTICIDADE CORPORAL

Uma das premissas do imediatismo contemporâneo é o fato de que o sujeito nega a si próprio a insustentabilidade de uma autonomia evocada, na medida em que ele se deflagra dependente da visão do outro. Assim, podemos afirmar que, a percepção da corporeidade física equipou o corpo sensorial nas dimensões exteroceptivas e interoceptivas de forma que, se antes o corpo era visto como matéria bruta para a construção de ideais sentimentais, intelectuais, espirituais ou cívico-morais, agora ele se apresenta como um novo *locus* da dignidade ontológica, epistemológica e ética do sujeito (Costa, 2005, p. 95)

Neste contexto, conclui-se que, se o corpo físico – feminino e masculino – foram descritos a partir de ideais modernos estáticos de forma a configurar uma espécie de corpo bruto, agora ele é visto, a partir de um apelo recorrente e sustentado pelo olhar do outro.

Dá-se aí que, para a constituição da sua subjetividade, o sujeito tende a um falso-anulamento, ou seja, um estado em que ele anula o tempo do desejo do outro e precipita uma idéia ou configuração de desejo que ele pensa que fará sentido para o outro. É um ensaio de diversos modos de ser, da mesma forma que, como cartas mostradas à mesa, são embaralhadas novamente para serem, mais uma vez, mostradas.

A ansiedade que permeia este processo é evidente na medida em que o sujeito antecipa e precipita o desejo do outro: ele anseia, a todo custo, o desejo de ser o desejo do outro. É neste sentido que utilizo o termo anulamento, pois a antecipação uma vez evocada não permite nem um espaço e tempo necessários para que este outro se mostre. Ao contrário, este outro já é anulado porque foi antecipado imaginariamente e freneticamente pelo sujeito.

Costa (2005), neste sentido, faz uma consideração a respeito do corpo como moeda de troca na transação com o outro idealizado:

O outro – pais, adultos significativos, figuras culturais ideais – atribui ao sujeito uma completude física, emocional e moral proporcional à sua fantasia de perfeição e exige em troca a submissão a este ideal. Uma vez preso na montagem, o sujeito usará a sua imagem corporal para sustentar o interesse do outro por si. As qualidades sentimentais ou morais que se acrescentarão a esta imagem apenas virão a reforçar o desejo de responder ao desejo de perfeição do outro. O eu, pelo resto da vida, tenderá a fazer da imagem corporal a moeda de troca na transação com o outro idealizado. (Costa, 2005, p. 73)

Este processo, visto sob outro ponto de vista, merece a qualificação de falso pois, mesmo que o anulamento se efetue no momento o qual o sujeito não permite ao outro se mostrar, através de um tempo e espaços necessários, há eleição de objeto. E, sendo, portanto, a linguagem necessária para o reconhecimento e eleição de um outro objeto (objeto que seja portador, qualificado e reconhecido pelo sujeito como dotado de uma subjetividade própria), trata-se de um falso anulamento, mesmo tendo em vista que tal anulamento seja mais abrangente e revogado outras vezes pelo sujeito como um mapeamento possível de sua hiper ansiedade.

Este falso-anulamento se dá na medida em que o mesmo antecede e tenta evocar um estado não enraizado, o qual caracteriza pensamentos inconscientes do tipo “o que este outro quer que eu seja? o que querem que eu seja?”. O termo não estar enraizado é autorizado na medida que o sujeito escolhe novas possibilidades de ser as quais não se remete a formação de uma identidade estável e possivelmente delineável nos relacionamentos que perfaz o mesmo. Assim o mapeamento destes relacionamentos se dá na rapidez as quais inúmeras máscaras são feitas, desfeitas e refeitas mais uma vez.

É neste contexto, acima descrito, que a qualificação do indivíduo pode se dar nos seguintes termos: positividade e negatividade. A positividade é quando o indivíduo se adapta aos relacionamentos contemporâneos, ou seja, quando ele suporta uma velocidade tal que o faça alcançar diferentes modos de ser. O fato de ser suportável para o sujeito possibilita-o atos de performance nos quais ele se adapta às diversas circunstâncias. Não é a multiplicidade dos devires que consta em si a máxima destes relacionamentos. É antes de mais nada a velocidade na qual tais performances são executadas, descartadas e (re)utilizadas.

A negatividade, conseqüentemente, se faz quando o sujeito não acompanha a velocidade acima descrita. O não acompanhar não remete, aqui, à impossibilidade ou impotência do sujeito perante as novas circunstâncias ou demandas dos relacionamentos contemporâneos. É, antes de mais nada, um novo desenho que se delineia: é que as fantasias que agora nutrem o sujeito não são tão maleáveis quanto àquelas descritas acima. Se naquele momento o tempo da performance não possibilita ao sujeito entrar em contato e assumir suas próprias fantasias e expectativas, neste momento o tempo de performance é substituído pelo tempo no qual o sujeito se inclui e se identifica na realidade do outro, ou seja, ele assume e reconhece as fantasias as quais se depende deste outro, para ao menos tentar concluir um pouco de si mesmo. Em outras palavras, ele se reconhece dependente do outro, pois é a partir do outro que seu desejo emerge e faz sentido: é aí que constitui a sua falta, a condição faltante necessária para a formação da subjetividade.

Aponto mais uma vez Costa (2005) que conclui “nosso desejo é o de fazer o outro nos desejar, e nossa satisfação consiste em alcançar, na realidade ou na imaginação, o que antecipamos de forma imaginária (p. 73).

Através da análise que Freud faz sobre as três direções que ameaçam e constituem fontes de sofrimento para o sujeito, pode-se inferir que, a estética do sujeito é a estética do outro, na medida que a este outro sempre lhe será dada a responsabilidade de aprovar ou reprovar

comportamentos/sentimentos. Em outras palavras, se o sujeito tende a encarar o sofrimento advindo de seus relacionamentos com outros homens “como uma espécie de acréscimo gratuito, embora ele não possa ser menos fatidicamente inevitável do que o sofrimento oriundo de outras fontes”, resta a ele aderir-se membro de uma comunidade, com todos seus ditames e condutas morais que uma cultura possui. Assim, como foi dito anteriormente, a consequência imediata, neste contexto, é que a estética do outro funcionará como balizador principal para o sujeito nortear suas condutas, afim de evitar o sofrimento.

Percebe-se então que, a lacuna da incompletude presente na fala destes sujeitos se revela em momentos de ansiedade, nos quais as atitudes reclamadas por eles antecipam estados de super especialização dos seus próprios corpos. É neste momento que um fôlego a mais é desejado por eles, para que estes estados de super especialização se tornem suportáveis a ponto de alcançar novamente vigor máximo num encontro com outro corpo que estará por vir. Assim, o ideal de imagem já antecipado exerce a função de anteparo inicial no qual o sujeito norteia suas condutas, desde as mais perceptíveis- aquelas às quais pertencem ao conjunto do que eu chamo de make-up body- até as formas de conduta mais sutis, cujo conjunto pertencem ao domínio do make-up mind. Pode-se afirmar então que, no momento em que a platéia observa os aparatos make-up body do super corpo, este apenas observa sem calcular o que fará a partir das investidas de outros sujeito. É como se o make-up body hipnotizasse o sujeito desejante de tal forma que o encontro entre os dois corpos não necessitasse de um ensaio corporal perfeito na tentativa de capturar a atenção do outro. Apenas a imagem do corpo basta para que o sujeito hipnotize a platéia ao seu redor. Esta cena funciona como uma prévia imaginativa do que poderá ser encontrado no sujeito exibicionista. A fantasia decorrente da cena ancora tanto na expectativa do outro quanto nas expectativas não preenchidas de encontros anteriormente sucitados pelo sujeito que exhibe o corpo. No momento em que não basta apenas a imagem do corpo, as habilidades mentais apropriam-se

da cena em conjunto com aquelas, na tentativa de seduzir o sujeito com atos específicos de fala, de olhar, de toques e movimentos corporais que permitam ao sujeito esboçar uma idéia ou decodificar o que se está vendo; mesmo que o resultado final da decodificação ou conclusão de quem foi aquele sujeito que eu encontrei seja pouco seguro ou duvidoso. É neste momento que o super corpo antecipa à consciência uma imagem calculada e metrificada do ideal de corpo, que, tomado como pano de fundo, possibilita ao sujeito alcançar os ideais da super potência corporal, encarnando desta forma comportamentos ou condutas ideais tal que o corpo exibido seja notado, diferenciado dos demais corpos e qualificado positivamente pelo sujeito que assiste a exibição.

A valorização científica da racionalidade humana flagrou aos corpos dos sujeitos a possibilidade de se detectar padrões de comportamentos inapropriados ou não adaptados suficientemente, além de uma super análise de condutas, de forma que o sujeito identifique comportamentos ou padrões de comportamento antes mesmo de externá-los ao ambiente. Assim, a idéia de auto-controle e auto-conhecimento (auto-consciência ou consciência de si) exercem a função de um controle prévio do comportamento. A realidade dos sujeitos é, então, ancorada sob um ideal ético e estético que tem como principais fontes: a mídia televisiva (novelas), jornalística, as revistas cujos ditames de moda funcionam como meio para a veiculação e formação de opinião, o cinema e a *internet*.

Diante tal contexto, a realidade dos sujeitos acima descrita é uma realidade rebatida sob um fundo de valores prescritivos de condutas morais, na qual a constituição da subjetividade torna-se irrelevante para o processo de subjetivação do sujeito. “A corporeidade relevante para a singularização da subjetividade é a corporeidade rebatida contra um fundo de valores prescritivos de condutas intencionais. Quando (a corporeidade) é requerida como referente privilegiado da descrição do sujeito, a imagem do corpo já é uma ‘realidade linguística’ ética ou estética”. (Costa, 1995, p. 41)

Outro aspecto na contemporaneidade que reflete o contexto acima descrito é o acúmulo de informações no sentido de fornecer ao sujeito dicas, pistas e formas de ser nos mais diversos contextos possíveis: como lidar com o namorado ou namorada, com a amiga ou amigo invejoso, com o chefe ou colegas de trabalho, como se portar numa entrevista de primeiro emprego, como sair bem numa apresentação de seminário, como ser direto, claro e objetivo na apresentação das idéias, como sequenciar o pensamento de forma que a argumentação apresentada pelo sujeito sustente uma idéia ou tese previamente acreditada, etc. Enfim, uma série de prescrições que a super mente deve se apoderar para poder dar conta eficazmente das demandas suscitadas pela realidade e absorvidas pelo sujeito.

A especialização do corpo, como citei anteriormente, remete a idéia de auto-conhecimento ou consciência de si, de tal forma que a especialização só tenha sentido no momento em que todas as funções ou habilidades mentais humanas sejam reconhecidas- como capacidades potencialmente desenvolvidas pelos sujeitos ou corpos dotados de estruturas cerebrais específicas que os diferencie das demais espécies- e sejam repartidas, tal que a repartição propicie maior clareamento e detalhamento das habilidades cognitivas e dos processos mentais requeridos para que tais habilidades prestem serviço a determinadas manifestações comportamentais.

Por outro lado, a idéia de especialização do corpo que remete a idéia de auto-consciência ou consciência de si, tem como referente principal no contemporâneo, a artificialidade com que tais habilidades são adquiridas. Portanto, pode-se afirmar que, se são, artificialmente, adquiridas, não podem ser desenvolvidas pelo sujeito. É assim que a idéia de super adaptação se delineia ou configura no sujeito. O “super” é no sentido de um movimento brusco e repentino na qual o corpo é deflagrado. As habilidades não pedem tempo mas exigem do sujeito um tempo prévio e calculado para exercê-las. O momento é calculado de acordo com as contingências suscitadas num ambiente o qual determinados eventos específicos tem

maiores probabilidades de acontecer. Desta forma o sujeito é deflagrado sempre em busca de um exercício habilidoso porém num movimento o qual ele não se apropria totalmente delas. O sujeito apenas as reclama num determinado momento, mas depois a descarta, assim como descarta as pessoas as quais necessitou anteriormente para exercer tais habilidades. Em outras palavras, não há o sujeito. O que há no corpo são tentativas de se sujeitar a este sujeito crítico, ou seja, o sujeito tenta incorporar as super habilidades, mas num processo que ele mesmo não se reconhece. Os encontros repentinos com o si mesmo são meras manifestações de infinitas possibilidades de ser.

Retomando a idéia de *make-up body* e *make-up mind*, farei uma delimitação para que a distinção destes conceitos possa ser melhor esclarecida tal que propicie o leitor a um maior aprofundamento das idéias aqui apresentadas. O *make-up body* refere ao momento em que o corpo se equipa de tecnologias corporais modernas visíveis fisicamente e recém lançadas pelo mercado, tais como produtos de estética específicos para o embelezamento da face, quadris, braços, cintura, pernas e pés. Os produtos de mercado que agregam tecnologias de ponta também fazem parte deste conjunto. Assim, carros, TVs, acessórios eletrônicos como *notebooks*, *Ipods* e celulares exercem uma influência distinta passível de privação, ou seja, o corpo moderno é privado e tido como uma confluência de tecnologias que o diferencia dos demais que não portam tais tecnologias.

O *make-up mind* refere às habilidades específicas da fala, do olhar, do toque e demais movimentos corporais que permitem ao sujeito esboçar uma idéia ou decodificar, através de um conjunto ou somatório de percepções, o que está sendo observado. Este esboço feito pelo sujeito espectador é transformado numa espécie de referente que norteará ou conduzirá o primeiro ato de fala até o momento em que o sujeito espectador acredita estar condições de afirmar ou concluir algo sobre o corpo exibicionista.

A correlação existente entre o make-up body e o make-up mind é que aquele consiste na tentativa de se adiantar ao sujeito espectador um retrato ou performance de uma forma de ser e estar do corpo que se exhibe. Assim, através dos acessórios corporais, o sujeito se encontra num caminho não linear de fantasias que possivelmente foram suscitadas e advindas de outros encontros ou faltas não preenchidas. Em outras palavras, as fantasias podem pertencer ao domínio estrito do encontro ali presente como pertencer às outras realidades vivenciadas anteriormente pelo sujeito. É neste sentido que o encontro é posto em cheque pois as fantasias decorrem de um outro encontro que não aquele presente. O corpo exibicionista se torna um mero objeto, uma ponte viável para a descarga imediata de impulsos que não foram elaboradas ou significadas pelo sujeito espectador. O encontro é então uma mera descarga na qual o corpo exibicionista é anulado; é puro objeto.

Pode-se questionar a intenção e até mesmo o estatuto do corpo exibicionista. Como qualificar e diferenciar o corpo exibicionista do corpo atento? Será possível fazer esta distinção, num momento em que se preconiza a imagem e cuja intenção mais íntima dos sujeitos é serem reconhecidos e notados? Não há como fazer uma distinção fixa e imutável, pois aquele que assiste ao espetáculo pode ser assistido por outro sujeito de forma que, num par-relação o sujeito que se porta como espectador pode ser no outro par-relação o assistido. Porém um outro aspecto deve ser levado em conta: a atenção advinda do sujeito que direciona o olhar no primeiro momento do contato; este sim é tido como o espectador. É a partir daí que o corpo assistido se portará como exibicionista. Aparente contradição se atermos ao fato de que a condição do exibicionista é ser assistido por todos e não por um alvo específico. O exibicionista fantasia ser notado por todos. A relação existente é entre ele e a platéia. Mas então, por que qualificar de exibicionista o sujeito cujo olhar lhe foi direcionado primeiramente por outrém? A primeira resposta é que, mesmo que ele não reconheça sujeito primeiro do encontro (aquele cujo olhar foi direcionado primeiramente), ele quer ser notado.

Em segundo lugar, pode acontecer que, o sujeito notado, quando se reconhece na cena corpo desejante- corpo desejado, antecipa para si mesmo a possibilidade de concretização do encontro. Tal antecipação faz do corpo desejado, desejante também. É neste par que o encontro trabalha: ambos sujeitos são desejados e desejantes.

Apesar desta malha proliferante de possibilidades de encontro entre os corpos, o alvo inicial (e principal) é sempre o próprio corpo e as capacidades tecnológicas que ele pode suportar. O make-up body é o pontapé inicial de reconhecimento corporal - reconhecimento do próprio sujeito quanto do outro que o observa. Se analisarmos as condições atuais de visibilidade, vivacidade ou capacidade viril dos corpos, o ser diferente, o ousar e o desejar o impactante se tornam partes essenciais de uma vitrine ambulante.

Num mundo onde a essencialização do corpo é descrita na ditadura do pensamento, do afeto e do sentimento, a competição se torna mercadológica, tecnológica e também pessoal. Consequentemente, à sombra dos diversos estados mentais, o corpo diminuto torna-se enjaulado e clama por mais uma oportunidade de se mostrar. Mas se mostra máquina, motivo este que sucita e deposita expectativas na relação com o outro. Ele quer se mostrar, mas à sua frente há uma máquina delirante que dita a forma e hora certa de seu pensamento.

Neste regime de ditadura corporal, duas outras possibilidades, dentre as várias existentes, que configuram o contemporâneo destacam-se: a competitividade e a imitação. A relação existente entre estas duas possibilidades de relacionamento é que uma anula a outra. Analisemos: se a competitividade insiste em comunicar ao outro que ele pode possuir algo também, a imitação anula o sujeito competitivo pois não há concorrência na imitação, visto que os sujeitos se tornaram semelhantes para um mesmo patamar categórico (por exemplo, ambos possuem o mesmo carro de luxo). Porém, a consequência do comportamento competitivo e imitativo já foi descrita acima: a vitrine se torna necessária para que o sujeito possa se diferenciar dos demais. Outra ilusão, pois assim como ele, o mercado está

estratificado (em categorias sócio-econômicas), ou seja, a amplitude das possibilidades de novos *make-ups bodies* e novos *make-up minds* se faz por estas mesmas categorias, nos quais a quantidade de pessoas é irrelevante e conseqüentemente o que importa é a classe social-econômica que o sujeito adere e pertence.

O sujeito não é um sujeito diferente dos demais, mas sim o reflexo da classe social e econômica que ele pertence. Ele é igual aos demais sujeitos, pois o mercado personalizado para a classe a qual ele pertence é fixa e limita, entre os sujeitos, possibilidades muito semelhantes de ser e de possuir. Acrescenta-se aí que, nestas interações, o sujeito também desautoriza o outro na possibilidade de se ter cada vez mais, fato este que consiste a mola propulsora mercadológica do consumismo: ilusoriamente, consome-se novos produtos, novas formas de ser, na tentativa sempre frustrada de diferenciação e principalmente, destaque com relação ao outro. A homogeneidade (massificação) é temida e sempre convidada a sair de cena. A sociedade do espetáculo confere mais uma cena em que muitos sujeitos participam dela:

O espetáculo consiste na multiplicação de ícones e imagens, principalmente através dos meios de comunicação de massa, mas também dos rituais políticos, religiosos e hábitos de consumo, de tudo aquilo que falta à vida real do homem comum: celebridades, atores, políticos, personalidades, gurus, mensagens publicitárias – tudo transmite uma sensação de permanente aventura, felicidade, grandiosidade e ousadia. O espetáculo é a aparência que confere integridade e sentido a uma sociedade esfacelada e dividida. É a forma mais elaborada de uma sociedade que desenvolveu ao extremo o ‘fetichismo da mercadoria’ (felicidade identifica-se a consumo). Os meios de comunicação de massa são apenas ‘a manifestação superficial mais esmagadora da sociedade do espetáculo, que faz do indivíduo um ser infeliz, anônimo e solitário em meio à massa de consumidores’. (Debord, 1992, p. 32)

Ainda com relação à competição dos corpos na contemporaneidade, acresce então que, o fluir dos corpos permeia necessariamente dois processos: visibilidade e encenação do ato (ou tentativa de visibilidade). A primeira porta de entrada do corpo é então caucionada a partir da primeira ressonância atribuída pela platéia. A estética das vestimentas é de especial importância neste primeiro momento: julga-se ou atribui predicados a outrém a partir de tais vestimentas. É um passo necessário para conferir, mais adiante, maior importância ao corpo; é a base do processo do espetáculo, da cena, bem como do vislumbamento do corpo e enredos que o permeia.

Diante a emersão do corpo na platéia do espetáculo, algumas indagações ainda persistem, ainda que com algum nível de constatação eminente frente as conclusões acima aprofundadas. Assim, faz sentido afirmar que o “homossexual” terá passado a ser uma etiqueta? De que forma ele vira produto de consumo de uma lógica da boutique e na lógica da produção-consumo? Diante as novas configurações e demandas dos relacionamentos contemporâneos, como se dá o compromisso ético com o corpo e como o bem estar físico e a preocupação com a saúde corporal estão camuflados na ética e na estética da existência? Como a beleza e a juventude se tornaram indícios de responsabilidade na capacidade de se autogovernar? Como os constructos identitários como o masculino e feminino caíram por terra e qual a correlação deste fenômeno com a falência do projeto moderno existencial e a divisão social do trabalho? Qual a correlação existente entre a subversão do gênero, a flexibilização dos papéis sociais e as exigências do capitalismo contemporâneo? (as primeiras falas do sujeito sempre iam de encontro com o papel social ou profissão a ele atribuída). Como a competitividade mercadológica impulsiona e estimula a descontinuidade e a não-complementaridade entre o masculino e o feminino?

Diante tais indagações, faz-se necessário citar uma das passagens que Bauman delinea sobre a questão do gênero no contemporâneo. Antes da passagem literal, Bauman faz

referência à obra de Butler “Cuerpos que importan: Sobre los límites materiales y discursivos del sexo” e cita Sigusch cujo ponto de vista assinala que **tanto o sexo quanto o gênero são inteiramente determinados pela cultura, desprovidos de qualquer caráter natural e, portanto, alteráveis, transitórios e passíveis de subversão** (Bauman, 2004, p. 72).

Ainda na questão do gênero no contemporâneo, Bauman reitera:

O que está em disputa agora é o grau em que **vários tipos de inclinações/ preferências/ identidades são flexíveis, alteráveis e dependentes da escolha do sujeito**. Mas as oposições entre cultura e natureza, e entre ‘é uma questão de escolha’ e ‘os seres humanos são incapazes de evitar e nada podem fazer a respeito’, não mais se superpõem como durante grande parte da história moderna e até recentemente. No discurso popular, a cultura se apresenta cada vez mais como a parte herdada da identidade que não se pode nem deve remendar (senão por obra e risco de quem remenda), **enquanto os traços e atributos tradicionalmente classificados como “naturais” (hereditários, geneticamente transmitidos) são cada vez mais considerados sujeitos a manipulação humana e portanto abertos à escolha** – uma escolha em relação à qual, como sempre, quem escolhe deve sentir-se responsável e assim ser visto pelos outros. (Bauman, 2004, p. 73)

Observa-se então que, a plasticidade corporal permeia o ideário contemporâneo visto as mudanças comportamentais decorrentes também das alterações plástico-anatômicas que possibilitam aos sujeitos atuarem de forma imediata e correspondente à desejada expectativa pública. Ser para todos é a máxima da platéia espetaculosa. Isso permite concluir então que, a essência do sexo/gênero é ultrapassada, na medida em que tais comportamentos (comportamentos abertos à escolha) confluem para performances na qual cada possibilidade de ser se revela mais uma surpresa. Andar na linha “certa” do gênero – feminino e masculino

modernos – não revela autenticidade e muito menos promove o enaltecimento do sujeito que, além de tudo, espera a todo custo ser visto, notado e comentado.

O que realmente importa é se cabe ao *homo sexualis* determinar (descobrir ou inventar) qual (ou quais) das múltiplas identidades sexuais melhor se ajusta a ele ou ela, ou se, tal como o *homo sapiens* no caso da ‘comunidade de nascimento’, ele ou ela está destinado (a) a abraçar esse destino de viver sua vida de uma forma que transforme uma sina inalterável numa vocação pessoal (Bauman, 2004, p.73)

Retomando à uma das indagações feitas acima, sobre comportamento, as novas configurações/demandas dos relacionamentos contemporâneos e ainda, sobre o sexo e sua descontinuidade com o gênero, como os constructos identitários – masculino e feminino – caíram por terra e qual a correlação deste fenômeno com a falência do projeto moderno existencial e a divisão social do trabalho?

Obviamente e, pela complexidade de tal questão, não fosse possível explicar aqui, quais, de fato, foram os motivos responsáveis pela não pertinência de tais constructos identitários e a correlação deste novo movimento com a falência do projeto existencial moderno tendo como foco a divisão social do trabalho. Porém, através de indícios e denúncias do contemporâneo, que acabam por vezes escapando à rotina dos olhos humanos – falhos que são – talvez seja possível sim, delinear, mesmo que não totalmente, tal contexto.

O pontapé inicial que utilizarei neste momento será a divisão social do trabalho pois acredito ser imprescindível em tal discussão. O marco inicial para conceber os pontos de ruptura na divisão moderna e social do trabalho se dá a partir da escolarização das mulheres, cuja consequência é a entrada da mulher no mercado do trabalho. A este contexto, soma-se o surgimento da pílula anticoncepcional que separa a sexualidade da reprodução, de forma que

esta – cuja consequência primeira seria a constituição da família tendo como destino a maternidade – não seja necessariamente vinculada ao sexo.

A entrada da mulher no mercado de trabalho restaurou a imagem da figura feminina, até então veiculada pela normativa biológica da diferença sexual, de forma que, se os suportes e/ou qualidades naturais anteriormente ligados a natureza feminina eram correlativos extensos de passividade, natureza melancólica, predisposição às degenerações sexuais, tais como os acessos de calor e a histeria, agora a imagem da mulher foi dotada de uma espécie de agressividade necessária para que seu reconhecimento pudesse ser que não o de articuladora entre a família e a medicina e pedagogia.

Para se ter uma noção da diferença entre a formatação social específica e restrita do feminino, anterior ao processo de escolarização das mulheres, e o impacto social atual e evidente decorrente do mesmo processo, cuja correlação homem público e mulher privado/lar não mais se efetuará necessariamente, retomarei o contexto anterior à escolarização das mulheres.

Assim, de forma breve, pode-se afirmar que, aquela rica e complexa construção baseada não somente na observação, mas também num vasto suporte biológico-normativo cujas consequências iam desde as restrições sociais e culturais, que se ancoravam na prática da ciência, tinham seu alcance também na estética da representação (Laqueur, 2001, p. 202).

Citando novamente Laqueur (2001), sobre as figuras e ilustrações anatômicas, ele afirma:

Toda a anatomia da superfície é demonstrada por homens, embora curiosamente sem músculos, contrariando portanto a reivindicação objetiva que se pudesse fazer quanto às vantagens do corpo masculino de ilustrar as articulações superficiais. Até mesmo as linhas desenhadas esquematicamente para dividir o tórax do abdômen e as marcas para mostrar o curso dos vasos sanguíneos **são vistas em um modelo masculino**; as mãos, em vários

estágios de dissecação, **são mãos masculinas**; a distribuição dos nervos cutâneos é mostrada no desenho **esquemático de um homem**. Parte-se do princípio de que **o corpo humano é masculino**. O corpo feminino só é apresentado para mostrar como é diferente do masculino. (Laqueur, 2001, p. 205)

Retomando o que Bauman (2004) afirmou, se o que está em disputa agora é o grau em que vários tipos de inclinações/ preferências/ identidades são flexíveis, alteráveis e dependentes da escolha do sujeito, tanto a mulher como o homem são tidos como ofertas mercadológicas prontas para serem utilizadas e descartadas a qualquer momento, na medida em que encerram um ideal estético contemporâneo no qual a liquidez das transformações corpóreas perfazem o cenário das relações humanas.

Neste sentido faz-se um questionamento relevante para a problemática da formação identitária aqui proposta: se mulheres e “homossexuais” foram descritos sob um pano de fundo moral, físico e estético masculinista, como realocar a diferença sexual na medida em que o gênero nega, pelo menos aparentemente, tais descrições? Em outras palavras, se há uma concorrência imagética pela confluência do feminino no masculino e vice-versa, como pode ser descrita a formação da identidade de homens e mulheres, visto que neles mesmos se encerram, simultaneamente, ideais estéticos femininos e masculinos?

Me parece que a resposta se encontra num “*imaginário da perfeição*”, no qual a perfeição será conseguida pela *perfectibilidade* física prometida pelas novas tecnologias médicas. O futuro deixou de ser o tempo indeterminado de auto-realização de fantasias emocionais para ser o tempo protocolar das etapas de correção física da aparência corporal. A imagem narcísica de “sua majestade, o bebê” continua hibernando no fundo do eu, mas, agora, sob a máscara do ‘adulto protético’. O corpo físico, em sua dimensão de esquema, volta a ser

julgado como causa real da ferida narcísica, mostrando a compulsão do eu para causar o desejo do outro por si mesmo, mediante a idealização da própria imagem (Costa, 2005, p. 77).

A competitividade e, ao mesmo tempo, a luta pela estabilidade no relacionamento com o outro contribuem então para um quadro de ansiedade generalizada, no qual os sujeitos, cada vez mais, demandam suportar o vazio na medida em que a liquidez das transformações corpóreas perfazem o cenário das relações humanas.

No que tange a manifestação dos movimentos GLBTs percebe-se que a ilusão de amparo, através do reconhecimento de legitimidade dos ideais, convida os sujeitos a manterem uma postura narcísica onde o esfacelamento do eu se dá mediante a incapacidade de preencher as faltas decorrentes dos relacionamentos.

Por outro lado, a idéia de representatividade sustentada pelos movimentos torna-se irônico na medida em que, como afirma Butler (2008), a formação discursiva da representatividade incide sobre a substancialidade ou uma classe natural de ser que vai na contramão dos mesmos ideais de liberdade por eles proposto. O destino tornou-se irônico: se por um lado assistimos ao proliferamento crescente de críticas que questionam a Psicanálise, por outro, incorporaram tais discursos vestindo frágeis identidades na tentativa de garantir a legitimidade do movimento.

Talvez seja preciso lembrar que, afirmou Freud (1930), há “a fragilidade de nosso corpo e a insuficiência das normas que regulam os vínculos humanos na família, no Estado e na sociedade. (...) Nunca dominaremos completamente a natureza, e nosso organismo, ele mesmo parte dessa natureza, será sempre uma construção transitória, limitada em adequação e desempenho” (p. 30).

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As formulações psicanalíticas sobre a sexualidade humana, bem como os campos ou devires em que os modos de subjetivação se manifestam, consistem em grandes fontes de investigação para os pesquisadores. A tentativa de explicação de um comportamento feminino e masculino bem delineado na época moderna fomentou o discurso normativo, calcado num cientificismo e pautado pela justificabilidade de tais comportamentos. Ou seja, as configurações históricas e sociais tornaram o alvo de cientistas e médicos para justificar uma dada natureza feminina e masculina. É neste momento que a identidade de gênero se delinea. As configurações históricas e sociais tais como a apropriação do espaço público e o pai provedor – provedor econômico no papel dos homens, e o papel da mulher que fazia gestão do espaço doméstico e ao mesmo tempo promovia o inhome entre a família, a ordem escolar e a ordem médica, se estabeleceram num dado momento em que as modificações históricas eram nítidas. Foi uma queda abrupta do patriarcalismo e ascensão de uma nova classe emergente, a classe burguesa, e suas novas formas de estruturar as cidades foram alvos de um estatuto científico, tal que a biologia e a medicina justificaram através da fisiologia as formas sociais de estruturação das famílias. É assim que estas noções podem ser ditas como trans-históricas, na medida em que os conceitos e delimitações do que se chama feminino e masculino são aceitos.

Assim, este trabalho, que possui como premissa fundamental a divisão ética e cultural, que funciona como um mero discurso pautado no cientificismo moderno é inexistente quando se tenta circunscrever as identidades de gênero ou identidades sexuais. Assim, como afirmou Foucault, se os discursos de poder vigoram na medicina, na política e em quaisquer meios institucionais, são nestes mesmo locais que o poder se faz valer mais veemente, bem como as

noções ou discursos pautados em estabelecer a diferença entre os sexos. Foi desta forma que Foucault denominou a bio-política.

Podemos ver através dos achados históricos, como o corpo da mulher foi tomado como linha principal de modificação das tentativas de se apoderar ou controlar um determinado saber. Verificamos o estatuto da mulher de não existência ou não significação política ou social nas sociedades antigas. Vimos também como as hierarquias sociais, a divisão das mulheres que tomavam conta da casa e as hetairas no mundo antigo já nos mostravam como a história implica o sexo e o gênero de tal forma que não se é possível pensar jamais o conceito de “o homem” ou “a mulher” bem como “o homossexual” se não levarmos em conta os aspectos históricos e a visão de mundo de uma dada época; em suma, como o sexo determina o gênero e é por ele delimitado. Da mesma forma e em contrapartida é que a medicina tradicional apropriou e denominou o tipo homossexual. Assim, através de um discurso pautado na neutralidade científica, que a identidade homossexual foi sendo aceita, como uma identidade fixa e própria comuns a todos os homossexuais. Em outras palavras, o discurso moralizante fundiu ou alicerçou-se no discurso dito científico e neutro, tal que as qualidades prescritas de um ser homossexual fossem compatíveis à criminalidade, à perversão e o incesto. Em outras palavras, da mesma forma que se acreditava existir uma natureza feminina, acreditava-se numa natureza homossexual. Mais interessante é que o corpo masculino nunca foi posto em cheque, pois tais indagações poderiam resultar em achados científicos pouco propícios para a apropriação do espaço público juntamente com a divisão social do trabalho.

Assim, em contraste e oposição direta com as delimitações, sejam elas científicas ou popularmente morais impostas aos sujeitos, tendo como base primeira a diferença sexual, é que tais encontros me causaram uma certa curiosidade e desconfiança das noções muito rígidas que delimitam as diferenças baseadas na diferença sexual. É desta forma que pude verificar através dos encontros com essas pessoas um maior aprofundamento de quem são

elas, como vivem as suas vidas, especialmente suas vidas afetivo-amorosas, bem como exercem suas sexualidades no mundo contemporâneo. Verifiquei que algumas delas possuem bem sedimentadas e instituídas as noções que delimitam o feminino e o masculino da época moderna, quando a forma à qual organizam suas vidas vai de encontro direto com a forma de organização social na qual a mulher moderna foi inscrita. Verifiquei também o quão diversa é a forma que vivenciam sua sexualidade, de forma que o termo identidade homossexual é, de longe, estranho e absurdo.

Observei também, principalmente, como estes sujeitos lidam com as novas formas de relacionamento pós-moderno e as conseqüências para os mesmos. A dita sociedade líquida na qual Bauman tanto se referiu traz conseqüências diretas para a vida dessas pessoas. A mercadoria como forte aliada num mundo onde as transições não passam de meras aparências pode se configurar e fazer sentido num mundo onde as efêmeras relações tem dia e hora para chegar, bem como dia e hora para partir. Em outras palavras, as pessoas buscam identidades ou formas de ser dependendo da forma como se vestem ou o grupo a qual se identificam. Comentado uma vez somente por um dos entrevistados, é de se pensar como os “emos” foram sendo produzidos, de tal forma que em nenhuma outra época poderia se ver uma figura como essa, bastante notória nos dias de hoje e que particularmente possui uma forma de se vestir e se expressar. Desta forma, torna-se curioso como então os “emos” são produzidos, tal que produzem modos de subjetivação calcados na aparência física e na estética corporal. É aí que a noção de mercadoria se faz importante, principalmente não só nas formas de procurar ou se identificar com os grupos, mas também no modo como essa mesma mercadoria se relaciona com a sociedade de espetáculo, termo utilizado por Guy Debord, e com o consumismo que é seu sustentáculo.

Assim é nítido como esses sujeitos vivem a (e não na) sociedade do espetáculo, como sendo ele próprio o espetáculo. Talvez aí sim faça sentido a forma mais perversa de ser (modo

de subjetivação mais frequente) da sociedade de consumo. A valorização da estética corporal, o bem vestir, o bem comer, o causar sempre, os ambientes de catação (as boates) delineiam-se neste momento: vestir-se bem para poderem pegar muito:

O espetáculo consiste na multiplicação de ícones e imagens, principalmente através dos meios de comunicação de massa, mas também dos rituais políticos, religiosos e hábitos de consumo, de tudo aquilo que falta à vida real do homem comum: celebridades, atores, políticos, personalidades, gurus, mensagens publicitárias – tudo transmite uma sensação de permanente aventura, felicidade, grandiosidade e ousadia. O espetáculo é a aparência que confere integridade e sentido a uma sociedade esfacelada e dividida. É a forma mais elaborada de uma sociedade que desenvolveu ao extremo o ‘fetichismo da mercadoria’ (felicidade identifica-se a consumo). Os meios de comunicação de massa são apenas ‘a manifestação superficial mais esmagadora da sociedade do espetáculo, que faz do indivíduo um ser infeliz, anônimo e solitário em meio à massa de consumidores’ (Debord, 1992, p. 32)

Pode-se dizer então que são nestes movimentos de fluxos constantes e contínuos que o ser se descobre. Torna-se ser potente e não cristalizado, desprovido de qualquer natureza íntima que o fizesse ser tal como é. Como afirmou Heráclito: “Tudo flui”. Somos como fogo que ora se acende, ora se apaga, tal que as modificações mantidas nos dias de hoje não passam de mera camada, mera poeira, pois o exigir-se hoje em dia é muito comum. É assim, neste meio em que eles se encontram, nesta sociedade que é de negação de um modo de subjetivação mais dinâmico. Procuram eles um certo tipo de felicidade (também através da mercadoria) em meio ao esfacelamento da capacidade de liberdade de escolha, já totalmente preenchida em seu imaginário pela satisfação garantida, a partir de um real fabricado, que finca e irradia os

seus espectros num mundo cada vez mais saturado pelas imagens. Assim, diz-se esfacelamento da liberdade de escolha. Em outras palavras, não se tem mais tempo para pensar em uma libertação de novas subjetividades. Todo o vir-a-ser das possibilidades subjetivas é logo capturado em estruturas pré-fabricadas. A pseudo-liberdade é tomada como a fonte de escolha certa do indivíduo, pois se não, já não é mais liberdade ou livre arbítrio. Como no livro de Robert Musil “*O homem sem qualidades*”, onde a falta de qualidades do homem sem qualidades não se refere, portanto, à falta de boa qualidade, mas no sentido de uma predicação individual na qual uma característica que tanto pode ser atribuída a uma coisa quanto pode emanar de sua constituição como um todo. Ou seja, o homem sem qualidades, remete a um tempo (no caso, tempos atuais) em que foi desprovido de todas as qualidades ou atributos, tanto os essenciais ou substanciais, quanto os acidentais ou casuais, bem como das qualidades constitutivas ou determinantes de um sujeito. Assim, sem nenhuma habilidade, foi forçado no decorrer dos dois acontecimentos que marcam o livro, a treinar e tornar tais capacidades ou habilidades reais, postas em ação, em ato, de tal forma que tais habilidades não perdurariam sempre, donde a necessidade de colocá-las sempre em prática para que não pudesse perder o “como fazer” ou “como ser”.

A qualidade não essencial pode ser remetida e debatida contra um fundo não prescritivo e não moral donde o que importa não é como classificam ou modelam o sujeito, mas o que ele faz da forma como lida ou descreve a sua vida: seus encontros, seus desejos, suas representações, seus devires e principalmente a forma como se dá tão distintivamente e peculiarmente a forma de ser num espaço e tempo mesmo que históricos, mas de possíveis e inúmeras contingências. É deste meio que estas pessoas conduzem as suas vidas de diversas formas, a qual a minha força é mostrar e lutar pela não essência e não cristalização do ser. Tal posicionamento tem como norteador geral também o como a psicanálise pode intervir na clínica ou no espaço da cultura, alterando, minimizando ou combatendo o preconceito sexual

moral. Assim, do meu ponto de vista, a forma estável ou a essência imutável da homossexualidade é visivelmente notada quando continuamos insistindo em chamar de homossexuais e, em buscar qual o trauma, o desejo, a fantasia e o gene. O grande problema assim é como descrever “positivamente” velhas realidades, colorindo o que era cinza.

“Eu pedia a Deus para me matar mas não me deixar ser aquele rapaz que eu vi em Bela Vista. Até que uma noite, quando estava na Aeronáutica, levantei e dei de cara com dois remadores másculos, um sentando em um beiral e o outro de pé, abraçado a ele. E eu percebi que era uma coisa que estava acontecendo ali que eu não sabia nem que era possível. Aí admiti a possibilidade, mas com o seguinte porém: eu não iria fazer nada com qualquer um só para dizer que eu havia me resolvido. Isso só foi acontecer quando eu tinha 20 anos. Eu me resguardei, na ilusão de que um relacionamento entre homens seria diferente de um relacionamento entre homens e mulheres (risos). E que portanto tudo de bode e chatice desses relacionamentos não existiria. E eu caí na triste realidade de que tudo é igual, homem com mulher, mulher com mulher, homem com homem. É tudo igual. Muita coisa rolaria água abaixo se na verdade todos se revelassem como são. E eu estou falando da favela ao Palácio do Planalto”

(Ney Matogrosso em entrevista ao *Jornal O Estado de São*

Paulo – sábado, 29 de janeiro de 2011)

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Áran, M. (2009). *A psicanálise e o Dispositivo Diferença sexual*. Rev. Estud. Fem. , Florianópolis, (17) 3, 653-673.

ALTOÉ, S. (Org.). 2007. *A Lei e as leis. Direito e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Revinter.

Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos* (C. A. Medeiros, Trad). Rio de Janeiro: Jorge Zahar

Butler J. (2008). *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade* (Renato Aguiar, Trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Costa, J. F. (1995). *A face e o verso: estudos sobre o homoerotismo II*. São Paulo: Escuta.

_____. (2005). *O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Garamond.

Debord, G. (1992). *A sociedade do espetáculo*. Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto.

Foucault M. (1988). *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal.

Foucault, M. (1984). *História da Sexualidade II: o uso dos prazeres* (7ª ed.). Rio de Janeiro: Graal.

FREUD, S. (1930). *O Mal-Estar na Civilização* (Paulo César de Souza, Trad.). São Paulo: Penguin e Companhia das Letras.

Green, J. N. (2000). *Além do carnaval: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX* (C. Arantes, C. Fino, Trad.). São Paulo: UNESP.

Herrmann, F. (1999). *O que é Psicanálise: para iniciantes ou não...* 13ª ed. São Paulo: Editora Psique

Herrmann, F. (2001). *Andaimes do Real: O Método da Psicanálise*. 3ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo

_____ (2004). *Introdução à Teoria dos Campos*. 2ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo

Laqueur T. (2001). *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

Parker, R. G. (2002). *Abaixo do equador* (R. Vinagre, Trad.). Rio de Janeiro: Record.

Scott, J. “*Prefácio a Gender and Politics of History*”. IN: Cadernos Pagu: desacordos, desamores e diferenças. Campinas: PAGU/UNICAMP, 1994, v. 3.

Yourcenar, M. (1981). *Alexis ou o Tratado do Vão Combate*. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira.

ANEXO A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada “O corpo ‘homossexual’ e a lógica do consumo: os simulacros e as tentativas de liberdade”, sob a responsabilidade dos pesquisadores Prof. Dr. Caio César Souza Camargo Próchno e Fernanda Alves de Araújo.

Nesta pesquisa nós estamos buscando entender se, realmente, existe ou não uma liberdade de expressão quando se trata de assumir a condição ‘homossexual’ especificamente na cidade de Uberlândia.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será obtido pela pesquisadora Fernanda Alves de Araújo antes da entrevista ser realizada, partindo-se do pressuposto que os sujeitos tenham concordado em colaborar com o trabalho de pesquisa. Na sua participação você será entrevistado e suas falas serão gravadas através de um suporte eletrônico (Ipod). Não será preciso que você me diga seu nome. Serão feitas algumas perguntas para você, que responderá aquilo que quiser (não existe tempo mínimo nem máximo para que você me responda às perguntas). Com relação aos encontros que teremos, eles realizar-se-ão no local de sua preferência. Caso haja necessidade devido a problemas de tempo, ou quando a entrevista precisar se alongar um pouco, talvez seja interessante que haja mais de um encontro. Isto será conversado consigo no momento final de uma primeira entrevista. Das suas falas, tentarei entender se realmente você se sente livre para expressar ou não a sua sexualidade na cidade de Uberlândia. Após a transcrição das gravações para a pesquisa as mesmas serão desgravadas.

Em nenhum momento você será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados, e, ainda assim, a sua identidade será preservada.

Além disso, foi esclarecido sobre a metodologia do estudo e enfatizado que a participação do entrevistado será resguardada em sigilo e que portanto o mesmo será identificado(a) por nome fictício (pseudônimos) designados pelos pesquisadores. Sua participação é opcional e você não terá nenhum prejuízo moral, gasto direto ou indireto ou benefícios por ter participado do estudo e que poderá se retirar do mesmo a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação se assim optar. Foi assegurado(a) também que suas informações serão utilizadas unicamente para fins de pesquisa científica e que ao término do mesmo o sujeito terá acesso à versão final a ser publicada.

Portanto, declaro que concordo em participar deste estudo e assino o presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido como formalização do aceite.

Uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: Caio César Souza Camargo Próchno – (034) 32314481 ou Fernanda Alves de Araújo – (034) 9233-5134, no seguinte endereço: Avenida Av. Maranhão, s/nº, Bloco 2C, Sala 2C54 (atrás da TV Integração). Poderá também entrar em contato com o Comitê de Ética na Pesquisa com Seres-Humanos – Universidade Federal de Uberlândia: Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco J, Campus Santa Mônica – Uberlândia –MG, CEP: 38408-100; fone: 34-32394131
Uberlândia, ___de _____de 2010.

Assinatura dos pesquisadores

Eu, _____, aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.